Literatura



Monteiro Lobato
A Chave do Tamanho

Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

A Chave do Tamanho

Monteiro Lobato

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente em 1941.

Livro Digital nº 1059 - 1ª Edição - São Paulo, 2019.

Literatura Infantil - Literatura Brasileira.

José Bento Renato Monteiro Lobato
(1882-1948)

Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

***

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: *iba@ibamendes.com*, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

***

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, MOBI, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

***

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem qualquer critério. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

ÍNDICE

MONTEIRO LOBATO: ASPECTOS BIOGRÁFICOS

José Bento de Monteiro nasceu na cidade de Lorena, em 1882, Estado de São Paulo, onde fez o curso primário, após o qual transferiu-se com a família para a capital do Estado, ali fazendo o curso de humanidades. Fez o curso Jurídico na Faculdade de Direito de São Paulo, diplomando-se em 1906. Em seguida à formatura foi nomeado Promotor Público da comarca de Areia, no interior paulista; mas, por pouco tempo, pois, adquirindo uma propriedade rural, em Buquira, na Serra da Mantiqueira, ali se instalara, e onde escreveria os contos depois reunidos no seu livro "Urupês" (1918). Em 1943, em todo o Brasil, foram prestadas excepcionais homenagens ao escritor, comemorando-se o 25º aniversário do lançamento deste livro. Essas comemorações culminaram com a publicação de um volume, "Urupês, outros contos e coisas" onde aparecem aquele livro e a maioria dos seus contos, e excertos de quase todos seus demais livros.

Também a vida de fazendeiro não haveria de seduzi-lo por muito tempo. Sete anos depois, desfaz-se da propriedade e transfere-se para a cidade de São Paulo, onde adquiriu a "Revista do Brasil", que passou a dirigir. Nela lançou seus primeiros contos e crônicas.

Cabe-lhe haver incorporado ao patrimônio do nosso folclore a figura de "Jeca Tatu" — o caipira, bondoso, místico e inteligente, analfabeto e sensato: símbolo vivo das raças que entre nós se plasma. Seus livros se sucedem: "Urupês", "Jeca Tatu", "As ideias de Jeca Tatu", "Cidades Mortas", que os edita por conta própria, resultando do êxito por eles alcançado, na sua iniciativa de fundar uma editora "Cia. Gráfico-Editora Monteiro Lobato", à qual deve o Brasil o lançamento de grande número de obras de indiscutível valor

literário, incorporado definitivamente ao patrimônio de sua cultura. Com lançamentos estranhos, intercalava novos livros seus: "Negrinha", "Onda Verde", "O macaco que se fez homem" e o romance "O Choque das raças".

Mal sucedido financeiramente nessa empresa, vê-se, afinal, obrigado a dissolvê-la, cabendo, por motivo de sua dissolução, em 1925, a formação de inumeráveis pequenos núcleos editoriais que se disseminaram pelo país, muitos dos quais cresceram, progrediram, como a "Cia. Editora Nacional", por ele erguida dessas ruínas, com Otales Marcondes.

Em 1926, no entanto, era enviado pelo governo brasileiro aos Estados Unidos, como Adido Comercial à nossa Embaixada, fixando sua residência em Nova York, onde permaneceu até 1930.

Suas histórias para crianças — a que deve uma boa parte de sua popularidade como educador e como criador de novos mundos para a juventude brasileira, que o admira e o adora como a um ídolo — que iniciou com "A menina do narizinho arrebitado", multiplicaram-se nas suas horas de folga do cargo diplomático; e de volta ao Brasil continua sua publicação com "Reencarnações do Narizinho" ao tempo que lança outros livros: "América", de impressões dos Estados Unidos; a coletânea de artigos de jornais "Na Antevéspera", "O Mundo da Lua", "Mr. Slang e o Brasil" e "Problema Vital". Desde então sua contribuição para a cultura brasileira intensificou-se no setor da literatura infantil, com os livros "Novas reinações do narizinho", "Viagem ao céu", "Caçadas de Pedrinho", "História do Mundo para crianças", "Emília no País da Gramática", "Geografia de Dona Benta", "O Minotauro" (baseado na história antiga), "O Picapau amarelo", "O espanto das gentes", "Reformas da Natureza", "O Poço do Visconde", "O Hans Staden", "Peter Pan", "Aritmética de Emília", "História das Invenções", "Dom Quixote para crianças", "Memórias de Emília", "Serões de Dona Benta", "Histórias da Tia Nastácia", "A Chave do Tamanho" e "Fábulas", todos eles com edições consecutivas. Posteriormente, foram reunidos vários contos seus nos volumes "Contos Leves" e "Contos Pesados".

Seu temperamento inquieto leva-o a saltar de atividade em atividade sempre imprimindo nesse interesse um cunho de sua vigorosa personalidade. Dedica-se ao ferro e ao petróleo, trazendo neste setor, valiosa contribuição para o conhecimento de sua industrialização no Brasil, com os volumes "Ferro" e "O escândalo do Petróleo ", neste, em que denuncia a ação criminosa de grupos interessados em protelar sua exploração entre nós. Sua obra geral, não incluindo suas traduções, já atingiram um quociente de tiragem jamais aproximado por outro qualquer escritor nacional, numa demonstração evidente da admiração que lhe votam seus contemporâneos, sendo que sua personalidade se impôs mesmo no exterior, onde vários trabalhos seus já foram vertidos para o inglês, espanhol, francês, italiano e alemão.

Em 1927 era eleito para a Academia Paulista de Letras, ali ocupando a Cadeira número 32. Na história da cultura brasileira, o seu nome tem lugar de absoluto destaque, conquistando por méritos excepcionais de inteligência, ação, cultura, estilo e vigor imaginativo, além do equilíbrio dos conceitos emitidos sobre os assuntos a que se tem dedicado.

D' A. V

Revista "Letras Brasileiras", março de 1944.

Pesquisa e atualização ortográfica: Iba Mendes (2019)

A CHAVE DO TAMANHO

CAPÍTULO 1: **PÔR DE SOL DE TROMBETA**

O pôr do sol de hoje é de trombeta — disse Emília, com as mãos na cintura, depezinha sobre o batente da porteira onde, naquela tarde, depois do passeio pela floresta, o pessoal de Dona Benta havia parado. Eles nunca perdiam ensejo de aproveitar os espetáculos da natureza. Nas chuvas fortes, Narizinho ficava de nariz colado à janela, vendo chover. Se ventava, Pedrinho corria à varanda com o binóculo para espiar a dança das folhas secas — "quero ver se tem saci dentro". E o Visconde dava as explicações científicas de todas as coisas.

O pôr do sol daquele dia estava realmente lindo. Era um *pôr de sol de trombeta*. Por quê? Porque Emília tinha inventado que em certos dias o Sol "tocava trombeta a fim de reunir todos os vermelhos e ouros do mundo para a festa do acaso". Diante dum pôr de sol de trombeta ninguém tinha ânimo de falar, porque tudo quanto dissessem saía bobagem. Mas Dona Benta não se conteve.

— Que maravilhoso fenômeno é o pôr do sol! — disse ela.

Emília deu um pisco para o Visconde por causa daquele "fenômeno", e resolveu encrencar.

— Por que é que se diz "pôr do sol", Dona Benta? — perguntou com o seu célebre ar de anjo de inocência. — Que é que o Sol põe? Algum ovo?

Dona Benta percebeu que aquilo era uma pergunta-armadilha, das que forçavam certa resposta e preparavam o terreno para o famoso "então" da Emília.

— O Sol não põe nada, bobinha. O sol põe-se a si mesmo.

— Então ele é o ovo de si mesmo. Que graça!

— Pôr do sol" é um modo de dizer. Você bem sabe que o Sol não se põe nunca; a Terra e os outros planetas é que se movem em redor dele. Mas a impressão nossa é de que o Sol se move em redor da Terra — e portanto *nasce* pela manhã e *põe-se* à tarde.

— Estou cansada de saber disso — declarou Emília. — A minha implicância é com o tal de *pôr*. "Por" sempre foi botar uma coisa em certo lugar. A galinha põe o ovo no ninho. O Visconde põe a cartola na cabeça. Pedrinho põe o dedo no nariz.

— Mentira! — gritou Pedrinho desapontado, tirando depressa o dedo do nariz.

— Mas o Sol — continuou Emília — não põe cartola na cabeça, nem tem o péssimo costume de tirar ouro do nariz.

— É um modo de dizer, já expliquei — repetiu Dona Benta.

— Estou vendo que tudo que a gente grande diz são modos de dizer, continuou a pestinha. Isto é, *são pequenas mentiras* — e depois vivem dizendo às crianças que não mintam! Ah! Ah! Ah!... Os tais poetas, por exemplo. Que é que fazem senão mentir? Ontem à noite a senhora nos leu aquela poesia de Castro Alves que termina assim:

Andrada! Arranca esse pendão dos ares
Colombo! Fecha a porta dos teus mares!

Tudo mentira. Como é que esse poeta manda o Andrada, que já morreu, arrancar uma bandeira dos ares, quando não há nenhuma bandeira nos ares, e ainda que houvesse, bandeira não é dente que se arranque? Bandeira desce-se do pau pela cordinha. E como é que esse poeta, um soldado raso, se atreve a dar ordens a Colombo, um almirante? E como é que manda Colombo fechar a "porta" dos "teus"

mares, se o mar não tem porta e Colombo nunca teve mares — quem tem mares é a Terra? Dona Benta suspirou.

— Modos de dizer, Emília. Sem esses modos de dizer, aos quais chamamos "imagens poéticas", Castro Alves não podia fazer versos.

— Mas é ou não é mentira?

Dona Benta ia abrindo a boca para a resposta, quando um homem a cavalo apontou na curva da estrada. Era o estafeta que, um dia sim, um dia não, portava ali para entregar a correspondência. Todos tiraram os olhos do pôr do sol para pô-los no estafeta.

O homem chegou. Deu boa tarde. Apeou com ar de eterno descadeirado e abriu o encardido saco de lona para tirar os jornais de Dona Benta.

— Há também uma carta para o Sr. Visconde de Sabugosa — disse ele entregando o pacote.

Emília atirou-se para cima da carta como um gato se atira a uma cabeça de sardinha, e arrancou-a das mãos de Dona Benta, como o poeta queria que o Andrada arrancasse a bandeira dos ares.

— Deve ser resposta a uma consulta que fiz sobre as vitaminas do pó de pirlimpimpim — explicou modestamente o Visconde, enquanto Emília se preparava para rasgar o envelope e Pedrinho suspirava pelo bodoque,

— Não abra, Emília! — gritou Narizinho. — Vovó já disse que o sigilo da correspondência é inviolável. Carta é uma coisa sagrada. Só o destinatário pode abri-la.

Emília fez um muxoxo de pouco caso e enfiou a carta no nariz do Visconde, dizendo:

— Coma, beba o seu sigilo. Enquanto isso, Pedrinho desdobrava o jornal e lia os enormes títulos e subtítulos da guerra.

— Novo bombardeio de Londres, vovó. Centenas de aviões voaram sobre a cidade. Um colosso de bombas. Quarteirões inteiros destruídos. Inúmeros incêndios. Mortos à beca.

O rosto de Dona Benta sombreou. Sempre que punha o pensamento na guerra ficava tão triste que Narizinho corria a sentar-se em seu colo para animá-la.

— Não fique assim, vovó. A coisa foi em Londres, muito longe daqui.

— Não há tal, minha filha. A humanidade forma um corpo só. Cada país é um membro desse corpo, como cada dedo, cada unha, cada mão, cada braço ou perna faz parte do nosso corpo. Uma bomba que cai numa casa de Londres e mata uma vovó de lá, como eu, e fere uma netinha como você ou deixa aleijado um Pedrinho de lá, me dói tanto como se caísse aqui. É uma perversidade tão monstruosa, isso de bombardear inocentes, que tenho medo de não suportar por muito tempo o horror desta guerra. Vem-me vontade de morrer. Desde que a imensa desgraça começou não faço outra coisa senão pensar no sofrimento de tantos milhões de inocentes. Meu coração anda cheio da dor de todas as avós e mães distantes, que choram a matança de seus pobres filhos e netinhos.

Aquela tristeza de Dona Benta andava a anoitecer o Sítio do Picapau, outrora tão alegre e feliz. E foi justamente essa tristeza que levou Emília a planejar e realizar a mais tremenda aventura que ainda houve no mundo. Emília jurara consigo mesma que daria cabo da guerra e cumpriu o juramento — mas por um triz não acabou também com a humanidade inteira.

Na noite daquele dia, em sua caminha de paina, ela perdeu o sono. Quem entrasse em sua cabeça leria um pensamento assim: "Esta guerra já está durando demais, e se eu não fizer qualquer coisa os

famosos bombardeios aéreos continuam, e vão passando de cidade em cidade, e acabam chegando até aqui. Alguém abriu a chave da guerra. É preciso que outro alguém a feche. Mas onde fica a chave da guerra? Pessoa nenhuma sabe. Mas se eu tornar uma pitada do superpó que o Visconde está fabricando, poderei voar até o fim do mundo e descobrir a Casa das Chaves. Porque há de haver uma Casa das Chaves, com chaves que regulem todas as coisas deste mundo, como as chaves da eletricidade no corredor regulam todas as lâmpadas duma casa."

O Visconde, de fato, andava estudando um misterioso superpó, capaz de maravilhas ainda maiores que o velho pó de pirlimpimpim; por isso passava as noites em claro e até recebia cartas científicas do estrangeiro. Mas naquela noite Emília ouviu uns ronquinhos. "Será o Visconde?" — disse ela — e foi ver. Era o Visconde, sim, que, depois de noites e noites passadas em claro, dormia um sono de Rabicó. "Se ele está ferrado no sono a ponto de roncar" — pensou Emília, "é que já resolveu o problema do superpó. Ronco de sábio quer dizer cabeça fresca, invenção já inventada."

Pensando assim, Emília foi pé ante pé ao laboratorinho do Visconde e remexeu tudo até encontrar numa pequena caixa de fósforos uma substância parecida com cinza. Cheirou-a. Lembrava o cheiro do pó de pirlimpimpim. "Deve ser isto mesmo" — disse ela — e corajosamente tomou uma pitada.

CAPÍTULO 2: **A CHAVE DO TAMANHO**

Fiunnn!!!

Quando Emília abriu os olhos e foi lentamente voltando da tonteira, deu consigo num lugar nebuloso, assim com ar de madrugada. Não enxergou árvores, nem montanhas nem coisa nenhuma — só havia lá longe um misterioso casarão.

— Isto deve ser o Fim do Mundo, e aquela casa só pode ser a Casa das Chaves. Que pó certeiro o do Visconde!

Ergueu-se, ainda tonta, e aproximou-se do casarão. Certinho! Um grande letreiro na fachada dizia simplesmente isto: "CASA DAS CHAVES." Emília esteve algum tempo de nariz para o ar, com os olhos naquelas estranhas letras de luz. Viu uma porta aberta. Enchendo-se de coragem, entrou. Não havia coisas lã dentro, objeto nenhum, nem máquinas. Só aquele mesmo nevoeiro de lá fora mas numa espécie de parede distinguiu um correr de chaves como as da eletricidade, todas erguidas para cima.

— Hão de ser as chaves que regulam e graduam todas as coisas do mundo — pensou Emília. — Uma delas, portanto, é a chave que abre e fecha as guerras Mas qual?

Emília segurou o queixo, a refletir Pensou com toda a força. Não havia diferença entre as chaves. Todas iguaizinhas. Nada de letreiros ou números. Como saber qual a chave da guerra?

— A única solução é aplicar o método experimental que o Visconde usa em seu laboratório. É ir mexendo nas chaves, uma a uma, até dar com a da guerra.

Mas as chaves ficavam numa fileira a oito palmos do chão, fora, pois, do alcance duma criaturinha de apenas dois palmos de altura. Como alcançar as chaves?

Emília correu os olhos em redor. Não viu nenhuma escada nem cadeira, nem caixão em que pudesse trepar. Não havia sequer uma vara. O remédio seria recorrer novamente ao superpó. "Se eu cheirar a metade do menor dos grãozinhos trazidos nesta caixa, subo até lá e agarro-me a qualquer das chaves."

E assim fez. Escolheu o grãozinho de pó menor de todos, partiu-o ao meio e aspirou metade. Deu certo. Bastou o cheiro daquela isca de superpó para erguê-la até às chaves, permitindo-lhe pendurar-se

numa. Nem precisou fazer força. Bastou o seu peso para que a chave descesse quase até o fim.

Mas o que aconteceu foi a coisa mais imprevista do mundo. Tudo se transformou diante de seus olhos, e um pano enorme, como o toldo dum circo de cavalinhos, desabou sobre ela. Emília sentiu-se rodeada de pano; o chão era de pano; por cima só havia pano; dos lados, pano, pano e mais pano. E com o peso de tanto pano ela nem podia conservar-se de pé. Ficou deitadinha, como achatada. Mas era preciso sair dali ou pelo menos fazer esforços para sair, porque já estava sentindo falta de ar. E começou a engatinhar debaixo da panaria, numa cega tentativa de fuga. As dobras eram muitas, de modo que a cada momento, tinha de fazer rodeios para poder avançar. E foi engatinhando, flanqueando as dobras atrapalhadoras; às vezes até ficava de pé, quando uma dobra maior lhe dava espaço. Emília lembrou-se do Labirinto de Creta, onde morava o Minotauro. É escuro ali dentro. Nem ao menos aquela penumbra de madrugada de lá fora. Emília teve a impressão de haver passado um século naquele engatinhamento labiríntico. Por fim divisou em certa direção uma claridade. "Deve ser ali a bainha ou fim deste maldito pano", pensou ela, e para lá se arrastou. Era de fato a bainha — e Emília já quase sem fôlego, lavada em suor, saiu do labirinto e caiu exausta no chão, com um *Uf!*

Ficou algum tempo deitada de costas, os braços estendidos, sem pensar em coisa nenhuma. Primeiro descansar; depois o resto. Ergueu os olhos para as chaves da parede. Não viu na parede chave nenhuma. "Que história é esta? Será que as chaves se evaporaram?" Firmando a vista, verificou que não. As chaves lá estavam, mas em ponto muitíssimo mais alto. A parede crescera tremendamente. Parecia não ter fim. Tudo aumentara dum modo prodigioso. E no chão viu uma coisa nova, que não existia antes; um pedestal atapetado de papel amarelo.

Emília achava-se deitada justamente sobre esse pedestal. Depois, olhando para o seu corpinho, verificou que estava nua.

— Que história é esta? Eu, nua que nem minhoca, em cima deste pedestal amarelo cheio de riscos pretos, ao lado duma montanha de pano — e as chaves lá em cima — e tudo enormíssimo... Será que estou sonhando?

Pôs-se a pensar com toda a força. Examinou o tapete do pedestal. Percebeu que os riscos eram letras e teve de ficar de pé para lê-las uma por uma. A primeira era um F; a segunda, um O; a terceira um S. Chegando à última, viu que formava a palavra FÓSFOROS. Em seguida vinha um D e um E, formando a palavra DE. E as últimas letras formavam a palavra SEGURANÇA. Tudo reunido dava a expressão FÓSFOROS DE SEGURANÇA.

— Será possível? — exclamou Emília consigo mesma. — Será que estou em cima da maior caixa de fósforos que jamais houve no mundo? Mas se é assim, então cada pau de fósforo deve ser uma verdadeira vigota de pinho — e como a caixa estivesse aberta, espiou. Não viu lá dentro vigota nenhuma, sim uma espécie de areia grossa, da cor exata do superpó do Visconde.

Nesse momento um raio de luz iluminou-lhe o cérebro.

— Hum! Já sei. Isto é a caixa de fósforos que eu trouxe e está do tamanho que sempre foi. Eu é que diminuí. Fiquei pequeníssima; e, como estou pequeníssima, todas as coisas me parecem tremendamente grandes. Aconteceu-me o que às vezes acontecia a Alice no País das Maravilhas.

Ora ficava enorme a ponto de não caber em casas, ora ficava do tamanho dum mosquito. Eu fiquei pequenininha. Por quê?

— Só pode ser por uma coisa: por causa da descida da chave. Logo, aquela chave é a que regula o meu tamanho. Regula só o meu tamanho, ou regula o tamanho de todas as criaturas vivas? Regula o tamanho de todas as criaturas vivas, ou só o das criaturas humanas? Quantos problemas, meu Deus!

Pensou, pensou.

— Se todas as criaturas ficaram pequeninas como eu fiquei, então o mundo inteiro deve estar na maior atrapalhação e com as cabeças tão transtornadas quanto a minha. Mas a guerra acabou! Ah, isso acabou! Pequeninos como eu, os homens não podem mais matar-se uns aos outros, nem lidar com aquelas terríveis armas de aço. O mais que poderão fazer é cutucar-se com alfinetes ou espinhos. Já é uma grande coisa...

Pensou, pensou, pensou.

— Sim, eu mexi na Chave do Tamanho e todas as criaturas vivas ficaram pequenas porque seria absurdo haver uma chave só para minha pessoa. Se houvesse uma chave para cada pessoa, nesta sala deviam existir três bilhões e meio de chaves, porque a população do mundo é de três bilhões e meio de pessoas. Logo, a mesma chave serve para todas as pessoas. Logo, toda a humanidade está "reduzida" — e impedida de fazer guerra. Uf! Acabei com a guerra! Viva! Viva!... Pensou, pensou, pensou.

— A prova de que essa chave só regula o tamanho das criaturas vivas, está aqui nesta caixa de fósforos. Se esta caixa de fósforos também tivesse diminuído, estaria proporcional ao meu corpo, e não imensa como está.

A situação era tão nova que as suas velhas ideias *não serviam* mais. Emília compreendeu um ponto que Dona Benta havia explicado, isto é, que *nossas ideias são filhas de nossa experiência*. Ora, a mudança do tamanho da humanidade vinha tornar as ideias tão inúteis como um tostão furado. A ideia duma caixa de fósforos, por exemplo, era a ideia duma coisinha que os homens carregavam no bolso. Mas com as criaturas diminuídas a ponto duma caixa de fósforos ficar do tamanho dum pedestal de estátua, a "ideia-de-caixa-de-fósforos" já não vale coisa nenhuma. A "ideia-de-leão" era a dum terrível e perigosíssimo animal, comedor de gente; e a "ideia-de-pinto" era a dum bichinho inofensivo. Agora é o contrário. O perigoso é o pinto.

Emília sentiu um friozinho no coração. Começou a desconfiar que havia feito uma coisa tremenda, a coisa mais tremenda jamais acontecida no mundo.

Pensou, pensou, pensou. Depois resolveu calcular que tamanho teria.

— Posso calcular o meu tamanho por comparação com as letras da palavra FÓSFOROS. Essas letras tinham um terço de centímetro no tempo em que eu tinha 40. Ora, se eu tinha 40 centímetros, era 120 vezes maior que um terço de centímetro. E agora? Qual o meu tamanho em relação a essas letras?

Para fazer a medição, Emília deitou-se sobre o F, e viu que aquele F tinha um terço da sua altura. Logo, ela estava reduzida a justamente um centímetro de altura.
— Que coisa — exclamou. Reduzida a um centímetro apenas, eu que tinha 40! Diminui 40 vezes. Nesse caso, Pedrinho, que tinha l,40m — e contava tanta prosa — deve estar reduzido a 3 centímetros e meio. E o coronel Teodorico, que tanto se gabava de ter l, 80m está reduzido a 4 centímetros e meio — do tamanho dum simples gafanhotinho...

Emília pensava, pensava.

— Que fazer agora? Tenho várias soluções a escolher. Uma, é largar tudo como está. Outra, é levantar novamente a chave e deixar as coisas como eram. Isto me parece o melhor, porque se eu voltar para o sítio deste tamanho é provável que nem possa atravessar o terreiro. O pinto sura não sai de lá. Devora-me, como se eu fosse uma formiga.

Olhou para cima. A chave baixada parecia muito no alto — quarenta vezes mais alta que antes. Mas isso não tinha importância para quem ainda dispunha de tanto superpó. E, enfiando a mão dentro da abertura da caixa, Emília apanhou um grão e aspirou-o. O pó levou-

a até à altura da chave, mas a sua forcinha, diminuída quarenta vezes, já não dava para mais nada. Nem jeito de segurar na chave teve, a qual lhe pareceu como enorme maçaneta, de diâmetro igual à altura do seu corpo — o mesmo que a tora de um grande jequitibá para um homem dos antigos.

Dos antigos, sim, porque, se todos os homens estavam agora tão reduzidos de tamanho quanto ela, quem quisesse referir-se aos homens da véspera tinha de dizer "os homens antigos".

Emília sentou-se em cima daquela enorme tora de jequitibá, sem saber como descer.

— E agora?

Pensou, pensou, pensou.

— Vou atirar-me — resolveu. — Meu peso deve estar igual ao peso duma formiga saúva e portanto, se me atirar, devo cair com a leveza de um cisquinho — além de que há lá embaixo aquela montanha de pano.

E assim fez. Atirou-se em cima da montanha de pano.

E foi então que descobriu uma grande coisa: o pano daquela montanha era uma fazenda de enormes ramos de rosas vermelhas — iguais aos ramos de rosinhas do seu vestido evaporado — e compreendeu tudo. *A enorme montanha de pano não era mais que o seu próprio vestido largado no chão*. Quando baixou a chave e sofreu o instantâneo apequena-mento, *achou-se no meio do vestido* o qual, sem o apoio do corpo que o sustinha, desabou, dando à minúscula dona lá dentro aquela impressão de circo que vinha abaixo.

— Que coisa! — exclamou Emília. — Aquele imenso pano que formou o labirinto em redor de mim era o meu vestido. Felizmente a caixa do superpó estava na minha mão e não no bolso. Se tivesse no

bolso, como poderia eu tirá-la agora do seio desta enorme montanha? Que coisa formidável!...

Emília pensou por mais uns instantes. Tinha de abandonar ali todo aquele precioso pó, apesar de ser o único que havia lá no sítio. Pois como levar de volta a caixa-pedestal? Se estivesse vestida, em seus bolsos ainda caberiam algumas pitadinhas. Mas daquele modo, nua que nem minhoca, o mais que poderia levar era o que coubesse em suas mãos — um grãozinho apenas em cada uma. Mas antes isso do que nada — e Emília tomou um grão de pó em cada mão. Depois aspirou um terceiro grãozinho e — *fiun!...* lá se foi pelos ares, de volta ao sítio de Dona Benta.

CAPÍTULO 3: **POR CAUSA DO PINTO SURA**

As viagens com o superpó eram instantâneas. Um fechar e abrir de olhos. Emília fechou os olhos lá no pedestal e abriu-os na porteira do sítio. Que colossal porteira, Santo Deus! Duzentas vezes a altura dela. Lá longe viu um enormíssimo animal pastando: a vaca Mocha. E mais adiante, uma colossal montanha dormindo: Quindim. E a casa? Oh, a casa, no fim do extensíssimo terreiro, tinha para ela a mesma altura do Pão de Açúcar para um homem antigo. O telhado parecia esbarrar nas nuvens.

Como atravessar a pé os cem metros do terreiro? Cem metros antigamente pouco significavam para a Emília "grande", mas agora, ah, exigiam 33.353 passos, visto como o seu passo se reduzira a 3 milímetros.

Estava pensando nisso, quando um horrendo monstro surgiu no terreiro: o pinto sura. "Parece incrível!" — murmurou ela. "Aquele pinto que não passava de simples pinto como todos os pintos do mundo, desses que a gente chama com um "Quit! Quit!" ou toca com um "Chispa!" virou um verdadeiro Pássaro Roca." Emília calculou que o pinto devia ter umas vinte vezes a sua altura, isto é, o tamanho

dum avestruz de 70 metros para um homem como o Coronel Teodorico.

— Será possível que um monstro desse vulto me enxergue? — disse ela sem ânimo de atravessar o terreiro.

Mas o pinto sura era um danado para enxergar. Tinha olhos de microscópio.

Assim que Emília, pé ante pé, pôs-se a andar, ele a viu e veio de bico aberto para devorá-la. Emília mal teve tempo de recorrer ao superpó que havia trazido. Precipitadamente levou ao nariz os dois grãozinhos e aspirou-os.

Fiunn...

Despertou muito longe dali, sobre uma árvore enorme, a cuja galharada se agarrou. As folhas eram azuis como o céu e formavam morros redondos. "Folhas? Não. Isto nunca foi folha. Isto é flor. E os tais morros não passam de cachos de flores. Mas que árvore dá flores azuis assim?"

Emília lembrou-se logo das hortênsias, e com algum esforço viu que realmente havia caído em cima dum enormíssimo cacho de hortênsias. Era-lhe difícil manter-se ali, porque as criaturas humanas, dotadas de só dois pés, têm necessidade de superfícies planas para se equilibrarem, e naquele cacho de hortênsias só uma ou outra pétala estava em posição horizontal. Emília tratou de descer. "Para uma criatura-gente, não há como a terra plana", pensou. Antes de descer, porém, correu os olhos em redor.

— O que me pareceu uma floresta, não passa dum jardim. Um imenso jardim, o maior jardim do mundo, com roseiras da altura de árvores e aquele pé de jasmim com flores do tamanho de Vitórias-régias, e na beirada dos canteiros uma grama que lembra os bananais do Cubatão. Como tudo ficou imenso, meu Deus!

E lá adiante? Emília firmou os olhos. Um verdor elevava-se a grande altura e em cima espalhava-se sobre caibros horizontais. Mas rapidamente Emília ia aprendendo a "interpretar" as imensas coisas vistas.

— Sim, estou entendendo. Aquele verdor é a trepadeira duma varanda, e o que me parece caibros são os arames em que ela se apoia. Varanda? Então aquela imensidade branca que me parece erguer-se até às nuvens é a fachada dum palacete.

Emília firmou a vista. Quadrados enormes lá em cima: as janelas! A platibanda ficava tão alta que ela mal podia vê-la.

— Um palacete, sim, muito maior que a casa de Dona Benta. Vai ser difícil acostumar-me ao novo tamanho das coisas; para as formiguinhas, no entanto, esse tamanhão das coisas é o natural, pois foi como sempre elas o tiveram. As formigas ruivas nem podem compreender o que é uma casa. Hão de ver as casas como *partes do mundo*, ou coisas que sempre foram, como os morros, as pedreiras, os rios, as árvores; e por isso passeiam sem medo pelas casas, sobem e descem pelas paredes, chegam até a fazer seus buraquinhos rente às calçadas. Quando veem sair lá de dentro uma pessoa, com certeza nem compreendem o que é uma pessoa; acham que é apenas uma *imensidade móvel*, como os rios ou o mar. Para as formigas o mundo deve estar dividido em *imensidades paradas* e *imensidades móveis*. Uma casa ou um morro é uma imensidade parada; de dentro das casas saem imensidades móveis: gente, cachorro, gatos. E nos campos há imensidades com chifres, que nós chamamos vacas ou bois. Mas apesar de ter eu agora o tamanho duma saúva, possuo a mesma inteligência de antes — e sei. Sei que estas imensidades que estou vendo não passam de verdadeiras pulgas perto de outras coisas ainda maiores, como as montanhas; e as montanhas não passam de pulgas perto de outra coisa maior, como a Terra; e a Terra é uma pulga perto do Sol; e o Sol é um espirro de pulga perto do Infinito. Como sei coisas, meu Deus!

Emília pôs-se a filosofar, a pensar nos estranhos bichos que andavam em redor dela, uns de asas, outros sem asas, uns pretos, outros verdes, outros moles — mas todos cheios de pernas.

— Como há pernas neste mundo que antigamente eu chamava "mundo dos bichinhos" e que para mim agora virou o meu mundo! Pois também virei bichinho. E vejo *colegas* de todos os tamanhos, uns menores que eu, outros maiores. Aquele *mede-palmo* que ali vem vindo, por exemplo. Para mim é um verdadeiro monstro, pois tem de comprimento cinco vezes a minha altura — equivalente a uma sucuri de 8 metros para um homem antigo. E no entanto é a mesma lagartinha que outrora eu punha na palma da mão.

CAPÍTULO 4: **A VIAGEM PELO JARDIM**

O mede-palmo vinha descendo pela haste dum ramo de hortênsia.

Era dos peludinhos. Emília, ansiosa por se ver no chão, teve uma ideia.

— E se eu montasse nele e ficasse bem agarrada aos pelos? Os mede-palmos não mordem.

Emília aproximou-se e *zás!* cavalgou-o. O mede-palmo deteve-se, estranhando aquilo; ergueu a cabecinha e ficou uns instantes a virá-la dum lado para outro. Por fim continuou a descer.

— Primeira descoberta! — gritou Emília. — A *escada rolante* viva!

Em seu passeio a Nova Iorque, contado na *Geografia de Dona Benta*, Emília tivera oportunidade de conhecer as escadas rolantes das grandes lojas, escadas que em vez de *serem subidas* pela gente, *subiam* a gente. Os fregueses ficavam de pé nos degraus, imóveis e aqueles degraus os *iam subindo* de um andar para outro; e ao lado de cada escada em perpétua subida, ficava outra em perpétua descida.

— Meu mede-palmo agora — disse Emília — é a escada que desce.

Ao chegar ao chão, debaixo da moita de hortênsia, estranhou o escuro. Como viesse de cima da flor, onde a luz era intensa, custou-lhe acostumar os olhinhos a tanta sombra.

Que frescura ali! Até demais. E úmido. Se ficasse muito tempo naquela sombra, apanharia um resfriado. A primeira coisa que a impressionou foi a aspereza do chão. Era irregularíssimo!

— Como há pedras no mundo! — exclamou, tropicando e machucando os delicados pezinhos. — Isso que nós chamávamos terra ou chão, não é terra nada, é pedra, pedra e mais pedra. A crosta do planeta é uma pedreira sem fim. Hum! Por isso é que os bichinhos do meu tamanho usam tantos pés. Cada inseto tem seis. Os mede-palmos têm muito mais. De dois pés não há nenhum. Agora compreendo o motivo — *é que só com dois pés não poderiam caminhar pelas infinitas pedreiras destes chãos*. A gente dá um passo e cai, porque, se um pé escorrega, o outro é pouco para manter o equilíbrio. Mas com seis pés o andar é fácil, porque, se um escorrega, sobram cinco para a escora. Além disso — estou vendo — todas as patas dos meus colegas possuem garrinhas, com as quais eles vão se agarrando às asperezas do chão ou da casca das árvores.

Emília compreendeu por que os insetos sobem tão bem pelas paredes. Para uma formiga uma parede é uma verdadeira escada, com degraus irregulares a que as garras das patinhas vão se agarrando.

— Mas em parede de vidro, formiga não sobe, porque o vidro não é escada, não tem degraus. O vidro é liso de verdade.

Aquela dificuldade de andar começou a aborrecê-la. Para ir daqui até ali era um custo — e quantos tombos! Experimentou andar de quatro. Muito melhor, mas cansava.

— O remédio é montar num dos meus colegas.

Nesse momento avistou um enorme caramujo da altura dela. Compreendeu que era um daqueles caramujinhos tão abundantes na horta de Dona Benta. Trepou sem medo em cima da casca e ficou de cócoras. O caramujo parece que nem deu pela coisa. Foi andando, andando, mas vagaroso demais.

Emília cochilou e caiu.

— Este cavalo não serve. Dá sono na gente. Tenho de arranjar outro. Seu pensamento era explorar o jardim e aproximar-se da casa para ver se havia gente grande lá dentro. Ainda não obtivera a prova provada de que o "apequenamento" das criaturas humanas havia sido geral.

O palacete, porém, ficava longe dali, a uns dez metros de distância, e uma viagem de dez metros por um terreno tão horrivelmente pedregoso (uma rua apedregulhada de jardim) era proeza que seus pezinhos descalços não aguentavam.

— Assim não chego lá nunca e arrebento as unhas. Só de caminhar meio metro já fiquei com os pés em brasa. A solução é mesmo um cavalinho.

Olhou em redor. Além de lerdos caramujos havia muitos bichos-de-conta, ou "tatuzinhos" como ela dizia. Eram conhecidos velhos. Gostava de brincar com eles lá no sítio. "São uns bobos. Basta que a gente bula neles para que se finjam de mortos." Emília experimentou. Montou num dos maiores. O bichinho, apavorado, imediatamente virou bola — ou conta, como as de rosário.

— Não serve. Estes tatus-bolas também não nasceram para cavalos.

Um gafanhoto verde estava a espiá-la de dentro das folhas do "bananal." Tinha cinco vezes a sua altura. Emília foi-se aproximando sem que ele fizesse caso. Chegou bem perto e, súbito, *zás!* montou. Mas o gafanhoto deu um formidável pulo, lançando-a de ponta cabeça sobre as "pedras" da areia.

— Também não serve — disse ela, erguendo-se muito desapontada.

— Preciso dum bicho que não *durma a gente*, nem se finja de morto, nem pule.

A certa distância estava uma "vaquinha" pastando, Era o nome que no sítio Pedrinho dava a certo besouro de pintas amarelas e que o Visconde dizia ser um "coleóptero".

O Visconde vivia estudando a vida daqueles animaizinhos. Explicou que se chamavam coleópteros por causa do sistema das *asas dobráveis* e *guardáveis* dentro dum estojo. Essas asas são membranosas, fininhas como papel de seda, mas não andam à mostra, como as das borboletas, aves e outros bichos menos aperfeiçoados. Só aparecem quando o coleóptero vai voar. O estojo é formado de dois *élitros cascudos*, duros como unha. São dois verdadeiros *moldes côncavos* ajustados à forma do corpo. Eles abrem aquilo de jeito a não atrapalhar as asas de dentro. Abrem o estojo e vão desdobrando as asas — e voam. Quando pousam, dobram de novo as asas, muito bem dobradinhas e cobrem-nas outra vez com as tampas do estojo.

O Visconde achava muita graça no sistema, que era o mais aperfeiçoado de todos, dizia ele; e vivia fazendo experiências com besouros de todos os tamanhos. Era um sistema tão bom, que o mundo já andava um besoural imenso. Cento e cinquenta mil espécies de besouros já haviam sido estudadas pelos sábios, imaginem! Se o sistema não fosse tão bom, a *ordem* dos coleópteros não se multiplicaria em tantas *espécies*. Quando um sistema não é aperfeiçoado, os bichos que o usam levam a breca, como aconteceu com aqueles grandes sáurios que o Walt Disney mostrou na *Fantasia*. Por que desapareceram tais monstros? Justamente porque o "sistema sáurio" não prestava. E por que os "besouros aumentaram? Porque o "sistema besouro" é aqui da pontinha — e Emília, que estava conversando consigo mesma, pegou na pontinha da orelha. O Visconde também achava que o futuro Rei da Criação ia ser o besouro, depois que o rei atual, o Homem, totalmente se destruísse na horrenda guerra que andava guerreando.

Emília aproximou-se da "vaquinha" e montou. O coleóptero quis reagir — abrir os élitros para desenrolar as asas e voar, mas Emília não deixou. Manteve o estojo fechado. A "vaquinha", então, pôs-se a andar com ela às costas, e justamente na direção da casa. Súbito, porém, mudou de rumo. Emília danou. Viu que tinha de descobrir a "dirigibilidade dos besouros" como Santos Dumont havia descoberto a "dirigibilidade dos balões". Os balões no começo eram como os besouros; iam para onde queriam e não para onde os homens queriam. Veio Santos Dumont e inventou o meio de governá-los. Já a "dirigibilidade dos animais" era coisa velha. A dirigibilidade do cavalo, por exemplo, surgiu com a invenção do freio. E se ela pusesse um freio naquele coleóptero?

Emília apeou para estudar a situação. Mas assim que se viu sem cavaleiro, o "cavalinho pampa" abriu os élitros, desenrolou as asas e lá se foi pelos ares — *zunn...*

— Maçada! — exclamou Emília cocando a cabeça e olhando em torno. Havia se aproximado apenas dois metros do seu objetivo, que era a casa. Faltavam ainda sete metros e meio.

CAPÍTULO 5: **AVENTURAS**

A "vaquinha" havia largado Emília no meio duma das ruas do jardim. Como o sol estivesse esquentando as pedras, ela percebeu que se não fosse para a sombra morreria torrada. E como não viesse em redor nenhum cavalinho ao seu alcance teve de vencer a pé o espaço que ia dali até o canteiro próximo. Como padeceu para vencer aquela enorme extensão de um metro, por cima da horrível pedranceira do pedregulho! O sol queimava-lhe a pele e por duas vezes o vento a derrubou.

Outro grande inimigo da nova humanidade vai ser o vento, ia pensando Emília. O maldito vento já me derrubou duas vezes e, no entanto, devia ser um ventinho de nada, pois pouco buliu com as

folhas deste jardim. O sistema de andar de pé, próprio dos bípedes, só dá resultado com as criaturas que possuem tamanho, como os antigos homens e as aves. Para um serzinho sem tamanho como eu é o maior dos desastres. Por isso não há bichinho nenhum dotado de dois pés e que *ande de pé*. São todos horizontais e cheios de perninhas. Estou agora compreendendo: *defesa contra o vento!* Se um ventinho à toa me derrubou duas vezes, isso quer dizer que um vento de verdade me joga para os confins do Judas e, no entanto, não há formiguinha que não resista aos ventos. Por quê? Porque não é bípede nem anda de pé, como eu. Aprenda mais essa, Senhora Dona Emília.

E assim filosofando alcançou a sombra dos periquitos em redor do canteiro, onde se sentou sobre um pauzinho seco, para descansar e pensar na vida.

— Que mundo este, santo Deus! — murmurou, muito atenta a tudo quanto se passava em redor. É o tal "mundo biológico" de que tanto o Visconde falava, bem diferente do "mundo humano". Diz ele que aqui quem governa não é nenhum governo com soldados, juízes e cadeias. Quem governa é uma invisível Lei Natural. E que Lei Natural é essa? Simplesmente a *Lei De Quem Pode Mais*. Ninguém neste mundinho procura saber se o outro tem ou não tem razão. Não existe a palavra justiça. A Natureza só quer saber duma coisa: quem pode mais. O que pode mais tem o que quer, até o momento em que apareça outro que possa ainda mais e lhe tome tudo. E por que essa maldade? O Visconde diz que é por causa duma tal Seleção Natural, a coisa mais sem coração do mundo, mas que *sempre acerta*, pois obriga todas as criaturas a irem se aperfeiçoando. "Ah, você está parado, não se aperfeiçoa, não é?" diz a Seleção para um bichinho bobo. "Pois então leve a breca." E para não levar a breca, o bichinho trata de inventar toda sorte de defesa e astúcias.

O tatuzinho inventou aquela defesa de virar bola e fingir-se morto. Os gafanhotinhos inventaram um verde que os confunde com a grama. As aranhas inventaram a teia para caçar as moscas e os

ferrões e o veneno para se defenderem. Inúmeros inventaram asas. Outros inventaram as cascas grossas. A pulga inventou o pulo.

Eu sempre achei graça na "prosa" dos homens com as invenções lá deles. Que são as invenções dos homens perto dos milhões de inventos destes bichinhos? Não há pulgão que não tenha vários inventos para a defesa, para conseguir alimento, para morar — ou como diz o Visconde, para "sobreviver" num mundo onde a tal Seleção só tem duas palavras na boca: "Isca! Pega!"

Emília olhava em redor e ia compreendendo o mundo novo em que tinha de viver. À esquerda viu uma aranha sugando um mosquito preso em sua teia invisível. À direita um bando de formigas atracadas a uma pobre minhoca, que se debatia como um "S" vivo. Um filhote de louva-a-deus estava fingindo que rezava, de mãos postas, mas na realidade aquilo não era reza e sim um bote armado contra uma presa qualquer.

— A vida é uma caçada contínua — filosofou Emília. — Estes meus colegas parece que só não caçam quando estão dormindo.

Os pés de periquito abrigavam inúmeros moradores permanentes, além de hóspedes alados que chegavam, ficavam por ali alguns instantes e lá se iam. Emília calculou que para cada bichinho de terra, dos sem asas, havia muitos do ar, com asas, e que levam a maior parte do tempo voando.

— Chega de caçadas — disse ela por fim. — Preciso descobrir outro cavalinho para continuar a minha viagem.

Nesse momento uma mutuca sentou-se perto dela. Emília pensou: "Montar nessa mutuca não vai dar certo porque há os tais tombos; mas se eu agarrar-me às suas patinhas traseiras? Isso não a atrapalhará em nada no voo, e pode ser que ela me aproxime do palacete."

Decidida a fazer a experiência, aproximou-se da mutuca por trás, como fazem certas aranhas de parede, das que não usam teias e sim botes, e fez como essas aranhas: deu um bote nas perninhas traseiras da mutuca, segurando-se com toda a força.

Assustada com aquilo, a mutuca voou — um voo pesado de quem está levando uma carga excessiva e desceu logo adiante. Emília largou-a, muito contente com a ideia que tivera.

— Bravos! Vou chegando, vou chegando. Estou só a três metros da calçada.

Que lugar era aquele? Um simples canteiro de violetas, dentro do qual Emília teve a sensação do caçador em plena mata virgem. A sua redução de tamanho permitia-lhe ver a "abundância do pequenino". Quantas vidinhas na sombra daquela mata, sobretudo sob forma de vermes! Bichos cabeludos de todos os jeitos, e lagartas não cabeludas, uma delas com chifres no nariz — como o Quindim. E mede-palmos cor de esmeralda, translúcidos, gulosamente devorando folhas ou tecendo casulos. E caramujos, e tatuzinhos. E uma infinidade de *formas de vida* que só os sábios sabem.

Por uma fresta Emília viu lá pelas alturas várias borboletas borboleteando pelas flores, tão leves e lindas. Mas uma vespinha jiti a furtar o pólen duma violeta a distraiu — e por causa dessa vespinha a pobre Emília quase levou a breca. Enquanto observava a linda vespa naquele trabalho uma horrenda sarassará se aproximou, de ferrão arreganhado.

Emília tinha ódio a essas formigonas pretas desde o dia em que Pedrinho encontrou, no pomar lá do sítio, um ninho de beija-flor com dois filhotes já meio devorados por elas. As *canibais*, foi o nome que o Visconde lhes deu. Será que ela iria ter a mesma sorte dos beija-flores implumes?

Na maior aflição, Emília olhou em redor, em procura de abrigo. Deu com uma velha casca de caramujo: lançou-se dentro, ficando bem

escondidinha lá no fundo. A canibal plantou-se à porta, à espera de que aquele "inseto descascado" saísse. Por fim, desanimada, foi-se embora. Quando Emília teve coragem de espiar, a horrenda canibal já ia longe.

— Que susto! — exclamou ela saindo de dentro do caramujinho e enxugando com uma isca de musgo o suor gelado da testa. — Tenho que arranjar uma arma qualquer. Há feras muito perigosas nesta mata.

Achou fácil e agradável caminhar dentro do "violetal", porque o chão estava coberto de folhas secas e úmidas, macias para seus pezinhos. Foi andando até chegar à beira da "floresta", onde deu com um gigantesco pé de cactos, dos chamados palmatórias-do-diabo. As enormes folhas chatas, recobertas de espinhos pareciam almofadas de alfinetes.

— E se me armasse dum espinho?

Mas como arrancar um espinho daqueles? Nem com a força de cem Emílias, quanto mais com a de uma só. E ficou de nariz para o ar, namorando aquele tremendo arsenal de lanças, até que lhe veio uma ideia. "Impossível que aqui pelo chão não haja algum espinho velho de alguma folha caída", e pôs-se a procurar. Foi feliz. Encontrou uma palmatória já desfeita pelo apodrecimento, mas com os espinhos em muito bom estado. Escolheu o menor e pronto.

— Estou um D. Quixote, com esta tremenda lança — disse, pondo a arma debaixo do braço, tal qual fazia D. Quixote.

Logo adiante estava uma aranha quase do seu tamanho, encorujada na leia, à espera de bichinhos incautos. Vendo aproximar-se aquele inseto desconhecido a aranha armou o bote; mas Emília de lança em riste, não lhe deu importância — foi chegando. Ao atirar-se contra ela, a aranha cravou o ventre no espinho. Esperneou, berrou, mas não teve remédio senão ir encolhendo as pernas e morrendo.

A primeira vitória de Emília em pleno "mundo biológico" encheu-a de orgulho. Estava demonstrando aos seus colegas o valor da inteligência. Já se utilizara de vários como cavalinhos e agora vencera uma aranha em combate.

Uma coisa a assustava mais que tudo: as aves. Percebeu logo que estavam ali os piores inimigos da nova gente pequenina. O Visconde havia contado que grande número de passarinhos eram *onívoros*, isto é, comem de tudo — e portanto comeriam a ela também e a quantos homens-bichinhos encontrassem. Felizmente batera meio-dia, hora em que os pássaros, já de papo cheio, descansam à sombra das árvores. As horas mais perigosas deviam ser as da manhã, enquanto eles almoçavam.

Pouco antes de chegar ao "violetal", Emília tinha assistido a uma tragédia dolorosa. Um gafanhoto verde, ainda criançola e bobo, caíra na asneira de afastar-se da grama, com cujo verdor ele tão bem se confundia. Dera-lhe na cabeça brincar de pula-pula na areia branca. Mas a areia branca tornava-o visibilíssimo. Uma corruíra avistou-o, veio e *zás!* — papo.

— Que coisa horrível o papo das aves! — filosofou Emília. — Verdadeiros barris sem fundo. Elas passam a vida inteira a botar bichinhos ali dentro e não os enchem nunca.

A lembrança do almoço da corruíra fê-la lembrar-se do estômago. Ainda não tinha comido coisa nenhuma. Que poderia comer naquele jardim? Se fosse ave, nada mais simples, porque não faltavam insetos; mas era gente e gente não come insetos — isto é, só come içá torrado e gafanhotos. Dona Benta havia dito que São João no deserto se alimentava de gafanhotos e mel.

— Mel, mel, mel — murmurou Emília lembrando-se das borboletas e abelhas que vivem só de mel. E as flores dali deviam ter mel, já que eram tantas as borboletas. Sim, mas as flores andam lá pelos altos, boas só para os insetos de asas. Esperem! Há também flores baixas — as violetas do "violetal". E Emília voltou para aquela mata virgem

em procura das violetas baixinhas. Encontrou três com os cachos pendidos e as pétalas encostadas no chão.

Foi ali que fez o seu primeiro lanche na vida nova, com o mel tirado das três violetas pendidas — mas o perfume deu-lhe dor de cabeça. Muito forte para ela.

— E água?

Mel causa sede; e água nos jardins, só de manhã, antes que o sol evapore as gotas de orvalho. Mas não há jardim sem torneira de irrigação. Emília tratou de descobrir a torneira daquele. Se tivesse a sorte de a encontrar pingando, o problema da água não era problema.

Para descobrir a torneira tinha de trepar a uma "árvore", do alto da qual pudesse "devassar os horizontes". Emília pôs-se a escolher uma árvore "trepável", isto é, que tivesse os galhos bem pertinhos uns dos outros. O melhor que achou foi um pé de samambaia, e por uma folha trepou até à pontinha. Com facilidade pôde ver a dois metros de distância a calçada, e na parede do palacete uma enormíssima torneira com um tremendo regador embaixo.

— Que regador colossal, meu Deus! — exclamou Emília fazendo cálculos. — Devia ter 40 vezes a sua altura, equivalente a qualquer coisa de 72 metros de altura para o Coronel Teodorico. Em suas comparações ela se lembrava sempre desse homem famoso no bairro de Dona Benta por causa do tamanho.

CAPÍTULO 6: **A FAMÍLIA DO MAJOR APOLINÁRIO**

A torneira ficava a cinco palmos do chão, isto é, a cem alturas da Emília. Pareceu-lhe a maior torneira do mundo.

— Em geral as torneiras de jardim não ficam bem fechadas, pensou ela, de modo que de vez em quando cai um pingo... Lá, portanto, é provável que eu encontre água.

Emília desceu da folha de samambaia e avançou na direção da calçada. Teve a sorte de ver no chão uma folha de iúca mexicana, que o jardineiro podara na véspera e deixara caída por ali (talvez o "apequenamento" o tivesse colhido durante o trabalho.) Onde andaria o pobre jardineiro? No papo de algum passarinho, com certeza. Emília caminhou muito bem por cima da folha de iúca e assim chegou à beira da calçada sem judiar dos pezinhos na dureza das pedras.

A altura da calçada seria duns 20 centímetros, o que representava 20 alturas da Emília, de modo que ela ficou a olhar para semelhante barreira como se fosse a muralha da China. Que colosso! Como galgar tamanha escarpa? Se fosse formiga, dotada de seis patinhas, nada mais simples; naquele momento duas formigas ruivas subiam pela pedra com a mesma facilidade com que andavam no plano. Mas para um bípede de um centímetro de altura, obstáculos de um palmo são muralhas intransponíveis.

Emília seguiu pela beira inferior da calçada, na esperança de encontrar um "subidor" qualquer.

Logo adiante deu com uma imensa "cobra vermelha", que descia da calçada, atravessava o pedregulho e afundava a "cabeça amarela" na grama do canteiro próximo. Emília aproximou-se cautelosamente. Viu que era o cano de borracha do jardim. Parou diante dele. Mediu-o com os olhos.

Diâmetro igual a três vezes a sua altura. Se pudesse trepar e caminhar por sobre esse cano, ser-lhe-ia fácil transpor a escarpa e descer no cimento.

Por felicidade, a "cabeça-da-cobra", isto é, o esguicho de metal amarelo, afundava na grama do canteiro. Emília foi para lá, agarrou-

se às folhinhas de grama e depois de várias manobras conseguiu trepar sobre a borracha. O resto foi fácil. Seguiu pelo cano até à escarpa, isto é, o ponto em que o cano subia do pedregulho à calçada. Esse trecho íngreme ela o galgou de gatinhas.

Ótimo. Estava outra vez no horizontal, em cima da calçada. Com as mãos na cintura, Emília contemplou a paisagem. Que calçada imensa, Deus do céu! Parecia o deserto do Saara.

Deixando-se escorregar do cano abaixo, encaminhou-se para a torneira. Como era gostoso andar no liso do cimento! Até deu uma corridinha.

Bem debaixo da torneira, olhou para cima. Haveria algum pingo em formação naquelas alturas? Impossível perceber. Súbito, sem aviso, um pingão, *plaft!* pingou em cima dela e esborrachou-a no cimento.

Que banho! Emília ficou atordoada por vários segundos. Nunca supôs que um pingo d'água pesasse tanto.

Erguendo-se, bebeu, à moda dos animais, numa das pocinhas formadas pelos respingos, e aproveitou a ocasião para um banho.

— Que coisa curiosa! — exclamou enquanto se esfregava. — Estou nua e não sinto a menor vergonha. Será que isso de vergonha depende do tamanho das criaturas? Deve ser, porque entre os homens a vergonha era só para os adultos. As criancinhas novas não mostravam vergonha nenhuma nem ninguém se ofendia de vê-las nuas. Aprendi mais essa: *vergonha é coisa que depende do tamanho.*

A torneira ficava perto de uma enorme escadaria de cinco degraus — a escadinha da varanda das trepadeiras. Lá no quarto degrau Emília percebeu viventes. Firmou a vista. Eram dois insetos cor-de-rosa e um preto — insetos desconhecidos e evidentemente descascados. Chegando mais perto, compreendeu tudo.

— Meu Deus do céu! Aquilo é gente!...

Era de fato gente — gentinha como ela — os donos da casa com certeza, O inseto preto seria uma tia Nastácia de lá — a cozinheira. E Emília teve assim a primeira prova provada de que o apequenamento também havia alcançado outras criaturas.

— Bom. Vou dar uma subida até lá para conversar com aqueles companheiros.

Mas havia escada, com cada degrau vinte vezes a sua altura. Ah, se aparecesse por ali a mutuca!

Emília viu enorme pau caído sobre a escada e compreendeu que era a vassoura. Com certeza a negra estava passando a vassoura na varanda e no momento em que ficou pequenininha a vassoura escorregara escada abaixo e era agora o tal "enorme pau". Felizmente a palha encostava no chão, de modo que Emília pôde subir por ela até equilibrar-se em cima do pau — e lá se foi engatinhando. Ao chegar ao ponto desejado, pulou.

Quando a viram engatinhando por cima do cabo da vassoura, as criaturas do quarto degrau supuseram tratar-se dum mede-palmo; mas mede-palmo não pula, de modo que o pulinho da Emília fez que todas recuassem assustadas.

— Não tenham medo! — disse ela aproximando-se. — Também sou gente. Sou Emília, lá do sítio de Dona Benta, que fiquei pequenininha e ando em exploração pelo mundo.

— É a Emília mesmo, mamãe! — gritou um menino que também andava por ali e só então ela viu. — Conheço os livros que falam dela. A cara é a mesma, o jeito é o mesmo. Só falta a roupinha de xadrez.

— E quem é você? — perguntou Emília.

— Sou o Juquinha. E esta é a Candoca, minha irmã — disse o menino apontando para outra criança.

— E que aconteceu por aqui?

— Não sei. Era de manhã e estávamos na mesa almoçando. De repente, uma panaria sem fim nos enleou e foi um custo para sairmos de dentro. E todas as coisas ficaram enormes — enormíssimas, como a senhora vê. A casa cresceu que não tem mais fim. Nossa roupa evaporou-se, num mistério.

Emília viu que eles não estavam compreendendo a verdadeira situação. Julgavam-se do mesmo tamanho de sempre. As coisas em redor é que haviam crescido.

— Esse senhor quem é, Juquinha? Seu pai?

— Sim, meu pai. E ali está mamãe. A criada é a tia Febrônia, nossa cozinheira. Papai perdeu a fala coitado, tamanho foi o susto, e mamãe está muito triste com o desaparecimento de vovó.

— Como desapareceu sua avó?

— Desapareceu porque não aparece — explicou Juquinha — Depois que conseguimos nos livrar daquela inundação de pano, reunimo-nos todos embaixo da mesa — menos vovó. Até agora, nem sinal.

Emília compreendeu o caso. A pobre velha não tinha podido safar-se de dentro de suas próprias roupas, e com certeza havia morrido asfixiada. Se o apequenamento foi coisa para a humanidade inteira, então milhões de criaturas deviam ter perecido como a avó daquele menino — pela impossibilidade de saírem de dentro das próprias roupas. Nada mais claro.

— Como se chama sua mãe?

— Nonoca.

Emília dirigiu-se para Dona Nonoca, que estava chorando. Contou-lhe mil coisas, as suas aventuras no jardim, a luta com a aranha, o

perigo das aves, o almocinho de mel que havia feito. A mulher chorava, chorava.

— Chorar não adianta, Dona Nonoca. O que temos de fazer é nos adaptar.

Dona Nonoca não entendeu essa palavra tão científica. Emília explicou-se.

— Adaptar-se quer dizer ajeitar-se às situações. Ou fazemos isso, ou levamos a breca. Estamos em pleno mundo biológico, onde o que vale é a força ou a esperteza. A senhora até teve muita sorte de que nenhum passarinho ou gato a visse. Como vieram parar neste degrau?

A pobre mulher contou que depois do desastre eles vieram caminhando até à varanda, para ver como tinha ficado o mundo.

— E estávamos olhando para o nosso velho jardim, transformado nesta mata gigantesca e sem fim, quando um horrível pé-de-vento nos jogou aqui.

Emília achou graça no "horrível pé-de-vento". Havia de ser aquele mesmo ventinho insignificante que a derrubara duas vezes. Conversou o que pôde com a pobre criatura e com o inseto preto. Desejava provar que nada havia crescido, eles é que haviam perdido o tamanho — mas não pôde convencer ninguém.

— Como é que sabe? — disse a negra. — Eu estou vendo tudo grande.

Emília deu todas as razões imagináveis, sem conseguir coisa nenhuma. E diante da certeza da negra e de Dona Nonoca, também ficou na dúvida.

— Será que tudo ficou grande e as criaturas estão do mesmo

tamanho de sempre ou tudo está do mesmo tamanho de sempre e fomos nós que diminuímos?

Pensou, pensou, pensou. O problema era dos mais sérios. Tanto podia ser uma coisa como outra — e em ambos os casos a situação das criaturinhas era exatamente a mesma.

Aquele homem era o Major Apolinário da Silva, prefeito da cidade, cidadão muito importante. Estava agora transformado em insetinho descascado e mudo. Emília mediu-lhe a altura. Viu que tinha 4 centímetros. E como fosse muito gordo, dava a ideia duma taturana cor-de-rosa em pé.

Juquinha, o mais esperto da família, mostrava-se contente com a novidade e, ao contrário do pai, falava pelos cotovelos.

Contou que antes da "ventania" ele estivera na varanda espiando a rua pelas grades de ferro do jardim, e muito estranhara não ver movimento nenhum.

— Não passou nenhum automóvel nem carroça, nem nada. Tudo paradíssimo. Um silêncio que nunca vi. *Silêncio de gente*, porque os passarinhos andam mais barulhentos do que nunca. Parece que se mudaram todos para a cidade.

Emília riu-se. Lembrou-se da queda de içás e siriris em outubro, quando milhões de formigas de asas saem dos formigueiros para a festa anual do banho de sol. Nesses dias o assanhamento das galinhas e passarinhos é enorme — e os papos se enchem de arrebentar. O mundo inteiro devia estar agora cheio do assanhamento das aves, diante da inesperada aparição daquela nova espécie de içás.

Emília esclareceu como pôde o caso e deu os conselhos da sua experiência.

— É preciso, primeiro — disse ela — o maior cuidado com os ventos. Qualquer ventinho nos derruba. Segundo: cuidado ainda maior com os passarinhos e as galinhas. Basta dizer que eu estou aqui, nesta terra desconhecida, justamente por causa dum simples pinto sura, que ainda ontem corria de medo de mim. Terceiro: cuidado com os buracos redondos, porque em geral têm moradores dentro e esses moradores se defendem. Em vez de buraquinhos redondos, temos de procurar vãos, fendas e outros abrigos naturais, não feitos por nenhum colega.

— Colega?

— Sim, nossos colegas são agora os bichinhos do chão e do ar. Quarto conselho: cada um que arranje um espinho de cactos, porque se não fosse este aqui — e mostrou a sua lança — eu já estava sugada por uma aranha.

— Mas onde poderemos arranjar essa arma? — quis saber Juquinha.

— Esta encontrei perto do "violetal", no chão. Mas criaturas grandes, como seu pai, sua mãe e a tia Febrônia, podem usar alfinetes. Não há alfinetes aqui em casa?

Nesse momento um miado de gato assustou Emília. O menino, porém, e a negra fizeram cara alegre.

— É o Manchinha, disseram os dois ao mesmo tempo.

— Que Manchinha? — perguntou Emília.

— O nosso gato amarelo.

— Emília horrorizou-se. Pois então estavam com um gato ali perto e não se escondiam?

— Ele é o que há de manso — disse a boba da Febrônia. — Dormia na minha cama. Fui eu que o criei.

Oh, estupidez humana! — pensou Emília. — Será que esta gente supõe que o gato vai reconhecê-los e continuar bonzinho como era? Explicou-lhes isso, e aconselhou-os a procurarem refúgio. Mas quem pode com a burrice de certas criaturas? Ninguém acreditou em suas palavras. Riram-se. Até o Major Apolinário riu-se — pela primeira vez depois do apequenamento.

— Você diz isso porque não conhece o Manchinha — observou Dona Nonoca. — Não há no mundo gato mais meigo.

— Mas pega camundongo?

— Isso, pega.

— E gafanhotos?

— Também pega. Ainda ontem andou atrás dum gafanhoto aí no jardim.

— E acha então que ele tem inteligência bastante para nos distinguir dum gafanhoto ou duma barata?

O Major riu-se de novo. Ele ainda estava com a "ideia de gato" própria das gentes que possuíam tamanho. Emília tentou esclarecê-lo. Explicou aquela história da "ideia filha da experiência".

— A "ideia de gato", Senhor Apolinário, vinha da nossa antiga experiência de criaturas tamanhudas em relação aos gatos. Era a ideia dum animal perigoso para ratos, baratas e gafanhotos, mas inofensivo para nós. Agora, porém, temos de reformar essa ideia, como também temos de reformar todas as ideias tamanhudas, como por exemplo, a "ideia de pinto", a "ideia de leão" e tantas outras. E quem não fizer assim está perdido.

O Major não entendeu. Era a burrice era pessoa. Achou aquele sermão com cara de "coisa de livros". Nesse momento o Manchinha miou novamente mais perto.

Emília não quis saber de mais nada. Agarrando as duas crianças correu a esconder-se numa rachadura do cimento.

Foi a conta. A enorme carantonha dum gato gigantesco surgiu à porta da varanda. Miou várias vezes, como quem está aflito em procura dos donos. Depois, aproximou-se, no perigoso andar de gato que enxerga barata.

Que horrível cena! Apesar de durinha de coração, Emília arrepiou-se ao ver o meigo Manchinha, tão saudoso dos seus donos, comer sossegadamente os três insetos descascados que descobriu ali. Mas teve o cuidado de tapar com as mãos os olhos das duas crianças. Juquinha e Candoca nunca vieram a saber do trágico destino de seus pais — vítimas da "lerdeza com que sé adaptavam às novas condições de vida", conforme Emília mais tarde explicou ao Visconde.

CAPÍTULO 7: **JUQUINHA CONTA A SUA HISTÓRIA**

Depois que o gato se foi embora, talvez em procura de mais insetos gostosos como aqueles, Emília pôs-se a refletir muito a sério. Podia sair da toca, mas já estava sem liberdade de ação. De um momento para outro o destino a transformara em mãe de dois órfãos. Juquinha não era nada; até lhe serviria de companheiro — menino taludo, de dois centímetros de altura. Já a Candoca não passava duma criança de três anos e meio, completamente boba. Teria de andar pela mão de alguém. Que alguém?

Juquinha ou ela, a "ama seca" Emília — que graça!

— Nunca me casei de medo de ter filhos, e afinal me vejo tutora de dois marmanjos — um maior que eu, mas ainda sem juízo, e outro do meu tamanho, mas que só sabe chorar. A encrenca vai ser grande...

Emília sempre teve fama de não possuir coração. Mentira. Tinha sim. Está claro que não era nenhum coração de banana como o de tanta gente. Era um coraçãozinho sério, que "pensava que nem uma cabeça". Podendo deixar ali as duas crianças, já que a situação do mundo era a de um geral "salve-se quem puder", não as deixou. Heroicamente resolveu salvá-las.

— Bem. E agora? — pensou lá por dentro logo depois de passado o perigo. — Sozinha, eu ia me arrumando muito bem. Mas tudo mudou. As duas crianças me obrigam ã estudar a defesa. Que defesa devo adotar? Evidentemente, o disfarce. Não me resta outro caminho senão essa forma de mentira. Tenho de disfarçar-me em bicho-folhagem ou qualquer coisa assim — e tenho também de disfarçar estas crianças.

A ideia do bicho-folhagem foi sugerida pela lembrança de uma velha história de tia Nastácia. Para livrar-se da onça, o macaco besuntou-se de mel e rolou num monte de folhas secas, desse modo transformando-se em bicho-folhagem e enganando a onça. Emília tinha de inventar qualquer coisa assim.

— Juquinha — disse ela voltando-se para ô menino — saiba que seus pais se mudaram para um país muito distante e deixaram vocês entregues aos meus cuidados.

— Para onde foram?

Emília demorou na resposta. Estava pensando. Isso de falar a verdade nem sempre dá certo. Muitas vezes a coisa boa é a mentira. "Se a mentira fizer menos mal do que a verdade, viva a mentira!" Era uma das ideias emilianas. "Os adultos não querem que as crianças mintam, e no entanto passam a vida mentindo de todas as maneiras — para o bem. Há a mentira para o bem, que é boa; e há a mentira para o mal, que é ruim. Logo, isso de mentira depende. Se é para o bem, viva a mentira! Se é para o mal, morra a mentira! E se a verdade é para o bem, viva a verdade! Mas se é para o mal, morra a verdade! Juquinha quer saber para onde os pais foram. Se eu disser a

verdade, ele se desespera, chora, e fica uma inutilidade de olho vermelho e ranho no nariz atrás de mim. Logo não devo contar a verdade. Poderei inventar uma mentirinha benéfica. Dizer, por exemplo, uma coisa que ele não compreenda bem, mas que o sossegue." E respondeu:

— Seus pais, Juquinha, foram obrigados a mudar-se para a Papolândia.

— Onde é isso?

— É uma terra em toda parte, onde só há *papapospos*. É a terra dos *papapupu-dospos* que voam, ou andam pelo chão miando como gato. E sabe o que é papapopo? — É uma espécie de colo. Antigamente as mães punham os filhinhos no colo; hoje os papapupudospos põem todo mundo no papapopo.

— E é bom lugar esse papapopo?

— Ótimo. Quentinho como cama. Quem adormece nesse colo gosta tanto que não acorda mais.

A explicação deixou Juquinha na mesma, mas o sossegou. Sentia muito que seus pais fossem dormir um sono tão comprido numa terra tão esquisita; mas se era no quente, então bem. A expressão "quentinho como cama" agradou ao menino, que estava nu e com frio.

— Não sei o que aconteceu com a nossa roupa, disse ele. — Eu estava com o meu capote vermelho, de boné na cabeça, pronto para sair com a tia Febrônia depois do almoço. De repente, tudo se sumiu diante de mim. Uma escuridão! Fiquei caído no meio de panos. Veio a falta de fôlego. Comecei a me debater e engatinhar para sair dali.

— Dali de onde?

— Daquela panaria escura.

— Sair e ir para onde?

— Não sei. Eu queria sair, sair — e fui saindo sempre engatinhando.

— Por que sempre engatinhando?

— Porque não podia ficar de pé. O pano não deixava.

— E depois?

— Fui indo, fui indo, até que rolei para um enorme buraco que já não era de pano. Parecia de couro.

Escuro como a noite lá dentro. Felizmente vi uma luz. Era um buraquinho claro naquele buracão escuro. Encaminhei-me para lá e saí.

— E que viu?

— Vi este mundo de agora. Tudo tão grande que a gente nem reconhece as coisas. De repente, olhei; mamãe ia saindo de gatinhas de outro enorme monte de pano. E dum terceiro monte de pano, adiante, vi sair papai. Corri para eles. Estavam tão assustados que nem podiam falar.

Mamãe afinal falou; papai nunca mais. Ficou totalmente mudo. Vovó, coitada, sumiu. A Zulmira também. Vi o chão forrado de pelos enormes; andar por ali era o mesmo que andar por um capinzal cerrado. Pelos vermelhos e azuis e pretos.

Emília percebeu que Juquinha estava se referindo ao tapete da sala de jantar.

— E a Candoca? — perguntou.

— A Candoca ia tomar banho naquele momento. A Zulmira já tinha tirado o vestidinho dela...

Emília horrorizou-se. Se a pequena já estivesse no banho quando sobreveio a "redução" teria morrido afogada. E pensou nos milhões de criaturas que pelo mundo a fora deviam naquele momento estar no banho e fatalmente morreram afogadas.

— Quem era a Zulmira?

— A ama de Candoca.

Um ponto da história do Juquinha Emília não compreendeu — o tal buracão escuro em que ele havia caído ao escapar da montanha de pano. Mas desconfiou duma coisa.

— Você estava calçado, Juquinha?

— Estava, sim, com os meus sapatos amarelos. E ia sair com a Febrônia justamente para comprar uns sapatos novos. O do pé direito estava furado no dedão.

Emília riu-se.

— Compreendo agora, Juquinha. O tal buraco enorme em que você caiu foi o pé direito daqueles sapatos velhos, o buraquinho do buracão" era o furo do dedão.

O menino ficou pensativo, de rugas na testa. "Quem sabe se foi mesmo?"

A Candoca principiou a choramingar de frio. Aquele cimento da escada não era bom berço. O choro da criança fez que Emília voltasse à ideia do bicho-folhagem. Tinha de descobrir qualquer coisa com que vestir-se e vestir os órfãos. Pano?... Impossível. Pano até que havia muito, por toda parte montanhas de pano; mas pano pede tesoura e agulha, e se acaso ela possuísse uma tesoura e uma agulha seriam proporcionais ao seu tamanho e tão pequenininhas que não cortaria nem coseria nenhum dos grossos panos existentes no mundo.

Mas há uma coisa que pode substituir o pano: o algodão com que se fazem os panos. Se ela encontrasse um pouco de algodão, estariam resolvidos dois grandes problemas: o do vestuário e o da defesa.

— É isso! Vou disfarçar-me em chumaço de algodão e fazer o mesmo às crianças. Chumacinhos de algodão valem pela melhor roupa e podem rolar à vontade pelo mundo, sem atrair a atenção de gatos, pintos ou passarinhos. Que bicho come algodão? Nenhum. Logo, o problema agora é descobrir um chumaço de algodão.

E voltando-se para o Juquinha:

— Lá dentro de sua casa não haverá algodão?

— Algodão?

— Sim, desse de botar em cova de dente ou no ouvido, quando há dor de ouvido.

— Há, sim. Na estante dos remédios do quarto de mamãe há um pacote azul.

— Ótimo. Fique sabendo que a grande coisa para nós três agora é irmos até lá e apanharmos um pouco desse algodão.

— A senhora está com dor de ouvido? — perguntou o bobinho. Emília riu-se.

— Não, meu amor. Estou com dor de papapopo e o remédio é algodão.

— Que tanto papapopo a senhora fala? Emília riu-se de novo.

— Juquinha, Juquinha. Papapopo era uma coisa que antigamente não preocupava a ninguém. Mas agora o papapopo é tudo. O grande perigo da humanidade nova, meu amor, é o Senhor Dom Papapopo. Saiba disso.

O menino não entendia. Quis explicações. Ela tapeou.

— O Senhor Dom Papapopo, Juquinha, deve ser filho daquele Papão que outrora assustava as crianças. O tal Papão, porém, era mentira. Nunca existiu. Começou a existir desde que alguém mexeu na Chave do Tamanho. Está entendendo? Desde esse instante o Papapopo, ou o Senhor Dom Papão — pois tudo é a mesma coisa — apareceu no mundo e anda por toda parte nos rondando. Felizmente eu não sou boba. Percebo as coisas muito bem.

Penso em tudo e "adapto-me", como diz o Visconde. Por isso estou certa de que o grande remédio contra o Papão é o Algodão. Juquinha amigo toca a procurar o Senhor Dom Algodão por causa do Senhor Dom Papão.

Juquinha ficou na mesma e Candoca pôs-se a berrar.

— Vamos! — disse Emília, dando a mão à manhosa e saindo da fresta.

CAPÍTULO 8: **A TRAVESSIA DAS SALAS**

Para chegar à varanda tinham de subir o último degrau da escada. Por onde? Pelo único caminho existente, o pau da vassoura. Como? Muito bem. Juquinha a ergueria nos ombros e a poria lá. Depois, lá de cima, ela ajudaria Juquinha a subir, dando-lhe a mão. "Não! Isso não serve. Posso escorregar e cair. O melhor é eu ir sozinha engatinhando pelo pau até a varanda, e ver se lá existe alguma corda. Se houver corda, Juquinha subirá por ela — e em seguida a Candoca. Está certo."

Depois de bem planejada a subida, explicou tudo ao menino e deram começo à realização da ideia. Juquinha, menino forte, ergueu-a facilmente ao ombro e empurrou-a para cima do cabo da vassoura.

— Muito bem — disse Emília lá do alto. — Agora eu subo até a varanda em procura de corda, e você me espera aí com a Candoca — e pôs-se a engatinhar pelo cabo da vassoura acima. Chegando ao nível da varanda, pulou.

Encontrou lá um montinho de lixo da manhã. Emília compreendeu que a criada estava no meio da variação quando ficou reduzida — e a vassoura escorregou pela escada. Nesses ciscos de casa de família, "corda" é coisa que não falta nunca. Emília encontrou vários pedaços de fios de linha, bons para o fim desejado. Arrastou um deles até à quina do degrau e gritou para o menino lá embaixo:

— Achei uma corda ótima. Vou jogar a ponta. Faça uma laçada e passe-a pela cintura da Candoca. Depois suba pela corda acima como os marinheiros sobem pelo cordame dos navios. Mas antes de jogar a corda tenho de amarrar a outra ponta em alguma coisa aqui. Espere.

Emília olhou em torno. Onde amarrar a ponta da "corda"? O chão da varanda era de ladrilhos, sem felpa nenhuma ou prego. Emília foi examinar a soleira da porta, que era de madeira. Descobriu uma excelente lasquinha, ajeitadíssima para o caso, mas inútil, porque ficava a três centímetros de altura. Inútil? Com um pau ela poderia enfiar lá uma laçada feita na ponta da "corda". Só restava achar o pau.

Emília voltou para o montinho de cisco. Que riqueza de materiais! Havia tudo ali. "Cordinhas", paus, pedras, fiapos de pano e rolos de "penugem de cisco".

O pau encontrado foi uma palhinha da vassoura. Emília enfiou a laçada num gancho da palhinha e ergueu-a até à lasca.

— Ótimo! A laçada cerrou e não escapa.

— Pronto, Juquinha. Deixe a Candoca amarrada e suba. Aqui de cima nós dois suspenderemos essa manhosa.

E assim foi feito. O menino subiu com a maior facilidade, porque era mestre em trepar em árvores. Em seguida os dois juntos suspenderam a Candoca. Aí é que ela chorou de verdade, aos berros, como se fosse o fim do mundo. "É natural", pensou Emília fazendo a conta. "Este degrau tem 15 vezes a alturinha dela; corresponde, pois, a uma altura de 27 metros para o Coronel Teodorico. Até ele, um homenzarrão, era capaz de chorar se alguém o suspendesse 27 metros na ponta de uma corda."

Muito bem. Lá estavam os três na varanda, Tinham agora de entrar na casa, o que foi fácil, porque a soleira da porta era apenas de 5 centímetros de altura e havia aquele precioso cisco para ajudá-los. Emília e o menino tomaram duas palhinhas de vassoura de igual comprimento, quebraram outra mais fina em pedaços iguais e amarraram esses pedaços nas duas palhinhas — e lá subiram pela escada feita. A Candoca resistiu. Não queria subir. Estava com medo e a chorar que nem um bezerro. O remédio foi repetirem a operação anterior. Passaram-lhe a corda sob os braços e suspenderam-na à força.

Lá dentro da casa Emília admirou a imensidão de tudo. No assoalho viu um tapete verde-cana com ramagens cor-de-rosa. Tinha meio centímetro de espessura — metade da altura dela!

— Este tapete está me parecendo um pasto de capim-catingueiro florescido que os bois ainda não amassaram.

Como fosse impossível atravessar a sala por cima do tapete, tiveram de dar volta junto ao rodapé. Em certo ponto viram um enorme balde vermelho: o dedal de celulóide da Zulmira, caído por ali.

— Ótimo! — exclamou Emília. — Vamos deixar a Candoca guardadinha neste "balde", enquanto procuramos o algodão. Esta manhosa só serve para nos atrapalhar.

A Candoca foi sentada à força dentro do dedal e lá ficou chorando, enquanto Emília e Juquinha continuavam a viagem pela beira do

rodapé. Em certo ponto encontraram uma pulga dormindo. Que tamanho! Era como um leitão para um homem comum. Juquinha pregou-lhe um pontapé. A pulga arregalou os olhos, assustada, e deu um pulo gigantesco. Logo adiante viram uma traça, dessas que parecem semente de abóbora e caminham com a cabecinha de fora, arrastando a "casa". Pararam para ver bem.

— Estes bichinhos aprenderam o sistema, com os caramujos — disse Emília. — Com eles não há isso de "ir para casa" porque a casa anda com eles.

Notou que a casa da traça era feita de pedacinhos de lã, cortados do tapete e ligados entre si dum modo especial. Emília quis fazer uma experiência.

— Será que se eu trepar em cima ela continua andando? — e trepou. A traça, porém, encolheu a cabeça, como faz a tartaruga, e ficou imóvel. Emília desceu.

— Não presta. Isto não dá cavalo.

E contou ao Juquinha as suas proezas com o mede-palmo, com o caramujo, com o besouro de pintas amarelas e a mutua.

O menino ficou radiante à ideia de montar num besouro.

— Muito melhor que os cavalos — disse ele — porque os besouros voam.

— Antigamente os cavalos também voavam, disse Emília.

— Quando? Nunca ouvi falar nisso.

— Na Grécia houve um tal Pégaso que voava maravilhosamente.

O Walt Disney pintou o retrato dele, da Pégasa e dos Pegasosinhos, naquela fita a *Fantasia*. Não viu?

— Eu bem quis ver, mas papai não deixou. Disse que era muito caro.

— "Pão duro!" Por isso mesmo está "empapado".

— Quê?

— Está dormindo na Papolândia — atrapalhou Emília. — Mas depois da Grécia os cavalos perderam as asas, como as içás quando enjoam de voar e descem. Já agora podemos ter quantos Pégasos quisermos. Podemos montar em besouros, em borboletas, e até em libelinhas. Imaginem que gosto, voarmos montados na velocidade incrível das libelinhas!

E assim, na prosa, chegaram ao quarto de Dona Nonoca.

Lá estava a estante dos remédios, imensa, com caixas de pílulas e vidros. Também lá estava o pacote azul do algodão com um chumaço aparecendo. Mas muito alto — na segunda prateleira.

— O algodão está encimíssimo — observou Emília. — Está como papagaio de papel enganchado no fio telefônico. Como derrubar aquilo?

O jeito era esse: derrubar. Pacotes de algodão pesam pouco. Se conseguissem alcançá-lo com uma vara... Mas que é da vara?

Emília espiou entre a estante e a parede.

— Achei! Achei! Há aqui um vão escuro, cheio de velhas teias de aranha pelas quais podemos subir.

— E a aranha? — perguntou o menino.

— Não vejo nenhuma. É teia velha, e estes fios aguentam perfeitamente o meu peso — disse Emília experimentando. — Não há como não ter peso nem tamanho. Tudo vira fácil — e foi subindo.

Juquinha de nariz para o ar, acompanhava a manobra.

— A estante tem forro — disse ele. — Quero ver como a senhora passa.

— O forro é de pinho — respondeu Emília. — As tábuas de pinho às vezes têm nós que caem e deixam um buraco. Estou rezando para que este forro seja de tábua de pinho com buraco de nó. Se não houver passagem, paciência. Descerei e procurarei outro meio.

CAPÍTULO 9: **A ESTANTE DOS REMÉDIOS**

A estante dos remédios era das pequenas, como em geral as estantes de remédios, de modo que a segunda prateleira ficava a apenas dois palmos do chão. Mesmo assim, para criaturinhas daquele tamanho a altura de dois palmos era o mesmo que um sobrado. Emília, entretanto, foi subindo. Encontrou vários cadáveres secos de moscas, borboletinhas, traças e até o de um vaga-lume dos menores.

— Já sei por que a aranha desta teia não está aqui — disse ela consigo. — Sugou este vaga-lume e morreu envenenada. Aquela luzinha dos vaga-lumes é fósforo — um veneno terrível.

A sua hipótese do buraco do nó de pinho acertou. Lá estava um e bem na altura da segunda prateleira. Emília deu jeito, passou-se da teia para o buraco e com um pulinho saltou na prateleira. Caiu bem em cima duma roda de carro, branca como leite. Era um comprimido de Fontol.

— Chi, meu Deus! Isto por cá é uma verdadeira floresta de remédios. Vidrões que não acabam mais. E enormes caixas de unguentos. Gigantescos papeizinhos de pós. E até um vidrão de iodo.

Diante do vidro de iodo parou e olhou. A rolha de cortiça, devorada pela droga, estava no chão.

— Bem boba a gente desta casa — refletiu Emília. — Não sabem duma coisa tão à toa — que iodo tem ódio às tampas de cortiça. Quer tampa de borracha ou vidro, como a do vidro de iodo de Dona Benta.

Foi varando por entre a floresta de remédios até que avistou um pacote de algodão. Enorme! Teria umas dez vezes a sua altura. Fez força para empurrá-lo, mas o monstro nem sequer se moveu.

Chegando à beira da tábua, gritou para o menino lá embaixo:

— Minha força não dá, Juquinha. Temos de experimentar um jeito.

Há aqui um fio de gaze. Vou amarrar a ponta no pacote azul para que você puxe aí de baixo.

E assim fez. Juquinha puxou. O pacote azul foi cedendo, cedendo, até que, *plaf!* caiu.

— Hurra! — exclamou Emília radiante — e tratou de descer pelo mesmo caminho.

A teia estava muito velha e empoeirada, de modo que ela se sujou toda e até apanhou um cisquinho no olho.

— Assopre — disse logo que desceu, arregalando o olho para o menino.

Juquinha assoprou — e parece que deu certo, porque Emília não se lembrou mais do olho. Só pensou em ir puxando uma por uma as fibras do algodão para enrolá-las em redor do corpo. Em poucos minutos transformou-se num verdadeiro casulo. Depois ajudou Juquinha a fazer o mesmo.

— Que ótimo! — exclamou. — Estamos quentinhos aqui dentro, e tão bem disfarçados em chumaço que bicho nenhum irá preocupar-

se conosco. Um gato nos vê e nem liga. "É algodão", pensa lá com os seus bigodes. Um pinto nos vê e passa de largo. Um tico-tico nos vê e vai saindo.

— Mas o primeiro beija-flor que encontrarmos nos leva no bico — lembrou Juquinha. — Já vi lá no jardim. É com painas e algodões que eles fazem os ninhos.

Emília desfiou mais um chumaço de fibras para a Candoca e pronto. Podiam voltar.

A meio caminho encontraram uma aranha dessas de pernas compridíssimas e que não mordem gente — só enrolam moscas no fio. Aquela estava justamente ocupada nisso. Uma pobre mosca ficara presa à teia e a aranha estava a enrolá-la. Os dois pararam para admirar a perfeição do serviço. As longas pernas da aranha tinham uma agilidade incrível no manejo da teia, e com grande rapidez deixaram a mosca sem movimento nenhum, transformada em novelo.

— Como estes bichinhos sabem arrumar-se num mundo tão grande!

— murmurou Emília — cada qual descobre um jeito. Por isso tenho tanta fé na humanidade futura, isto é, na humanidade de daqui por diante — a humanidade pequenina. Com a nossa inteligência, poderemos operar maravilhas ainda maiores que as dos insetos.

— Mas eles sabem e nós não sabemos — disse Juquinha.

— Também saberemos. Sabem porque foram aprendendo. Nós também aprenderemos, por que não? A professora é uma velha feroz, que não perdoa aos lerdos e preguiçosos. Chama-se Dona Seleção.

— Quem é? — perguntou Juquinha, que não entendia nada de ciência.

— É a Papuda-Mor — respondeu Emília rindo-se.

CAPÍTULO 10: **O FORD ESCANGALHADO**

Encontraram a Candoca no chorinho de sempre. Emília teve uma ideia.

— Quem sabe se é fome? Ela já havia almoçado quando diminuiu? Juquinha disse que não.

— Foi no começo do almoço que a "coisa" veio. Lembro-me bem. Eu tinha fisgado uma batata. Abri a boca. A batata ainda estava no meio do caminho quando, pronto! Não vi mais nada. Só aquela escuridão dentro da panaria.

— Pois há de ser isso. O choro da Candoca é fome — resolveu Emília.

— No chão da sala de jantar deve haver comida. Vamos para lá.

Foram. Que mesa imensa! Ficava a 80 centímetros do chão — 80 vezes a alturinha dela. O mesmo que um arranha-céu de 30 andares para o Coronel Teodorico. Lá em cima devia haver comida para todos os habitantes duma cidade — mas que adianta comida em um "telhado de arranha-céu?"

O importante era o que houvesse caído no assoalho — algum grãozinho de arroz, ou de farinha, ou isca de pão.

Olharam. Perto da mesa viram uma grande bola amarela. Juquinha imediatamente a reconheceu.

— A minha batata! Juro que é a minha batata. Mas como ficou

enorme! Naquele momento o garfo caiu da minha mão e ela escapou e rolou.

É isso.

Encaminharam-se para lá. Era uma batata frita, coisa que outrora qualquer criança mastigaria com a maior facilidade. Para eles, porém, a casquinha exterior, endurecida na frigideira, pareceu rija como casca de laranja. Felizmente havia os quatro furos abertos pelo garfo. Juquinha enfiou a mão num deles e agarrou lá dentro o que pôde. Deu um punhado de massa para a Emília e outro para a Candoca. A menina comeu com voracidade. Coitadinha! Sua manha era de fato fome e frio. Com a quentura do algodão e aquele almoço de batata, sossegou.

— Muito bem — disse Emília — temos agora de dar um passeio pela cidade a fim de ver o que aconteceu.

E depois?

— Depois iremos procurar casa, isto é, algum buraquinho ou vão de tijolo onde possamos morar.

— Toda a vida?

— Então? Nossa vida agora é esta. Eu sempre morei num lugar lindo lá no sítio de Dona Benta.

— Sei. Li as histórias.

— Pois é. Sempre morei lá. Mas estava numa grande viagem quando a "coisa" aconteceu; e virei, mexi e vim parar nesta cidade que não sei qual é. Como se chama esta cidade?

— Isto aqui é Itaoca.

— Itaoca? — repetiu Emília, surpresa. — Então é aquela vilazinha que ficava a menos de meia légua do sítio de Dona Benta?

— Pois é.

— Ora que graça! Pensei que estivesse no fim do mundo. A vila de Itaoca eu conheço muito bem. Já andei por aqui muitas vezes.

— Meu pai era o prefeito municipal desta cidade — disse Juquinha.

— Tomava conta das ruas, mandava capinar o mato das calçadas. Ele tinha um cavalo muito bonito — o Pangaré — e só o ano passado comprou automóvel — um Ford. Quando será que papai volta? É longe a papolândia?

Emília teve dó do Juquinha. Nunca mais iria ver o pai, nem a mãe, nem a Zulmira, nem a Febrônia, nem o Ford.

— Tudo é longe agora, Juquinha. Até o sítio de Dona Benta, que era pertíssimo virou lonjura sem fim. Meia légua! Meia légua antigamente era meia légua. Hoje meia légua é um abismo de lonjura. Meia légua tem 3 mil metros. Para caminhar essa distância os homens davam 5 ou 6 mil passos. Hoje, sabe quantos passos eu tenho de dar para fazer meia légua? — e fez a conta de cabeça. Nada menos de 1.200.000 passos!

— E se for montada num besouro?

— Ah, então ficará perto. Mas antes disso temos de descobrir a "dirigibilidade dos besouros", senão a gente monta num e vai parar onde ele quer e não onde a gente quer.

E assim, nessa conversa, chegaram à porta da varanda. A menina, já sossegada, ia pela mão da Emília. Lá encontraram a escadinha de palha da vassoura e por ela desceram. Para descer os cinco degraus da escada de cimento tiveram de recorrer a vários fios de linha

emendados. Quando se viu de novo pendurada naquela corda, a Candoca pôs a boca no mundo.

Desceram. Na calçada dirigiram-se ao cano de borracha, por cima do qual foram ter ao pedregulho do jardim. Juquinha estranhou o "horror" daquele chão.

— É incrível que houvesse tanta pedra aqui e eu nunca percebesse. Quantas vezes não brinquei neste jardim! Corria pelas ruas todas e nunca vi pedras, e agora só há pedras e mais pedras.

Emília lembrou-se dos sofrimentos de seus pezinhos nas "irregularidades daquele solo" e propôs que se calçassem.

— Com sapatinhos de algodão. Quer ver? e sentando-se tomou um pouco de algodão do seu chumaço e nele enrolou os pés, encastoando-se muito bem. Fez o mesmo nos pés da Candoca e do Juquinha.

Foi um regalo. Puderam caminhar muito bem e sem que a todo momento estivessem a dar topadas ou arranhar-se no "corte de vidro" daquelas "pedras de areia". E assim chegaram até ao portão de ferro do jardim. Passaram por baixo e pronto. Era a rua.

Que rua enorme! O outro lado ficava a 20 metros dali, ou 2.000 vezes a alturinha da Emília. As casas pareciam arranha-céus infinitos, com os telhados nas nuvens — e o comprimento da rua também não tinha fim. "Perde-se no horizonte" — pensou Emília.

Foram andando pela calçada. De distância em distância viam uma montanha de pano.

Emília explicava tudo.

— Cada montanha de pano corresponde a um homem, a uma mulher ou a uma criança que estava na rua no momento da "redução". Os donos das roupas foram soterrados por elas; os mais

felizes conseguiram sair de dentro, como nós, mas muitíssimos não puderam e devem estar mais que mortos. E há ainda os que ao saírem tombaram nos buracões de couro — as botinas. Quem caiu em buraco de sapato raso, ainda pôde sair. Mas os que caíram em buracos de botas? Esses ainda estão lá dentro, como sentenciados em calabouços.

A uma grande distância do portão viram uma enormíssima montanha de ferro escangalhado junto à parede dum "arranha-céu".

— Um automóvel — explicou Emília. — Todos os automóveis que estavam em movimento na hora da "redução" foram para o beleléu. Perderam o governo, esborracharam-se de encontro às casas. O mesmo deve ter acontecido a todos os aviões nos ares, e a todos os trens em marcha e a todos os navios no mar. Tudo levou a breca.

Juquinha achou que aquele automóvel podia ser o Ford de seu pai — mas como saber?

— Pelo número. Que número tinha o carro de seu pai?

— Era o 7.

Emília deu volta ao carro para descobrir o número. Lá estava ele, em cima, enorme. Foi preciso afastar-se a boa distância para lê-lo.

— Sete, sim, Juquinha. O carro de seu pai era este.

— E onde andará o chofer, o Totó?

— Com certeza está aí dentro. Com as portas fechadas, como poderia ter saído?

Juquinha quase chorou. Queria salvar o Totó, que era muito seu amigo, mas como?

— Impossível — resolveu Emília. — Um automóvel fechado é a coisa mais fechada que existe no mundo. Nem chuva entra. O Totó, se ainda está vivo, que aproveite o resto da vida que tem, porque daí ninguém o tira. Vamos embora.

Juquinha ainda ficou parado alguns instantes, de nariz para o ar, vendo se havia um jeito. Não havia. Suspirou.

E lá continuaram a subir a rua imensa. Havia ainda muitos passarinhos por ali — para eles aves gigantescas, verdadeiros pássaros Rocas. Embora já tivessem comido muitos "insetos descascados", aqueles passarinhos andavam à procura de mais. Nenhum deles, porém, deu atenção aos "algodõezinhos moventes".

— Eu não disse? — observou Emília.

— O algodão é a melhor defesa contra o frio e contra as aves e gatos.

— Mas há os beija-flores — tornou o menino. Se algum nos enxergar, leva-nos para o seu ninho.

— Antes ninho do que papo. Se eu for levada a um ninho de beija-flor, até gosto, porque dormirei uma noite regalada.

Emília deu a Juquinha uma lição sobre a vida nova.

— Muitos daqueles perigos de antigamente pouco valem agora — disse ela.

— Leões, tigres, crocodilos, jiboias — nenhuma dessas feras, que tanto apavoravam os homens, constitui perigo hoje. O perigo para a humanidade de hoje, meu caro, é a galinha, é o pinto, é o pardal, é a passarinhada toda que gosta de insetos. E as aves têm uns olhos tremendos para enxergar. O pinto sura me percebeu longe. Outro perigo muito sério é o gato. Cachorro, não; mas gato — ah, malditos gatos, comedores de baratas e gafanhotos! E eles judiam da presa antes de matá-la.

— O Manchinha era assim — lembrou o menino. — Não perdoava barata nenhuma. E judiava delas.

— Pois é. Hoje qualquer gato vagabundo come um rei, um general, um sábio, um prefeito, com a mesma facilidade com que antigamente o Manchinha comia baratas. Temos, pois, de nos defender.

— Mas como, assim pequeninos?

— Com a inteligência ou a astúcia, como fazem tantos insetos deste mundo. O Visconde já me explicou isso muito bem. Uma das melhores defesas, por exemplo, se chama mimetismo.

— Mime o quê?

— Tismo. Mi-me-tis-mo. Quer dizer imitação. Uns imitam a cor dos lugares onde moram. Se moram em pedra, imitam a cor da pedra. Se moram na grama, como os gafanhotos, imitam a cor da grama. Por quê? Porque desse modo os inimigos os confundem com a grama. E há os que imitam a forma das folhas das árvores ou dos galhinhos secos.

— Eu já vi um desses — lembrou Juquinha. — O Totó apareceu lá em casa com um galhinho seco na mão. "Que é isto?" me perguntou. Eu olhei e respondi: "É um galhinho seco." Totó riu-se e largou o galhinho no chão — e sabe o que aconteceu? O galhinho começou a andar! Era um bicho pernudo, cascudo, que imitava galho seco.

— Pois é. Estava "mimetando" um galho seco. Mimetismo é isso. Não conhece aquelas borboletas carijós que se sentam nas árvores musguentas e ficam ali quietinhas, tal qual um desses musgos cinzentos? Musgos, não. Líquem. Líquem! O Visconde não quer que a gente confunda musgo com líquem. Decore.

— Sei. No nosso pomar vi muitas.

— Pois é isso. Esses fingimentos são as armas de tais insetos. É a defesa do fraco contra o forte — mas do fraco esperto! A borboleta carijó, por exemplo, não é capaz de sentar-se com as asas erguidas, como mãos postas de quem está rezando. Só se senta de asas bem abertas e coladas à casca da árvore, para melhor se confundir com os liquens. Liquens. Repita.

— Liquens — repetiu Juquinha. — E quem ensina os insetos a fazer isso?

— Ah, isso é o problema que mais tem quebrado a cabeça do Visconde. Mistérios deste mundo de mistérios, diz ele. O que sei é que os bichinhos vão aprendendo e passando a ciência aos filhos. E os que não fazem isso, vão para o beleléu. Nós três estamos usando um recurso do mimetismo. Estamos usando o processo do "chumacismo". Estamos fingindo ser o que não somos.

— E se der vento?

— Até nisso o algodão é bom. Se der vento, o vento nos leva, como leva as painas — e vamos cair lá adiante. Fica sendo um novo meio de viajar.

Chegaram diante dum terreno em aberto e com mato. Pareceu-lhe uma imensa floresta. Emília levou-os para baixo das "árvores" e mostrou-lhes muita coisa que já havia aprendido na touceira de hortência e no "violetal". A Candoca rompeu em choro, não mais de fome ou frio, sim de medo. Os monstros que via por ali assustavam-na dum modo incrível — grilos, caramujos, aranhas, lagartas. Por mais que Emília a sossegasse dizendo não haver perigo porque os monstros não comiam chumaços, ela não fechava a torneira. Em certo momento ficou tão apavorada com uma lesma do tamanho duma baleia que instintivamente escapou da mão de Emília e atirou-se a um buraco redondo que viu perto.

Ah, por que foi fazer aquilo! Uma "paquinha" veio lá do fundo, furiosa, com uma carantona ferocíssima. Juquinha conhecia esses grilos terríveis, que mordem, e arrancou a menina de lá.

— O que valeu — disse Emília, segurando-a de novo pela mão — foi que a paquinha estranhou o chumaço. Nunca viu "bicho-algodão". Veio da boca arreganhada para morder, mas vacilou. Vi muito bem. Isso é bom para vocês aprenderem o perigo que há nos buracos redondos. Buraco redondo quer dizer buraco feito, e quase todo buraco feito tem sempre dono dentro ou perto. E esses donos se defendem. Muito mais seguro é um vão ou fresta, porque não são abrigos feitos por bichos. São abrigos "acontecidos". Um tijolo ou um pedaço de telha ou pau cai de certo jeito e "acontece" ficar um vão. É o abrigo que devemos procurar. Mas buraco redondo, nunca!

Candoca tremia de medo. Quis sair dali, voltar para a rua.

— Espere, menina. Já vamos. Estou dando uma lição de vida nova, porque a vida agora é esta. Acabou-se o tal negócio de casa e quarto com cama, e a Zulmira com a mamadeira, e a mamãe com o colo. Agora é ali na batata! Ou cuida de si mesma ou leva a breca. Aprenda.

Juquinha compreendia depressa as exigências da vida nova, mas só pensava numa coisa: encontrar um besouro para montar. Não tinha medo nenhum de besouro — nunca tivera. Considerava-os perfeitamente inofensivos e bobos. Afinal saíram da floresta e foram outra vez para o cimento da calçada. E lá, em vez de besouro, sabem o que apareceu? Um beija-flor. Estava zunindo em cima dum enorme pé de malmequer amarelo. Ao ver aqueles chumaços, lembrou-se do ninho em construção. Desceu como uma flecha e zás! levou a Emília pelos ares.

Candoca rompeu num choro apavorado, enquanto Juquinha arregalava os olhos, sem saber o que fazer.

CAPÍTULO 11: **NO NINHO DO BEIJA-FLOR**

O passeio de Emília pelos ares foi curto, porque todas as distâncias ficam curtas para a rapidez dos beija-flores. Aquele estava justamente acabando de construir o seu ninho num buraco da estrada, à beira da vila. Chegou lá, soltou o algodão e ajeitou-o com o bico em certo ponto do ninho. Depois afastou-se. Ia com certeza buscar os outros chumaços.

Emília botou a cabecinha de fora e espiou. Um ninho enorme de diâmetro igual a cinco vezes a sua altura. Ovo não havia nenhum. Só paina de todos os lados. Emília estava a pensar no que fazer quando ouviu um barulho. Era o imenso beija-flor que voltava com outro chumaço no bico — o Juquinha. Na terceira viagem trouxe a Candoca. Emília admirou-se de vê-la calada, mas aquele silêncio vinha dum aviso do Juquinha. "Se você continua a chorar, estes monstros descobrem o nosso mimetismo e adeus, Candoca!"

Ela compreendera e calara-se.

O lindo colibri arrumou do melhor jeito os dois algodões e acomodou-se no ninho. Era tarde já, hora das aves se recolherem. Emília ficou quietinha pensando. Não lhe passou pela cabeça falar com os companheiros. Muito distantes dela, além de que o beija flor podia perceber. Tratou de acomodar-se como melhor pôde e dormir. E dormiu a mais agradável noite de sua vida. Que deliciosa quenturinha!

Teve um sonho. Estava no sítio, escondida com tia Nastácia no canudo de bambu. Nisto Dona Benta apareceu montada numa taturana. "Que é que procura, Dona Benta?" "O meu tamanho", foi a resposta. "Um ladrão entrou aqui na casa e me roubou o tamanho" E o sonho ia por aí além.

Quando Emília abriu os olhos, já era madrugada. O primeiro canto de passarinho que ouviu foi o duma corruíra. "Parece um colar de bolinhas borbulhalhas", pensou ela consigo. O segundo canto foi o

dum casal de joão-de-barro, gritadíssimo, como "briga de dois ecos". Depois, o dum sabiá; "parecia um pingão d'água sonora caindo dentro duma cuia". Depois, o dos canários, tico-ticos, saíras, pintassilgos, anus, bem-te-vis etc. — uma verdadeira orquestra sem maestro, em que cada músico toca o seu instrumento sem se importar com o vizinho.

Por fim o sol começou a iluminar o mundo; o beija-flor ergueu-se do ninho, abriu o bico num bocejo e voou. Ia cuidar do almoço.

Emília mexeu-se, em procura dos companheiros. Esbarrou logo adiante com um ovo que lhe dava pela cintura — o primeiro ovinho botado pelo beija-flor. Do outro lado do ovo deu com o Juquinha já de pé. Só a Candoca ainda dormia.

— Que tal a noite? — perguntou ao menino.

— Ótima! dormi como nunca — e a Candoca também, porque não ouvi choro nenhum. E o beija-flor?

— Saiu com certeza para o almoço.

— E vamos ficar aqui toda a vida?

— Não. Vamos almoçar também e depois descer.

— Almoçar aqui? Não veja nada...

— E o ovo?

— Mas como poderemos quebrar tamanho ovo?

Emília não abandonava nunca a sua lança de espinho. Tirou, a de dentro do chumaço e disse:

— Tenho cá este ótimo abridor de ovo.

E a festa começou. Os dois agarraram na lança e puseram-se a fazer movimentos de mão de pilão, batendo com a ponta sempre no mesmo lugar. Era dura a casca, mas cedeu. De repente a lança afundou, deixando que saísse uma gotinha de clara.

— Bom — disse Emília. — Agora eu enfio a lança lá no fundo para varar a gema — e depois lamberemos a gemada que vier.

E assim fez. O primeiro mergulho da lança trouxe gemada suficiente para o estômago de duas Emílias. Juquinha não se contentou com uma fisgada. Exigiu três. Comiam com a mão. Passavam a mão sobre a ponta da lança amarela de gema e levavam aquilo à boca.

Depois acordaram a Candoca e deram-lhe uma fisgada. A menina lambuzou-se toda.

— Está com cara de quem comeu manga — disse Emília rindo-se, enquanto limpava a lança e guardava-a dentro do chumaço.

Veio-lhe uma ideia ótima.

— E se molhássemos de clara as nossas botas de algodão?

— Para quê?

— Bobinho. A clara é al-bu-mi-na. Repita! Seca num instante e une as fibras. Ficaremos assim com verdadeiras botas, da forma exata dos nossos pés.

E deu o exemplo. Ensopou de clara o algodão enrolado nos pés e espichou-os para um raio de sol a fim de que secassem. Juquinha gostou da ideia e fez o mesmo — e depois, à força, também "albuminou" os pés da Candoca.

— E agora? — disse ele depois que viu as botinhas secas e ainda melhores do que se fossem de couro.

— Agora, um voo de paraquedas! Temos de nos jogar deste ninho abaixo. Assim, dentro do algodão, não há perigo de machucadura.

Treparam à beirada do ninho e olharam. Aquilo ali era um imenso barranco de cinco metros, rasgado na terra vermelha. Lá embaixo ficava uma larguíssima faixa da mesma cor — a estrada. Emília pensou e resolveu.

— Vamos primeiro jogar a Candoca. Depois nos atiraremos.

Assim fizeram. A menina berrou como nunca, quando eles a agarraram e a empurraram para o abismo — e lá se foi rolando. Infelizmente não chegou até à estrada. Ficou presa a um capim do barranco. Emília e Juquinha tiveram mais sorte; caíram sobre um "areai preto". Os enxurros da chuva costumam deixar à beira das estradas essas pequeninas praias de areia preta. Aquela ali teria uns dois palmos de extensão, mas para a Emília pareceu bem grande. Experimentou andar com as botinhas albuminadas.

— Ótimo! Agora já não tenho medo de chão nenhum. Nunca me hei de esquecer do que os meus pés padeceram no pedregulho daquele jardim — e deu uma corridinha sobre a Praia Preta.

— E a Candoca? — lembrou Juquinha. Olharam para o alto. Lá estava o chumaço da Candoca, preso ao capim do barranco.

— O remédio é esperar que o vento sopre e ela caia — resolveu Emília.

— E se subíssemos até lá?

— Poderíamos subir mas não assim de "roupa" — e se tirarmos a roupa voltaremos a correr perigo. Há muitas aranhas nesses "buracos de raízes".

Naquele ponto da estrada ainda não batera o sol, de modo que havia

orvalho. Emília e Juquinha beberam os "diamantes líquidos" duma peluda folha de capim.

— E agora? — disse Emília para si mesma. — Que fazer? Não tenho serviço nenhum. Não tenho obrigações. Não tenho casa, nem esposo. Minha vida vai ser sempre esta. Ir andando pelo mundo, cautelosa na defesa e a cuidar do estômago. O problema da comida é fácil para quem se contenta com pouco. Ontem alimentei-me de mel. Hoje de gema. Por isso é que há tantos bichinhos no mundo — *facilidade de alimentação*. Qualquer isca lhes basta; o simples mel de duas ou três flores enche o papo duma vespa. E nem tenho medo do vento. Que o vento venha e me leve! Tanto me faz estar aqui como ali. Esta nossa invenção do paraquedas vai ser a salvação da nova humanidade pequenina. Mas... e se vier chuva?

Emília pensou em chuva porque o céu estava escurecendo. Um ronco de trovoada ecoou longe. Pôs-se a refletir. "Se a chuva molha meu algodão, adeus paraquedas e adeus defesa! Fico reduzida a um pinto pelado que caiu no melado. Logo, tenho de defender-me das chuvas. Como? Escondendo-me em lugares onde a chuva não caia. Que lugares são? Isso depende do ponto em que eu estiver. Nas cidades há as casas — mas em campo aberto, como aqui?... "

Olhou em redor. A estrada corria pela encosta dum morro, com o barranco vermelho dum lado e uma grota do outro, no fundo da qual deslizava um ribeirão entre pedras. Emília viu no barranco muitos buracos de raízes, e pensou: "Foi bom que o Visconde me explicasse a origem desses buracos. Muita gente pensa que são buracos de cobra ou outros bichos, mas não são. São "buracos de raízes". Quando os homens abrem as estradas, os enxadões dos cavoucadores cortam muitas raízes dentro da terra. Essas raízes cortadas vão apodrecendo e afinal se desfazem em pó de madeira podre, deixando na terra o molde vazio. Os buracos que estou vendo são, portanto, buracos de raiz, e não buracos de bichos. O perigo é o buraco de bicho, porque todos têm dono. Que donos? Os bichos que abriram esses buracos. Mas buraco de raiz não tem dono, porque a dona deles era a raiz e a raiz apodreceu e foi-se embora reduzida a

pó de pau podre. Logo, apesar de redondo é também um buraco "acontecido" como os vãos de tijolo ou de cacos de telha.

— Juquinha — disse ela — a chuva vem mesmo. E quando a chuva vier, esta praia virará um Amazonas que nos levará na correnteza.

— Que bom! — exclamou o bobinho. — Podemos pescar pirarucu. Emília teve dó. Que falta de juízo! Pescar!... Um algodão pescando!...

E disse que os pescados seriam eles.

— As chuvas formam ribeirões nas estradas, esses ribeirões correm para os rios, os rios correm para o mar, o mar corre para as nuvens — e as nuvens "correm de novo por aqui"

Juquinha deu uma risada de ignorante.

— Rio correndo para o mar eu entendo, mas mar correndo para as nuvens nunca vi.

— São modos de falar, Juquinha. Se você lesse o poeta Castro Alves, compreenderia. Realmente, o mar não corre para as nuvens; mas a água do mar evapora-se e sobe ao céu, onde forma as nuvens, e depois essas nuvens viram chuva e a água da chuva corre de novo pelas estradas. Entendeu?

Nesse momento um trovão trovejou e logo em seguida sobreveio um forte pé-de-vento. Emília mal teve tempo de abraçar-se axuma folha de capim; Juquinha lerdeou — e foi arrastado para longe. Emília ergueu os olhos para o barranco. O algodão da Candoca tinha se soltado do gancho e lá ia pelos ares, que nem paina! "Aposto que está chorando e chamando a mamãe... "

Emília examinou o barranco. A certa altura viu um buraco de raiz muito jeitoso. Era fácil subir até lá, mesmo com o algodão. Esqueceu o Juquinha, esqueceu a Candoca e tratou de subir, porque o momento era dos tais do "salve-se quem puder".

A chuva vinha vindo. O verde do morro lá adiante embaciou-se como os vidros da janela que Pedrinho bafejava para depois escrever com o dedo. Vinha vindo chuva de verdade. Emília subiu, agarrando-se no que pôde. O buraco de raiz tinha quatro vezes a sua altura. Entrou.

Que azar! Era um buraco já ocupado por alguém: uma enormíssima e peludíssima aranha caranguejeira! O coraçãozinho de Emília bateu. Ficou como o *Garimpeiro do Rio das Garças* quando se viu entre a Onça e o Jacaré. Mas pensou depressa. "Entre a aranha e a chuva, antes a aranha. Chuva é mil vezes pior, porque chuva não tem remédio e com aranha muita coisa pode acontecer. Ela pode não desconfiar do meu algodão. Pode estar dormindo. Pode até ter dó de mim. As aranhas são 'enganáveis' — mas quem engana chuva? E Emília ficou imóvel de cabeça enterrada no algodão, espiando por entre as fibras. Como fosse um buraco muito escuro, ela mal percebia o vulto da aranha. Só depois que seus olhos se acostumaram as trevas é que pôde distinguir o ferrão vermelho.

A aranha não fazia o menor movimento. Estava como a Cuca do Saci, parada — vivendo. Esses bichos gostam de viver, de ficar vivendo, só, sem mais nada. Não era das de teia. Era aranha de toca.

A chuva chegou — *chuáááá*... Tudo escureceu. Emília já não enxergava o vermelho do ferrão. Só via negrores. Sua cabeça ficava a um terço da altura da aranha e num movimento que ela fez para ajeitar-se melhor, tocou num pelo daquelas pernas. Emília lembrou-se do caso de Dona Benta, quando se sentou no dedo do Pássaro Roca pensando que era raiz de árvore. O pelo da aranha parecia um espinho de cacto.

A chuva lá fora era um *chuáááá* sem fim.

Aquele barulho de chuva, sempre o mesmo, começou a dar-lhe sono. Seus olhinhos se fecharam — e Emília viu-se outra vez no Sítio do Picapau Amarelo. Estavam todos na varanda, do mesmo tamanho antigo, a comer pipocas. De repente, a cara do Manchinha apareceu

na escada. "Parece o gato Félix, vovó" — disse Narizinho — mas logo arregalou os olhos, como louca, porque o gato foi crescendo, crescendo, até ficar maior do que a casa. E daí por diante o sono de Emília virou pesadelo.

Quando acordou, o aguaceiro já havia passado. Uma nesga de azul apareceu no céu e logo veio o sol. O ferrão vermelho da aranha estava agora bem visível. Vermelho de tomate. A aranha fez um movimento para sair. Emília encolheu-se toda quietinha. A aranha moveu uma perna, depois outra, e foi saindo. Na entrada do buraco parou e esteve muito tempo quentando sol. "Será que vai ficar ali toda a vida?" Não, não ficou. Depois de aquecer-se ao sol, saiu, subiu pelo barranco. Ia caçar no mato, lá em cima.

CAPÍTULO 12: **O GIGANTE DE CARTOLA**

Emília foi para a entrada do buraco. A estrada vermelha parecia mover-se, de tantas águas que escorriam. Todos os galhos pingavam. O mundo parecia polvilhado de mica em pó — de tantos brilhos.

— Onde andarão o Juquinha e a Candoca? — pensou ela. — Mortíssimos, com certeza, afogadíssimos. Bobos como são, de que modo poderiam resistir a uma chuva destas?

Foi descendo pela terra úmida. Felizmente, nos barrancos a água corre depressa, não empoça. Ao chegar perto da prainha preta não viu praia nenhuma. Estava coberta de água vermelha.

Emília sentou-se, resignada. "Tenho de esperar pelo que der e vier, como diz tia Nastácia."

Ficou vendo as últimas águas vermelhas seguirem seus caminhos de descida. No começo aquelas águas haviam sido verdadeiros Amazonas; depois foram se tornando rios comuns; depois viraram ribeirões; e agora estavam reduzidos a aguinhas. Acabaram-se as

correntezas. Só ficaram poças e lagos. A areia preta da praia começou a aparecer. Emília desceu o resto do barranco e pisou naquela areia tão linda. Muito úmida. Suas botinhas eram capazes de derreter. Emília não se importou. "Querem derreter? Pois derretam. Depois terão o trabalho de secar de novo."

Uma coisa surgiu lá longe. Uma coisa móvel, que vinha andando.

Emília firmou a vista. Um enormíssimo espeque de cartola.

— Será o Benedito?

Era sim. Era o Visconde de Sabugosa! Era o Visconde que vinha vindo — mas que Viscondão, meu Deus! O maior visconde do mundo! Um gigante gigantesco.

Emília abriu a boca, num assombro.

— É isso mesmo! — murmurou consigo. Ele não diminuiu porque "vegetal falante" não é gente. Que bom! Grande assim, o Visconde vai ser a minha salvação.

O Visconde media exatamente 44 centímetros de altura, contando com a cartola nova, que era de copa alta como a do Presidente Lincoln. Quarenta e quatro vezes maior que a Emília — um verdadeiro arranha-céu de cartola.

A alegria de Emília foi imensa. Bateu palmas. Pulou. Dançou. E quando se aproximou da Praia Preta deu um berro:

— Visconde, sou eu! A Emília!... Mas o Visconde continuou a andar, como se não tivesse ouvido. "Será que ficou surdo ou a minha voz não chega até à imensa altura daquelas orelhas?"

Devia ser isso e, na maior aflição, Emília ficou sem saber o que fazer. Não achava meio de atrair a atenção do Visconde. "Berrar não

adianta. O remédio é acompanhá-lo, até ver." E pôs-se a seguir o Visconde.

Mas o Visconde dava passos de 10 centímetros de comprimento e os passos da Emília eram de 3 milímetros, de modo que não havia maior asneira do que tentar segui-lo. Naquele desespero, porém, Emília não fez caso da asneira e "fincou o pé" na lama, atrás do Visconde. Quantas dificuldades, meu Deus! Havia as grandes lagoas que tinha de rodear — as porinhas de água barrenta formadas nas impressões das ferraduras dos cavalos. E havia os morros e montanhas a trepar — as irregularidades do tijuco da estrada. E agora era um grande tronco de árvore ou uma grande pedra — os pedacinhos de pau ou os pedregulhos que há em todas as estradas. Esses tremendos obstáculos retardavam-lhe horrivelmente a marcha, além de que suas botinhas molhadas começaram a esfiapar. Diversas vezes parou para amarrar as pontas das fibras do algodão. E o Visconde cada vez mais longe, com aquelas passadas gigantescas! "Parece que calçou as botas de sete-léguas do Pequeno Polegar!"

Felizmente o Visconde era um sábio, e os sábios não sabem andar na toada firme e contínua dos ignorantes. O Visconde andava um pouco e parava para observar qualquer coisa. Aqui, um coleóptero novo que ele via pela primeira vez — e ficava de cócoras examinando o bichinho e tomando notas em seu caderno. Depois, uma pedrinha qualquer — ou um "mineral", como ele dizia. Ou era um "efeito de ótica" numa teia de aranha. E cada vez que parava, Emília o alcançava. Mas assim que ela o alcançava, ele punha-se de novo a andar, até que nova "curiosidade da natureza" o detivesse. Parecia esses curiangos que ao anoitecer vão voando e pousando nas estradas à frente dos viajantes.

Em certo ponto, uma biquinha nas pedras do barranco o deteve. O Visconde parou naquele ponto para examinar um reflexo na água. Depois sentou-se. Depois com a cabeça apoiada numa das mãos e os olhos fixos no reflexo. "É hora!" — disse Emília, apressando o passo. "Naquela posição o seu ouvido esquerdo fica ao alcance da minha voz. Resta que eu chegue antes que ele se erga de novo."

Emília caminhou firme, aproveitando as prainhas de areia para correr — e afinal alcançou. Estava, porém, tão cansada que nos primeiros momentos a voz não lhe saiu. Deteve-se diante do cotovelo do Visconde, a arquejar, sem fôlego.

O enorme sábio não a percebeu. Estava distraído na contemplação do reflexo.

Depois de bem descansada, Emília encheu de ar os pulmões e berrou com a maior força possível:

— Visconde! Sou eu, a Emília! Estou aqui embaixo, perto do seu cotovelo.

O sábio acordou da contemplação científica. Pendeu a cabeça. Tinha ouvido um som de fala; mas como o seu pensamento estivesse ocupado com outra coisa, não percebeu o que a fala tinha dito. Emília berrou de novo, com mais força ainda.

— Visconde! Sou eu mesma — a Emília!

— Emília? Onde?...

— Aqui embaixo, perto do seu cotovelo.

O Visconde desceu os olhos para o cotovelo, com o rosto iluminado pela curiosidade.

— Estou ouvindo uma voz mas não vejo nada. Perto do meu cotovelo só há um chumacinho de algodão.

— Pois esse algodão sou eu — estou dentro. É a minha defesa. Pegue-me e levante-me.

O Visconde ergueu o algodão — e com algum esforço distinguiu no chumaço uma cabecinha do tamanho duma cabeça de saúva e dois pezinhos embaixo, do tamanho de cabeças de alfinetes.

CAPÍTULO 13: **REVELAÇÕES**

O sol estava quente. Emília, afogueada pelo exercício não pôde mais com o calor do algodão. Despiu-se e ficou nuazinha na palma da mão do Visconde, só de botas. Ele ergueu-a à altura do nariz e disse:

— Pode falar. Conte tudo o que houve.

Emília contou tudo — a sua viagem à Casa das Chaves, a puxada para baixo da Chave do Tamanho e o "apequena-mento".
O Visconde horrorizou-se.

— Será possível? Então foi você, Emília, a causadora do tremendo desastre que vitimou a "humanidade clássica?"

— Fui eu, sim, mas não foi por querer. Eu queria apenas descobrir a Chave da Guerra, só isso. Mas as chaves não tinham letreiro. Resolvi então ir mexendo em todas até acertar. A primeira que peguei era a Chave do Tamanho — quem primeiro ficou sem tamanho fui eu. E como perdi o tamanho, não pude erguer de novo aquela chave — e pronto.

O Visconde não voltava a si do assombro.

— É espantoso o que você fez, Emília! Isso já não é reinação. Isso é catástrofe! Pelo que observei lá no sítio estou imaginando o que se deu no mundo inteiro — e agora eu ia indo à cidade para assuntar, para ver se o apequenamento alcançou todas as criaturas.

— Já estive lá e vi — volveu Emília. — Alcançou sim. O tamanho de todas as gentes levou a breca. Quem manda agora nas cidades são as galinhas, os passarinhos e os gatos — e contou a história do pinto sura. Se não fosse aquele malvado, eu estava muito bem lá no sítio. Ele é que me atrapalhou.

— Pois o que você fez passa de todas as contas, Emília! Se os homens souberem, não perdoam. Agarram-na e assam-na viva na maior das fogueiras. Incrível! Destruir o tamanho das criaturas!... Sabe que isso corresponde a destruir toda a civilização humana? Desde que o mundo é mundo, os homens, com as maiores dificuldades, foram construindo essa civilização feita de casas, máquinas, estradas, veículos, ideias. Tudo estava em relação com o tamanho natural dos homens. Mas agora com a redução do tamanho, nada mais serve e, portanto, o que você fez, Emília, foi destruir a civilização! Des-tru-ir a ci-vi-li-za-ção!... Do tamanhinho que os homens ficaram, eles têm de criar outra civilização muito diferente — isso na hipótese de subsistirem. O Visconde gostava muito da palavra "subsistir".

— Pois podem subsistir muito bem — resolveu Emília. — Eu estou subsistindo perfeitamente. Já escapei de vários perigos — duma "paquinha" feroz, do Manchinha, da aranha caranguejeira, do beija-flor, do vento, da tempestade — e posso ir escapando de mil outros. Juro que vou subsistir. Apliquei em meu corpo este mimetismo do algodão e pronto.

— Mas, Emília, lembre-se que você é você e os outros são os outros.

Quantos homens já não pereceram? Só os que não puderam sair de dentro das roupas, quantos e quantos, Emília!... E os milhões de soldados em guerra lá na Rússia em pleno inverno, que terá acontecido com eles?

— Ah, esses viraram picolé — juro!...

— E não se horroriza com isso? Ainda caçoa?

— Por que horrorizar-me? Eles não estavam se matando uns aos outros? Eu até lhes poupei o horrível trabalho da matança a tiros de canhão.

— E pelas cidades e roças do mundo inteiro! Quando imagino o que deve ter acontecido nas cidades e nos campos, meus cabelos ficam de

pé.— E agora venho a saber que a causadora de tudo foi você, a Emília — a Emilinha lá do sítio de Dona Benta!... Evidentemente você se excedeu, Emília.

O Visconde estava tão tonto com os acontecimentos, e ficou tão bravo com ela, que Emília danou e sustentou o que havia feito.

— Pois acabei com o Tamanho e fiz muito bem! — disse ela. — Para que esse trambolho do Tamanho? Não há tantos e tantos milhões de seres que vivem sem tamanho? Tamanho é atraso. Quer uma coisa mais atrasada que um brontossauro ou mastodonte? Tão atrasados que levaram a breca, não aguentaram a "glaciação", como o Walt Disney mostrou na *Fantasia*.

Compare a estupidez desses monstros tamanhudos com a leveza inteligente duma abelha ou formiga — e por isso os brontossauros e mastodontes só existem hoje nos museus, enquanto as abelhas e as formigas andam por toda parte aos bilhões. Eu acabei com o Tamanho entre os homens e fiz muito bem. Um dia a humanidade nova me há de agradecer o presente, depois que a raça nova dos "homitos" se adaptar. O Visconde suspirou.

— *Adaptar-se!* Você usa das palavras da ciência mas não sabe. Repete-as como papagaio. Isso de adaptação é certo, mas é coisa de milhares de milhões de anos, Emília. Pensa então que do dia para a noite essa enorme população humana, que você apequenou e está nos maiores apuros, vai ter tempo de adaptar-se? Morre tudo antes disso, como peixe fora d'água — e adeus *Homo sapiens!*

— *Homo sapiens* duma figa! Morrem muitos, bem sei. Morrem milhões, mas basta que fique um casal de Adão e Eva para que tudo recomece. O mundo já andava muito cheio de gente. A verdadeira causa das guerras estava nisso — gente demais, como Dona Benta vivia dizendo. O que eu fiz foi uma limpeza. Aliviei o mundo. A vida agora vai começar de novo — e muito mais interessante. Acabaram-se os canhões, e tanques, e pólvora, e bombas incendiárias. Vamos ter coisas muito superiores — besouros para

voar, tropas de formiga para o transporte de cargas, o problema da alimentação resolvido, porque com uma isca de qualquer coisa um estômago se enche, *et coetera* e tal.

— Mas...

O Visconde, como bom sábio que era, engasgou e começou a achar razãozinha nas ideias da Emília.

— Pense bem, Visconde. A tal "civilização clássica" estava chegando ao fim. Os homens não viam outra solução além da guerra — isto é, matar, matar, matar, destruir todas as coisas criadas pela própria civilização — as cidades, as fábricas, os navios, tudo. Pense bem, Visconde. Essa tal civilização havia falhado. Havia enveredado por um beco sem saída — e a saída que achava qual era? Suicidar-se a tiros de canhão. Ora bolas! Eu até me admiro de ver um sábio com um cartolão desse tamanho defender um mundo de ditadores, cada qual pior que o outro.

O Visconde começava a concordar.

— Além disso — continuou Emília — se os homens querem regressar tal besteira do tamanho, nada mais fácil. Sua alma, sua palma.

— Como?

— Muito simples. Poderei voltar à Casa das Chaves. Eu sei o jeito. Iremos juntos. Como não tenho força para levantar a chave, o Visconde a levanta e pronto — tudo fica outra vez tamanhudo — e que se fomentem — que se matem à vontade — que se devorem. Eu me desinteresso. Quis o bem da humanidade. Acabei com a estupidez maior de todas, que era o Tamanho. Mas não querem? Não estão contentes? Teimam em continuar na vida de mastodontes bípedes? Pois sua alma, seu palmito! Que volte o Tamanho. Mas depois não venham se queixar para mim...

O Visconde estava pensando. Sim, Emília tinha razão. Eles podiam fazer uma consulta aos homenzinhos. Se quisessem voltar ao tamanho antigo, muito que bem: Se não quisesse, melhor. Lá no fundo do coração o Visconde preferia que as coisas ficassem como estavam, porque ele passara a gigante, em vez de continuar um simples sabugo. E Emília realmente tinha razão. Os insetos são os seres mais aperfeiçoados que existem e não têm tamanho. Ora, com a sua inteligência os homens pequeninhos poderiam dominar os insetos, utilizar-se de milhares deles para mil coisas e construir uma nova civilização muitíssimo mais interessante que a velha. E resolveu:

— Pois bem, Emília, faremos uma consulta aos povos do Picapau Amarelo. Se a maioria quiser a volta do Tamanho, iremos juntos até à tal Casa e recolocarei a chave na posição em que você a encontrou. E se a maioria quiser esta Ordem Nova, então que fique tudo como está.

— Pois é! — concordou Emília. — O remédio agora é um bom "chá de plebiscito". Mas por causa das dúvidas, Visconde, não conte a ninguém que fui eu a bulidora da chave. Ninguém precisa saber — nem Dona Benta, nem Narizinho. Jura que não conta?

— Está claro que juro. Se eu contasse, você estaria perdida...

Acertados aqueles pontos, Emília desfiou a história do Major Apolinário, Dona Nonoca e tia Febrônia e de como ela se havia tornado a tutora dos dois órfãos.

— O vento levou pelos ares a Candoca, e o Juquinha com certeza afogou-se no enxurro. Mas, para sossegar a nossa consciência, podemos procurá-los.

Depois resolveram diversos pontos da vida nova.

— Eu viajarei muito bem dentro da sua cartola, Visconde. Basta que me abra ali uma janelinha.

O Visconde aprovou a ideia. Depôs Emília no chão, tirou da cabeça à cartola e com o corte duma lasca de quartzo abriu no papelão da cartola uma janelinha de 3 por 3 milímetros.

— Maior, Visconde. Faça uma janelinha de 3 por 9.

— Por quê?

— Porque se encontrarmos o Juquinha e a Candoca, eles terão de seguir comigo aqui dentro — e também precisam de janela.

O Visconde abriu um janelão de 3 por 10. — Antes maior do que menor. Assim ninguém brigará em cima da minha cabeça por falta de espaço vital...

CAPÍTULO 14: **A CAMINHO DO PICAPAU AMARELO**

Emília não se contentou com a janelinha aberta na cartola do Visconde. Exigiu mais.

— Quero uma porta da rua e uma escadinha que vá da aba até essa porta. E também um assoalho, porque não hei de ficar pisando na sua cabeça.

O Visconde suspirou. Emília continuava a mandona de sempre. Queria e acabou-se. Olhando em redor, em procura de materiais de construção, o obediente Visconde viu uma casca de laranja. Apanhou-a e com a lasquinha de quartzo recortou uma rodela do tamanho dum níquel grande que ajustou dentro da cartola. Era o assoalho. Em seguida fez uma escadinha de sete degraus, que ia da aba da cartola até a porta da rua. Emília ainda exigiu um corrimão na escada e uma cerca em redor da aba.

O Visconde construiu uma cerca de dois fios, com moirões de espinho.

— Só? — perguntou ao concluir o trabalho.

— Ainda não — respondeu Emília. — Quero uma escadinha de corda que desça da aba até à terra, como as usadas nos navios e também uma campainha.

— Campainha, como?

— Basta um fio amarrado a uma das palhas da sua barba. Quando houver precisão dum chamado urgente, puxo o fio e pronto.

— Não vejo necessidade de semelhante coisa, arrenegou o Visconde. Quando quiser falar comigo, basta chegar a janela e gritar. A janela é pertinho do meu ouvido.

Emília deu uma risada.

— O Visconde não se conhece. Os sábios são as criaturas mais distraídas do mundo. Quando o Visconde está ruminando uma ideia qualquer, não ouve nem tiro de canhão, quanto mais um chamadinho meu. Com o fio preso à barba, a coisa muda. Dou um puxão. A dor "acorda" o Visconde.

Tudo foi feito como ela quis, e depois de instalada lá dentro Emília ainda reclamou uma chaminé — por causa da ventilação. O Visconde teve de espetar em cima da cartola um canudinho de capim.

Muito bem. Podiam continuar a viagem. Para onde? O Visconde saíra do sítio para "assuntar", isto é, ver se todas as criaturas humanas estavam diminuídas, ou se a redução se dera apenas em casa de Dona Benta. Mas o encontro com Emília tornava inútil a ida à cidade. Todas as criaturas estavam reduzidas, sim, e a autora da grande transformação era a isca de gente que se acomodara em sua cartola!

— Creio que podemos voltar — disse ele. — Minha ida à cidade já não tem razão de ser.

— Sim — concordou Emília — mas só depois de procurarmos os meus órfãos. Acho impossível que eles tenham escapado da chuva — mas quem sabe? Temos de procurá-los.

— Onde foi que se perderam?

— A Candoca estava justamente naquele capim quando o vento a levou — respondeu Emília lá da sua janela, indicando um lugar no barranco. E o Juquinha estava comigo na Praia Preta.

— Que Praia Preta é essa?

Emília explicou tudo, e o Visconde pôs-se a andar em procura de coisinhas brancas, porque aparentemente os dois órfãos não passavam de dois fiapos de algodão.

Nada encontrou. Sobre a estrada vermelha não viu brancurinha de espécie alguma.

Emília ia pensando em toda as hipóteses imagináveis. O *certo* era estarem mortos, reduzidos a lama ou afogados nas lagoas que a chuva formara no tijuco. Isso era o certo. Mas havia o *incerto* — e era no incerto que Emília levantava as suas hipóteses.

— Podem muito bem estar em outro ninho. Os beija-flores andam agora com a mania de ovo e a apanhar quanta paina ou algodão encontram. O Visconde pôs-se à caminhar com os olhos no barranco em procura de ninhos de beija-flor. Deu com um; subiu e espiou dentro; nada de chumaços, só viu dois ovinhos — e por ordem da Emília furtou um para o abastecimento da cartola. Mais adiante encontrou outro — e nesse estavam os dois chumaços.

— Viva! Viva! — gritou Emília, batendo palmas. — Bem diz o ditado que quem procura acha.

O Visconde tomou na ponta dos dedos os dois algodões e largou-os em cima da aba.

— Subam pela escadinha — disse Emília da janela — e os dois órfãos subiram e entraram.

Emília mostrou-lhes a casa nova e explicou quem era o "Colosso de Rodes" em cuja cabeça iam morar. Juquinha ficou radiante. Foi para a janela e começou a fazer planos. "Podemos pegar um besouro e amarrá-lo a um dos moirões da cerca. Enquanto eu não voar eu não sossego." A Candoca havia entrado com um bico de choro, mas não chorou. Por que chorar, se estava bem abrigada naquela casinha de porta, janela e ovo?

Por ordem da Emília, Juquinha abriu com a lança um furo na casca do ovo. "E deixe o espinho aí. Quem tiver fome, que dê uma fisgada na gema e regale-se."

— Bem, disse lá fora a voz do Visconde — que soava para eles como voz vinda da rua. — Creio que posso voltar para o sítio.

Emília correu a debruçar-se à janela.

— Sim, podemos ir — e vá contando como foi a tragédia lá em casa. O Visconde pôs-se em marcha, com aquelas suas gigantescas passadas de meio palmo cada uma, e foi contando.

— Eu estava no laboratório, ocupado em fabricar mais superpó, porque algum ladrão havia furtado a minha reserva. De repente Pedrinho entrou e disse: "Visconde, a Emília desapareceu e vovó está inquieta." Eu respondi que minha caixa de superpó também havia desaparecido. Pedrinho iluminou a cara e exclamou: "Hum! Estou entendendo!" Eu estava com os olhos fixos em Pedrinho quando, exatamente nesse instante, isto é, no instante em que ele acabou de pronunciar a palavra "entendendo" a sua cabeça desapareceu, e sua roupa caiu em monte no assoalho, como se não tivesse corpo dentro. Fiquei impressionadíssima Era um fenômeno acima de qualquer

compreensão. Olhei para o monte, com os olhos arregalados. Que seria aquilo? Que fim levaria o menino? Tudo mistério. Sentei-me então diante do monte de* roupa e fiquei a parafusar hipóteses. Mas por mais que parafusasse hipóteses não achava nenhuma que servisse. Aquilo me pareceu o mistério dos mistérios.

Emília, lá da janelinha, regalava-se com a história. O Visconde continuou:

— Eu positivamente não entendia nada. Cheguei a supor que fosse um sonho. Nisto dei com uma cabeça, do tamanho duma pimenta-do-reino, que ia saindo pela perna da calça caída no chão. Evidentemente uma cabecinha de inseto. Depois saiu um pescoço — e ombros, braços, tronco, pernas — e tive a impressão dum inseto descascado totalmente desconhecido da ciência. Corri em procura do meu vidro de aumento. Aquele inseto era o assombro dos assombros, porque todos os insetos têm seis pernas e nele eu só via duas — e além disso ficava de pé, como os bípedes, coisa que inseto não faz. O laboratório estava meio no escuro. Fui abrir a janela. Assestei de novo o vidro de aumento e então vi que era um menino em miniatura. E afinal o reconheci: Pedrinho em pessoa, mas sem tamanho!

— De que tamanho ele ficou?

— Você verá quando chegar. Mas meu espanto não teve limites. A ciência não explicava o prodigioso fenômeno. Notei que Pedrinho havia perdido a fala. Só minutos depois conseguiu falar, murmurando numa vozinha de mosquito: "Que foi que aconteceu? Tudo está tão diferente e grande... " Custou a convencer-se de que nada estava grande, ele é que diminuíra.

— Tal qual a gente do Major Apolinário — disse Emília. Imaginavam que as coisas é que haviam aumentado — e eu até fiquei atrapalhada para provar o contrário.

O Visconde continuou:

— Pedrinho estava completamente bobo, o que era natural, pois uma transformação daquela ordem desorganiza as ideias duma criatura.

Não há quem resista.

— Eu resisti! — berrou Emília.

— Sim, mas você é você — uma criatura *sui-generis*. — O Visconde gostava muito de aplicar esse latim ao acaso da Emília.

— E depois?

— Depois levei Pedrinho na palma da mão para mostrá-lo a Dona Benta. Chegando à sala de jantar, não vi ninguém. Só vi montes de roupa no chão — e reconheci essas roupas. Um dos montes era feito daquele vestido de fustão amarelo com pintas verdes que você conhece — o vestido com que Dona Benta se levantara naquele dia. Perto desse monte vi outro, no qual reconheci a roupa de tia Nastácia. E num monte menor reconheci o vestido de listras brancas e pretas de Narizinho. Fui assaltado por uma ideia. "Querem ver que também a eles aconteceu a mesma coisa?" E para verificar sacudi o vestido da menina. Sabe o que aconteceu? Pela manga rolou outro inseto descascado, ela — Narizinho em pessoa, e tão reduzida de tamanho quanto Pedrinho!... E eu ia sacudir os outros montes de roupa, quando dei com uma içá preta: tia Nastácia! E depois, outro inseto branco: Dona Benta! Ambas haviam conseguido sair de dentro das roupas.

— Que graça!

— O que houve então, nem queira saber! Ninguém entendia nada. Tia Nastácia amontoava *pelos-sinais* um em cima de outro e era só "Credo!" e mais "Credo!" Dona Benta e Narizinho abraçavam-se muito agarradas, como mães e filhas durante os naufrágios no mar. Que cena, meu Deus!

— E todos nus?

— Sim, todos nus — respondeu o Visconde.

— E não tinham vergonha?

— Parece que não. Nem percebiam que estavam nus.

— Então é exatamente como pensei. Isso de vergonha do corpo é questão de tamanho. E depois?

— Depois deitei-me no assoalho para melhor conversar com eles, e não teve fim o que dissemos. Cada qual admitia uma hipótese. Narizinho foi a primeira a achar possível ter acontecido a mesma coisa a toda a humanidade. Essa ideia me impressionou. "Preciso verificar esse ponto", disse eu — e daí me veio a ideia de chegar até a vila.

— Teve então a coragem de deixá-los lá sozinhos? — perguntou Emília indignada.

— Era preciso — mas tomei todas as precauções.

— Que precauções?

— Coloquei-os em cima da cômoda do quarto de Dona Benta, com umas comidinhas para irem se distraindo.

— Que comidinhas, Visconde?

— Açúcar e farelo de pão. E água.

— Em que vasilha botou a água?

— Numa tampinha de garrafa de cerveja. E saí. Fui ao pasto, em procura do Conselheiro. "Olhe", disse-lhe eu, "passou-se lá na casa uma coisa tremendamente misteriosa e absurda: todos ficaram pequenininhos como insetos." O Burro Falante arregalou uns olhos deste tamanho. Depois riu-se, pensando que fosse brincadeira

minha. "É verdade, sim, Conselheiro. Bem sabe que não brinco" — e como ele também não brinca, deu crédito às minhas palavras, e derrubou o beiço. Contei-lhe então que ia sair — que ia chegar até à cidade para ver se o fenômeno pegara todas as criaturas humanas. "E, portanto, faça-me o favor de ficar no terreiro, perto da varanda, e não deixe que nenhum gato ou ave se aproxime. Eles estão sobre a cômoda do quarto de Dona Benta." Fiz essa recomendação e finquei o, pé na estrada.

— Não avisou também ao Quindim?

— Ele andava longe. Pedi ao Conselheiro que o avisasse.

Juquinha já lera nos livros a história do rinoceronte do Picapau Amarelo, de modo que ao ouvir falar em Quindim assanhou-se. Seu sonho sempre fora dar um passeio montado no tremendo paquiderme. "Isso era bom antigamente", explicou Emília, "quando éramos grandes. Agora, deste tamanhinho, um rinoceronte está para nós como o Himalaia está para o Coronel Teodorico. Andar montado nele já não nos dará sensação nenhuma — a gente nem percebe os seus movimentos." Juquinha não quis acreditar.

"É, sim" — afirmou Emília. — "Tal qual a Terra. Este nosso planeta rola no espaço com uma velocidade incrível sem que nós percebamos coisa nenhuma. Por quê? Porque somos pequeninos demais em relação à Terra."

Juquinha suspirou.

CAPÍTULO 15: **O CORONEL TEODORICO**

Depois de caminhar por uma hora pela estrada deserta de passantes, o Visconde avistou a fazenda do Coronel Teodorico.

Bois e burros andavam soltos pelas roças, comendo à farta. Não havia ninguém para espantá-los.

— Quero portar uns minutos naquela casa, Visconde! — berrou Emília lá da sua janelinha.

O Visconde, que estava remoendo uma ideia, não ouviu. Emília recorreu à "campainha". Com um forte puxão na corda, fez que a dor da barba acordasse o distraído gigante.

— Que há lá em cima? — perguntou ele.

Emília repetiu a ordem de portar no imensíssimo casarão branco que dali avistavam e Juquinha não queria crer que fosse uma simples casa velha de fazenda. Apesar de transformado no maior gigante do mundo, o Visconde, pela força do hábito, obedecia à Emília do mesmo modo que antigamente. E ela agora se tornara o seu verdadeiro cérebro, a manobradora da sua vontade. Parecia incrível que aquele piolinho de gente, lá dentro da cartola, o conduzia para onde queria.

Ao entrarem no terreiro da fazenda ouviram mugidos tristes de vaca faminta. O Visconde encaminhou-se para o estábulo. A vaca de leite do Coronel, irmã da Mocha de Dona Benta, estava presa na baia, sem capim nenhum no cocho. Perto, o seu bezerrinho chorava de fome.

— Pobre animal! — murmurou o Visconde. — Ficou preso e morrerá de fome se eu o não acudir. Quantos viventes pelo mundo inteiro não se acham na mesma situação!

Abriu a tranca da baia e escondeu-se, para não ser devorado de passagem pela irmã da Mocha que lá se foi muito lampeira. Ele era o maior gigante que jamais houve entre os homens, era a única esperança de salvação da humanidade — mas também era sabugo e as vacas "adoram" os sabugos de milho. Depois soltou o bezerrinho.

Emília fez considerações sobre a antiga maldade dos homens que prendiam os bezerrinhos para roubar o leite de suas mães vacas. "Quero ver se agora continuam a fazer tamanha judiação."

A casa do Coronel estava com as portas escancaradas. Fora invadida por meia dúzia de leitões, que se regalavam na cozinha é na despensa. Por precaução o Visconde trepou a uma cadeira e desta subiu à mesa da sala de jantar ainda com os pratos do almoço da véspera. Olhou em torno.

— Não escuto cheiro de nada — disse ele. — Parece que os leitões devoraram todos os moradores.

Mas nesse instante uma vozinha lhe chamou a atenção.

— Estou aqui, estou aqui!

— Aqui onde?

— Aqui nesta horrível caverna.

Olhando na direção do som, o Visconde pôde ver, numa frincha do carunchado rodapé da sala, uma espécie de caroço de ervilha. Era a cabeça do Coronel Teodorico, dono da Fazenda do Barro Branco.

— Estou escondido aqui — continuou a vozinha — por causa dos hipopótamos que invadiram a casa depois que tudo ficou enorme. Eles já devoraram a Quinota e a tia Ambrosia. Escapei porque me escondi a tempo nesta caverna que até ontem nunca existiu. Pela cartola e as barbas de palha de milho estou reconhecendo o viscondinho lá do sítio de Dona Benta, mas enormemente grande, como tudo mais. Não entendo coisa nenhuma. O mundo cresceu dum modo incrível. Será que estou sonhando?

O Visconde examinou a situação. Para salvar o Coronel, teria de descer da mesa, coisa perigosa numa casa invadida de leitões. Que

fazer? O Visconde não era criatura de grandes expedientes. Atrapalhava-se com pouco. Felizmente tinha Emília na cabeça.

— Visconde — gritou ela — estou vendo uma corda sobre a mesa. Lance-a ao Coronel.

O Visconde olhou e viu sobre a mesa um comprido barbante. Para jogá-lo até à "caverna", teria de atar um peso na ponta. Que peso?
— Essa colherona aí — lembrou Emília.

Era uma colherzinha de café das menores. O Visconde atou-a à ponta do barbante e jogou-a.

— Agarre-se nisso, Coronel!

O Coronel, com muito medo e a olhar para todos os lados, saiu da caverna e agarrou-se à colherinha. O Visconde foi puxando o barbante.

— *Uf*... exclamou o Coronel ao ver-se em cima da mesa e livre dos leitões. O Visconde colocou-o sentadinho na palma da mão.

— Como tenho padecido! — suspirou o pobre inseto descascado. — Durante todo o tempo, lá naquela horrível caverna, um monstro com forma de barata esteve me cutucando com as pontas de duas varas de bambus — e fui obrigado a suportar tudo, de medo de ser comido pelos hipopótamos.

Uma risadinha soou na cartola do Visconde. O Coronel ergueu os olhos, espantado.

— Não eram varas de bambu, bobo! — gritou Emília da janela. — Eram antenas. E o monstro não tinha "forma de barata", porque era uma barata em pessoa.

— Quem está falando? — perguntou o Coronel. — Essa voz não me é desconhecida.

— Claro que não é — respondeu Emília, saindo da cartola e vindo debruçar-se na cerca da aba. — Sou a Emília lá do sítio de sua comadre Dona Benta.

O Coronel ficou assombrado.

— Estou a reconhecê-la, sim. E a comadre como vai? As coisas por lá também cresceram?

— Tudo está no mesmo; as pessoas é que diminuíram.

Para facilitar a conversa, o Visconde tirou a cartola e depositou-a na mesa, onde também largou o Coronel.

— Moro aqui agora — explicou Emília. — Este é o meu sítio. Não o faço entrar porque um homenzarrão como o senhor não passa pela nossa porta.

— Quem são esses meninos aí na janela?

Emília mandou que os meninos se recolhessem. Não podiam ouvir a conversa.

— São dois órfãos que estou criando, filhos do falecido Major Apolinário — explicou em seguida, baixando a voz.

— Falecido? Pois então o Apolinário morreu? — murmurou o Coronel, empalidecendo.

— Era tão amigo dele assim?

O Coronel engasgou na resposta. Depois disse.

— Amigo, propriamente, não, porque o Apolinário era perrepista e eu sempre fui democrático. Mas aquele homem devia 15 contos à minha sogra. Se morreu e só deixou esses órfãos, quem paga essa dívida?

— Não há mais dívidas, Coronel. Nem há mais dinheiro, nem nada do mundo grande. Agora é tudo ali no pequenino; a vida dos homens vai ser a mesma dos insetos.

— Pequenino? — repetiu o Coronel sem entender. — Acho que se deu justamente o contrário: tudo ficou enorme. Esta mesa onde tantas vezes me sentei e mal dava para oito pessoas, parece agora mesa de batalhão. Tudo se tornou monstruosamente grande.

— Estou vendo o contrário, Coronel. Tudo está do mesmo tamanho de sempre. Nós, criaturas humanas, é que diminuímos. Isso que o senhor supõe ser um bando de hipopótamos, não passa de leitões da sua fazenda. A caverna em que o senhor estava escondido é uma simples fresta do rodapé podre da sua sala. Os 15 contos de sua sogra foram-se. Não pense mais neles. Na vida nova não existe dinheiro.

O Coronel vivia de dar dinheiro a juros, e aquele 15 contos da sogra não eram da sogra, sim dele mesmo; por isso empalidecera tanto ao saber da morte do devedor. Mesmo pequenininho como estava, a sua maior preocupação era o dinheiro.

— Mas como poderemos viver sem dinheiro? — disse ele. — Enquanto houver homens no mundo, haverá dinheiro.

Emília teve dó daquela burrice. Mostrou que o dinheiro era uma das muitas consequências do tamanho, como tudo o mais que os homens chamavam civilização. Desaparecendo o tamanho, desaparecia o dinheiro e toda a velha civilização. Alegou que mesmo no mundo antigo muita gente já vivia sem dinheiro, como, por exemplo, o Visconde de Sabugosa, que nunca possuiu um tostão furado. Também os insetos viviam perfeitamente sem dinheiro.

— Mas nós não somos insetos — protestou o Coronel ainda cheio de orgulho do tempo em que tinha um metro e oitenta de altura.

— Somos menos que isso, Coronel. Os insetos possuem três pares de pernas e nós, só um par. E muitos têm asas com que voam e nós em matéria de asas só temos as asas do nariz, que não voam. E ainda possuem antenas, que são órgãos do tacto, algumas delas dotadas de ouvidos — para apalpar e ouvir ao mesmo tempo, coisa aperfeiçoadíssima. Aquelas "varas de bambu" com que o monstro, lá na "caverna", o cutucava, eram as antenas dum inseto. Nós hoje não passamos de insetos descascados, só com um par de pernas, e sem garrinhas nos pés como as formigas. É com essas garrinhas que elas se agarram ao chão e suportam o vento — e sobem pelas paredes.

O Visconde ia aprovando com a cabeça, e o Coronel, ignorantíssimo como era, admirou-se de que um gigante daquele tamanho aprovasse as "tolices" da Emília. A ideia de que ele estivesse diminuído, em vez de todas as coisas terem aumentado, não lhe entrava na cabeça.

— Se todas as criaturas diminuíram — disse ele — como o Visconde ficou tão grande?

— O Visconde não mudou porque é milho.

— Mas ele fala, pensa, é uma perfeita gente...

— Sim, e isso é um dos mistérios do mundo. O Visconde pensa, fala e me obedece. Comporta-se em tudo como gente — mas não come. Logo, não é gente. Já viu gente que não coma, Coronel?

— E você, Emília? Se também diminuiu, então é que é gente — mas toda a vida ouvi dizer que era boneca. Como explica o mistério?

— Muito simples. Eu de fato já fui boneca de pano. Mas evoluí e virei gente.

O Coronel não sabia o que era evoluir. Emília explicou.

— Evoluir é passar duma coisa para outra muito diferente. Um grão de milho começa grão de milho; vai evoluindo e vira pé de milho, broa de fubá ou Visconde de Sabugosa. Assim, eu. De simples bruxa de pano, fui evoluindo, virei gentinha e hoje sou o cérebro e a vontade do Visconde; moro em sua cabeça e dirijo-o do mesmo modo que o Totó dirigia o automóvel do Major Apolinário.

— Ah, quem me dera ser também cérebro dum gigante e morar numa casa de cartola! — suspirou o pobre fazendeiro. — Estou sem saber o que pensar. Se tenho, como você diz, de ficar assim pequenino, sem dinheiro, perdido num mundo de coisas e animais tão grandes, mil vezes ser devorado por estes hipopótamos. Isto não é vida. E, ainda por cima, nu que nem um índio. Não sei que fim levou a minha roupa. Houve um "desabamento de panos" em cima de mim, e quando me livrei daquilo, estava em pelo. Haverá coisa mais sem propósito? Se aparece uma senhora por aqui, como é?

— Pois eu acho o contrário — tornou Emília. — Isto é que é vida — a questão é a gente adaptar-se. Até já inventei um sistema de camuflagem que deu resultados ótimos. Virei chumaço de algodão, de modo que pude andar por toda a parte sem o menor medo de gatos ou passarinhos. Porque hoje. Coronel, um pinto é um milhão de vezes mais perigoso que um tigre. Os pintos nos tomam por içás ou baratas descascadas — e lá vem bico e papo. Aqui na sua casa convenci-me de que os leitões também são perigosos. Dos gatos eu já sabia, os tais gatos comedores de baratas, porque com meus próprios olhos vi o Manchinha comer Dona Nonoca, o Major e a tia Febrônia. Pois apesar desses perigos novos, estou encantada com a vida pequenina. Para a alimentação, que beleza! Qualquer isca nos enche o estômago. E não é preciso trabalhar para ganhar a vida. A vida está sempre ganha. Mas temos de copiar os insetos; temos de aprender com eles mil coisas, como o sistema de morar em buraquinhos e vãos. Os buracos feitos já vi que são perigosos. Os bons são os "acontecidos". Buraco-de-raiz é ótimo — nem que tenha caranguejeira dentro — mais isso só quando estamos no chumaço. Aranha não liga a algodões.

O Coronel não entendeu nada daquilo, e no seu desconsolo nem procurava entender. Para quê? O melhor era lançar-se no meio dos hipopótamos e acabar com uma vidinha tão insignificante. Mesmo assim lembrou-se de que estava com fome.

— Parece incrível — disse ele — que ainda numa situação destas o estômago da gente fale! Tenho vergonha de dizer que estou com fome.

— Pois é regalar-se, Coronel — volveu Emília. — Há ovo de beija-flor ali na cartola — mas nem é preciso. O senhor está sobre a maior mesa do mundo. Estas comidas dão para alimentar um exército inteiro. Olhe só para a terrina de feijão.

O Visconde havia deposto a cartola sobre a mesa e largado o Coronel perto da terrina de feijão. Que enorme terrina! Media três vezes a altura do Coronel. Já o prato de arroz era mais acessível. Erguendo a munheca, o Coronel pescou lá em cima dois grãos; comeu um e ofereceu outro a Emília.

— Juquinha, quando acabar o seu passeio leve este presente lá para o meu sítio — disse ela entregando-lhe o grão de arroz.

O menino e a irmã haviam saído da cartola e passeavam por entre os colossais pratos de comida. Diante dum queijo de Minas, Juquinha parou, perguntando que roda de carro era aquela. O Visconde explicou e deu-lhe um pedacinho de queijo.

— Também quero queijo no meu sítio! — gritou Emília.

O Visconde cortou um bloco de meio centímetro cúbico — grande demais para as forças do Juquinha. Foi necessário dividi-lo em três partes para que ele pudesse levar tanto queijo para dentro da cartola.

— Haverá água por aqui? — indagou o Coronel.

A moringa estava na mesa, mas nem o Visconde podia, apesar de ser o maior gigante do mundo, com o peso da moringa. Emília foi à cartola e trouxe um pedaço de algodão.

— Amarre isto na ponta do barbante e pesque água.

O Visconde assim fez. Mergulhou o barbante na moringa e puxou-o. O algodão subiu, pesado de água. Todos beberam com delícia. Juquinha quis levar um pingo para o sítio, mas não encontrou no que.

— E agora? — perguntou o Coronel. — Que vai fazer de mim?

— Vou levá-lo à casa de sua comadre Dona Benta. Não convém que fique aqui sozinho, no meio destes leitões canibalescos.

— E como irei?

— Na aba do meu sítio — lembrou Emília.

O Coronel Teodorico acomodou-se na aba da cartola do Visconde, com as pernas de fora e debruçado na cerca.

— Toca o bonde, Visconde! — gritou Emília.

Cuidadosamente, o Visconde botou a cartola na cabeça. Espiou se havia algum leitão por ali. Não vendo nenhum, desceu da mesa e, pé ante pé, encaminhou-se para a porta da rua. De passagem Emília entreviu o movimento dos leitões lá na cozinha e ficou apreensiva.

— Rabicó! Parece que vi Rabicó lá no bando. E se é realmente ele, juro que foi o comedor de tia Ambrosia e da Quinota...

CAPÍTULO 16: "**O TERROR DO LAGO**"

O Visconde, com o "Sítio da Emília" na cabeça, marchava muito esticadinho na direção do Picapau Amarelo. Postada à sua janela, entre os dois órfãos, a dona da propriedade ia contando ao Coronel os seus projetos.

— Vou introduzir vários melhoramentos. Metade da aba quero coberta de musgo, daquele que nasce nos barrancos úmidos e dá umas hastes com uma urnazinha na ponta. Na outra metade quero uma horta.

O Coronel achou que as hortaliças eram muito grandes para caberem ali.

— Planto fungos, como fazem as saúvas dentro de seus formigueiros. Apesar de eterna vítima das saúvas em sua fazenda, o Coronel ignorava que as formigas fossem cultivadoras dos fungos com que se alimentam. Quanto aos musgos, lembrou que eram plantinhas de sombra.

— Pois planto um chapéu-de-sapo que lhes dê sombra — resolveu Emília. — E uma orelha-de-pau para sombrear esta janela. Bate muito sol. E outro chapéu-de-sapo em cima da cartola para que em dias de chuva não pingue água aqui dentro pelo canudo da ventilação.

Os projetos do Juquinha eram diferentes. Queria amarrar ali na cerca dois besouros de sela, um para ele, outro para a Candoca, e também um gafanhoto verde, para o esporte do pulo. A Candoca, que já estava se desembaraçando, declarou querer um besouro verde — preto não.

Quando a loucura da Emília desembestava não havia lembrança que não lhe acudisse. Falou até duma gaiola de passarinho pendurada à janela.

— E onde acha passarinho que caiba nessa gaiola? — perguntou o Coronel.

Há os pernilongos que cantam a música do *fiun*. E quero mobília. Três caminhas, mesa, um cabide para pendurar o nosso algodão. De cadeiras não preciso. Estes pedacinhos de queijo servem de bancos. Já estou me utilizando de um para sentar-me à janela.

O Visconde teve de parar no caminho, descobrir musgos e chapéu-de-sapo, e besourinhos, e fungos, e deixar a cartola como a dona queria. Só ficou faltando a gaiola de pernilongo. E foi com aquele "jardim botânico" na cabeça que ele chegou ao Picapau Amarelo.

Lá estava o fiel Conselheiro montando guarda junto à varanda. A vaca Mocha, com a cabeça por cima da cerca, suspirava pela sua habitual ração de milho. Quindim ressonava debaixo da figueira. E Rabicó? Nada de Rabicó por ali.

— Eu bem sei por onde anda aquele canibal! — disse Emília.

O Visconde entrou. Encaminhou-se para o quarto. Tudo em ordem em cima da cômoda. Dona Benta, sentada numa caixa de fósforos tão grande que seus pés não tocavam no chão. Perto dela, tia Nastácia escarrapachada. Pedrinho e Narizinho lidavam na amarração duma rede de retrós entre a cestinha de costura e a caixa de fósforos.

Emília estranhou vê-los vestidos. É que a cestinha de costura ficava em cima da cômoda, a famosa cestinha de costura de Dona Benta onde não havia o que não houvesse — botões, colchetes, alfinetes, agulhas, linhas de vários números, fios de lã de bordar, retroses de seda, um ovo artificial de cerzir meia, a lâmina Gillette com que Narizinho cortava um célebre calo de Dona Benta, grampos e mais uma dúzia de miudezinhas. Aquilo lhes foi da maior vantagem depois da "redução", quando o Visconde os colocou em cima da cômoda. Por um buraco da palha os dois meninos conseguiram entrar na cesta, e lá fizeram prodígios. No fio da lâmina cortaram os pedaços de lã de bordar cora que Dona Benta e tia Nastácia se

tinham vestido à moda dos casulos — "enleadamente". As duas velhas haviam passado a noite no quente. Os meninos, como não fossem friorentos, contentaram-se com tangas de seda — uma franjinha de fios de retrós atada à cintura. Viraram uns perfeitos "índios de luxo". Depois tiveram a ideia de tecer uma rede de fios de linha e armá-la entre a cesta e a caixa de fósforos. Estavam nisso quando o Visconde apareceu.

Ao vê-lo surgir no quarto, enorme, com o seu cartolão à Presidente Lincoln transformado em sítio, os netos de Dona Benta romperam num berro de selvagens: *Ale guá, guá, guá! Abati pocanga!*

A gritaria fez que os dois besouros voassem. Que pena!

O Visconde foi trepando pela escadaria de livros com que antes de sair de lá ele havia preparado o acesso à cômoda. No último degrau parou. Suas palhas de milho ficavam ao nível do "assoalho".

— Tenho uma grande novidade a contar — disse ele.

— Já sei, a Emília apareceu! — gritou Narizinho — e desse modo estragou metade da "surpresa".

Surpresa, sim. Emília tinha planejado uma surpresa e para isso escondera-se com os dois órfãos dentro da cartola e fizera o Visconde guardar no bolso o Coronel Teodorico.

— Onde está ela? — gritou Pedrinho. A resposta do Visconde foi tirar da cabeça a cartola imensa e depositá-la em cima da cômoda. Os meninos aproximaram-se cheios de curiosidade. Aquela janelinha, aquela porta, os sete degraus de casca de laranja, as plantações, a escada de corda, o fio da campainha que o Visconde teve o cuidado de desamarrar da sua barba de palha, os chapéus-de-sapo, o canudo lá no alto — tudo era o que podia haver de mais imprevisto. E numa pétala de malmequer pregada na cartola estava o letreiro: "Sítio da Emília."

— Que história é esta? — exclamou Pedrinho, intrigado. Nesse momento Emília apareceu à janela e fez *Hu!*

Foi um acontecimento. Até Dona Benta ergueu-se da sua caixa de fósforos e aproximou-se para ver.

— Pois é! — começou Emília. — Encontrei o Visconde na estrada e instalei-me em sua cartola. Isto aqui dentro está virando um verdadeiro quarto de badulaques. Temos chumaços de algodão, bancos de queijo, um grão de arroz, uma lança — e vamos ter muitas coisas mais.

— E essa escadinha de corda?

— É para descer até ao chão sem incomodar o Visconde. O assoalho é de casca de laranja. Mandei cercar a aba e fiz uma plantação de musgos e fungos alimentícios, como os da saúva. Os chapéus-de-sapo da aba dão sombra ao musgo e o do alto impede que a chuva pingue pela chaminé.

Pedrinho e Narizinho pularam a cerca e foram espiar pela janela.

— É verdade, sim, vovó! — gritou Na rizinho. — Tudo como ela diz. E essas crianças? — exclamou, muito admirada, ao ver a Candoca e o irmão, sentadinhos.

— Ah, são os meus órfãos — e Emília contou a tragédia do Major Apolinário e Dona Nonoca, comidos pelo Manchinha. Dona Benta sentiu muito, porque se dava com aquela gente. Dias antes havia ido à cidade e tomado café em casa de Dona Nonoca.

— Então por lá foi a mesma coisa que aqui?

— A mesmíssima, Dona Benta. Todo mundo perdeu o tamanho. Galinhas e passarinhos percorrem as ruas no maior assanhamento, como nos dias em que caem içás.

— Que horror!

— Só se salvam os espertos — e Emília foi desfiando as suas próprias espertezas, o disfarce do algodão, a noite passada no ninho do beija-flor, a história da carangueijeira e do voo da mutuca.

Nesse ponto Pedrinho assanhou. Também queria voar. Queria que o Visconde fosse ao terreiro descobrir mais besouros — e aquela igualdade de amor pela aviação fez que ele e o Juquinha nunca mais se largassem.

Dona Benta chamou Candoca e sentou-a no colo, contando que havia assistido ao batizado daquela criança.

— E tia Nastácia? — perguntou Emília. — Que está fazendo lá, escarrapachada e muda?

Dona Benta explicou que a negra não se conformava com a Ordem Nova e perdera o interesse em tudo. Vivia assim, escarrapachada no chão, de mão no queixo, pensando naquele misterioso transtorno do mundo. Tão abatida que nem dava resposta ao que lhe perguntavam.

Pedrinho gostou muito da escadinha de corda e quis descer, porém viu que era muito curta. Tinha a altura do Visconde — dois palmos. Só chegava até à segunda gaveta da cômoda, a qual estava entreaberta. "Bom, se não posso descer até ao chão, poderei entrar naquela gaveta", e desceu com o Juquinha. Era a gaveta em que Dona Benta guardava as roupas de cama, lençóis, colchas e fronhas.

— Isto aqui dá uma morada ótima — gritou ele lá de dentro. — Só brancuras. Parece um campo de neve.

Emília foi sentar-se na caixa de fósforos de Dona Benta, rodeada de todos os mais, e começou a contar tudo o que se passara com ela. A história da ingratidão do Manchinha horrorizou tia Nastácia, que, afinal, por efeito da animação da Emília, foi saindo do seu marasmo.

— Comer os donos dele! Já se viu um gato mais malvado? — disse ela.

— Manchinha não sabia, nem podia saber — defendeu Emília. — Enxergou no degrau da escada aqueles três insetos descascados e está claro que os comeu. Se você fosse gata, faria o mesmo.

— Três insetos? Não foi só o Major e Dona Nonoca?

— O Manchinha também comeu a tia Febrônia, aquela cozinheira que esteve aqui naquele dia.

— Cruz, credo, canhoto! — berrou a pobre tia Nastácia, persignando-se.

Enquanto conversavam, o Visconde foi ao terreiro trocar impressões com o Burro Falante.

— Pois é verdade — disse ele. — Todas as criaturas do mundo perderam o tamanho. A vila acabou. Não há mais ninguém nas ruas — só automóveis escangalhados, animais soltos e a passarinhada. Pelo caminho, os casebres de palha da gente da roça estão desertos. A galinhada comeu todos os moradores. Paramos na casa do Coronel Teodorico — por sinal que ele está aqui, disse tirando o Coronel do bolso e sentando-o na palma da mão.

O Burro Falante havia pertencido ao Coronel, em cuja fazenda nascera. Ao ver o seu antigo patrão reduzido às proporções dum gafanhoto, sacudiu a cabeça filosoficamente. Aquele homenzarrão de outrora, que o cavalgara tantas vezes e lhe metera as esporas e o chicote, estava reduzido a uma coisinha sobre a palma da mão dum milho!

— E como vai ser a vida dos homens daqui por diante? — perguntou o burro.

— Ainda não sei. Isso depende da Emília. Há duas hipóteses: ficar tudo como está, ou voltar tudo ao que era. Emília acha que com a minha ajuda a Chave do Tamanho pode ser de novo levantada.

O Conselheiro não entendeu aquela história de Chave do Tamanho, mas não insistiu. Sua extrema delicadeza de sentimentos impedia-o de ser indiscreto.

— Bom — disse o Visconde. — Continue a tomar conta do terreiro. E Rabicó?

— Ainda não apareceu esta manhã. Com certeza anda correndo mundo atrás de minhocas.

— Eu sei quais são as minhocas de agora! — disse o Visconde guardando o Coronel no bolso e voltando para dentro.

Encontrou Emília a contar a história das suas aventuras na sala de jantar do fazendeiro.

— E ele então foi puxado pela corda, dizia ela, e veio para cima da mesa e contou que lá na "caverna" um "monstro" estivera todo o tempo a cutucá-lo com duas varas de "bambu" (explicou que não eram varas e sim as antenas duma enormíssima barata.)

— Figa, rabudo! — exclamou tia Nastácia persignando-se.

E onde ficou o compadre? — quis saber Dona Benta.

O último número da surpresa da Emília ia ser aquele. A diabinha olhou para o Visconde e disse com a maior naturalidade:

— Onde andará o Coronel Teodorico, Senhor Visconde? Talvez esteja em seu bolso. Veja.

O Visconde enfiou a mão no bolso e tirou lá de dentro um insetão descascado, que depôs sobre a cômoda. Mas todos ali estavam

vestidos, de modo que a nudez do compadre de Dona Benta provocou verdadeiro escândalo.

Tia Nastácia protestou,

— T'esconjuro! Onde se viu um pai de família aparecer nesses trajes de Adão na presença de uma senhora de respeito?

Na sua aflição de espírito o Coronel esquecera-se de que estava nu, de modo que a advertência da negra o fez encolher-se todo, desapontadíssimo.

— Arranje uma tanga, homem! — continuou a negra. — Faça como nós fizemos. Tire essa indecência daqui, Visconde!

O Visconde levou o Coronel para o jardim. Que tanga arranjaria para ele? Olhou, olhou. Decidiu-se finalmente por uma flor de angélica, depois de cortá-la de certo jeito. Deu uma tanga ótima, mas que deixava o fazendeiro que nem uma dançarina de saiote.

— Aquela negra é cheia de histórias, Coronel, mas tem bom coração. Ela mesma é quem vai lhe arranjar uma roupa melhor, feita de seda, como a dos meninos.

Ao voltar para a cômoda, vestido daquela maneira, o Coronel foi recebido com palmas.

— Agora, sim — disse tia Nastácia. — Está mais apresentável — e só falta dançar...

O Visconde já havia deixado ali açúcar e outras provisões de boca. Mas como a população da cômoda aumentasse, foi à despensa em busca de novo sortimento — um pedacinho de marmelada, mais miolo de pão, um dedo de manteiga. Trouxe também uma xícara d'água.

— Temos piscina! — gritou Emília quando o Visconde despejou a água no pires — e correu para lá arrastando pela mão a Candoca. Ia dar um banho na pequena. Candoca, pobrezinha, fez feio. Diante daquele enorme lago de água fria, pôs-se a berrar. Mesmo assim foi esfregada com uma esponjinha de algodão.

— Não se afastem da beira d'água! — gritou Dona Benta. — Basta de desgraças. Não quero nenhum afogamento aqui.

Nesse momento Pedrinho e Juquinha apareceram no alto da escada de corda, vindos da segunda gaveta onde haviam matado uma traça. Dando com a piscina, correram para ela — e banharam-se e nadaram regaladamente.

Emília quis uma barquinha no lago.

— Na caixa de fósforos de Dona Benta há paus excelentes. Faça uma jangada, Visconde.

O Visconde tirou da caixa um pau de fósforo e partiu-o em três pedaços, unindo-os com um fio de linha. Deu uma jangada excelente. Emília pôs-se a "sulcar os mares". Quis depois uma vela e um letreiro: "O Terror do Lago" — e como não houvesse vento, o pobre Visconde teve de ficar ali assoprando.

Pedrinho e Juquinha, sentados na beira do pires, com grande inveja acompanhavam aquela navegação; por fim resolveram fazer uma jangada muito maior e mais bonita.

E desse modo a Ordem Nova da Humanidade Sem Tamanho foi tendo os seus começos em cima da cômoda de Dona Benta.

CAPÍTULO 17: **RABICÓ, O CANIBAL**

Enquanto a criançada construía a Ordem Nova, Dona Benta conversava com o Visconde a respeito da situação.

— Tudo mudou — dizia ele. — Hoje nada vale o que valia antigamente. Acabou-se o dinheiro. Acabaram-se os veículos. Acabou-se a civilização. Mas, pelo que já vi, o homem pode perfeitamente subsistir dentro das proporções mínimas a que está reduzido.

— Acha sinceramente, Visconde, que podemos subsistir e criar uma nova civilização?

— Acho sim. Acho até que o homem pode criar uma civilização muito mais interessante e feliz do que a "civilização tamanhuda", como diz a Emília. Ali naquele lago a senhora está vendo um maravilhoso exemplo das novas possibilidades. Nunca um pires d'água deu tanto prazer a tantas criaturas. Os insetos, por exemplo, vivem perfeitamente adaptados ao planeta — e eles não possuem a inteligência das criaturas humanas. A geração adulta de hoje vai sofrer, está claro, porque anda muito presa às ideias tamanhudas; as crianças já sofrerão menos, porque aceitam melhor as novidades. Repare como os seus netos, e o Juquinha e a Candoca, estão rapidamente se adaptando, ao passo que tia Nastácia e o Coronel resistem.

— Mas acha que as nossas velhas ideias tornar-se-ão inúteis neste mundo novo?

— Inúteis propriamente não. Mas têm de ser revistas e reformadas. São ideias filhas da experiência tamanhuda. Com a nova experiência pequenina, está claro que as ideias velhas têm que sofrer adaptação.

Filosofaram longamente. O Coronel vinha de vez em quando com um aparte que só servia para mostrar como ele estava emperrado nas ideias antigas — sobretudo na de dinheiro.

Súbito, um "fecha" se formou lá no pires.

— Não quero que entre na minha nau! — gritara Emília, quando Juquinha tentou invadir aqueles três pedacinhos de pau de fósforo amarrados com o fio. — Isto é meu só!

— Lá vai a propriedade se formando, filosofou o Visconde. Emília já está toda cheia de *minhas* e *meus*. Minha nau, meu queijo, meu sítio...

— E como o Senhor Visconde explica este extraordinário fenômeno da redução do tamanho das criaturas?

O Visconde sabia muito bem que tudo não passava duma reinação da Emília, mas como jurara nada contar a ninguém, fingiu ignorância.

— Não sei, Dona Benta. Não posso explicar o mistério — gaguejou ele.

Depois de fartar-se de navegação no pires, Emília "alugou" a sua jangada ao Juquinha e foi pedir ao Visconde que a levasse ao terreiro. Queria conversar com o Burro Falante e o Quindim.

Para falar com o burro, a voz de mosquito da Emília não dava, de modo que ela fazia as perguntas e o Visconde as repetia como um alto-falante.

— Quero saber de Rabicó, Senhor Conselheiro.

O burro contou, que desde a véspera Rabicó não dava sinal de si. Da última vez que o vira, ia indo para os lados da fazenda do Coronel.

— Ah, então era ele mesmo que estava lá na cozinha devastando o que havia — e juro que foi o comedor da Quinota e da tia Ambrosia! A fome de Rabicó é uma dessas coisas que não têm explicação.

Nisto, um *ron, ron, ron* soou perto da porteira. Lá vinha Rabicó muito afobado, de focinho sujo de terra, gordo como um porco. Emília fez que o Visconde o chamasse e passou-lhe uma reprimenda.

— Há tantas coisas gostosas no pomar — disse ela através do alto-falante — há tantas mangas, laranjas, cajus, goiabas, figos, marinhos tenros, e o senhor sempre com o focinho sujo de terra de tanto fossar as minhocas! Mas — diga-me uma coisa: sabe o que aconteceu no mundo?

— Se sei o que aconteceu? Ora se sei! Aconteceu que de um momento para outro deu de aparecer por toda parte uma nova raça de minhocas em pé, umas cor-de-rosa, outras cor de rapadura, outras pretas — e gostosíssimas. Na casa do tio Barnabé comi uma dúzia — das pretas. Lá na venda do Elias comi mais de vinte de todas as cores. E até na casa do Coronel Teodorico — que está deserta, não sei para onde aquela gente se afundou — comi duas, uma cor de rapadura e outra preta. Muito melhores que as minhocas que não andam de pé.

Emitia ficou horrorizada. O Marquês de Rabicó, seu antigo esposo, estava transformado em canibal, comedor de gente! E teria feito com & pessoal do sítio de Dona Benta o mesmo que o Manchinha fizera com a família do Major Apolinário, se não fosse a providencial ideia do Visconde de pô-los todos em cima da cômoda.

— Ah, Rabicó! — disse ela em tom trágico. — O que você anda fazendo é o maior dos horrores, porque essas tais "minhocas em pé" não são minhocas e sim gente humana de proporções reduzidas. A humanidade inteira perdeu o tamanho. Dona Benta e os meninos estão lá dentro transformados em iscas de gente. Pelo amor de Deus, pare com essas comilanças, porque constituem verdadeiros crimes. Sabe quem eram as minhocas pretas que você comeu na casa do tio Barnabé? Eram o pobre negro velho e toda a família dele. E sabe quem eram as duas que você comeu na casa do Coronel Teodorico? Eram a Quinota e a tia Ambrosia, aquela negra tão boa, que sempre nos recebia com café e bolinhos.

Rabicó ficou desapontadíssimo. Mas como é que poderia ter adivinhado? Sempre fora um grande comedor de minhocas e de quanto verme encontrava. Apareceram aquelas minhocas novas, carnudinhas. Nada mais natural que as comesse também.

— Eu sei disso. Você não tem culpa. Mas está avisado. E se encontrar mais alguma perdida por aí, traga-a para cá, em vez de comê-la.

Rabicó, muito impressionado com a sua antropofagia, prometeu que sim. Em seguida o Visconde foi em procura do rinoceronte, lá embaixo da figueira grande. Contou-lhe toda a tragédia humana. Quindim, porém, não fez caso nenhum. Já estava muito velho para dar importância a coisas tão insignificantes como o desaparecimento da humanidade. Enquanto houvesse vegetais, árvores de boas folhas gostosas, capins macios e brotos, tudo iria bem. Quindim, com a idade, fora ficando cínico; Emília passou-lhe uma descompostura e voltou para casa.

— Muito bem, Visconde — disse ela.

— Trate de concluir a fabricação do superpó. Quero dar um grande passeio pelo mundo — a Europa, a Ásia, a América do Norte, para ver como correm as coisas por lá. Depois resolveremos sobre a ida à Casa das Chaves.

O Visconde foi ao laboratorinho e continuou na fabricação do maravilhoso pó, interrompido pelo desastre do apequena-mento. Emília quis saber qual era o segredo da droga. O velho sábio riu-se; declarou que o superpó era uma "sublimação das vitaminas do pulo dos grilos" — o que deixou Emília na mesma. Depois de lidar no laboratório algum tempo, o Visconde foi ver como ia a gente da cômoda.

Encontrou os meninos brincando de construir uma casinha com as "vigas" tiradas da caixa de fósforos de Dona Benta. O Coronel Teodorico olhava para a obra com olhos de peixe morto.

— Que é que há, Coronel? — perguntou o Visconde.

— Há que não posso conformar-me com o acontecido — respondeu o pobre homem, sem sequer erguer a cabeça. — Eu era gente no mundo. Alto, forte, rico, dono duma bela fazenda — e agora me vejo sem nada de nada, reduzido a um simples inseto em cima desta cômoda. Ora, estou muito velho para acostumar-me a semelhante brincadeira. Se vou ficar assim toda a vida, então antes acabar com tudo de uma vez — e peço que me leve e largue diante do bico do pinto sura.

— Não seja tão exagerado, Coronel — disse o Visconde. — Estou preparando uma dose de superpó e com esse ingrediente é possível que a Emília e eu... Ai!

Um forte puxão no fio da campainha advertira-o de que estava falando demais. O Visconde engoliu o fim da frase. Narizinho, porém, que estivera ouvindo a prosa, desconfiou e disse ao ouvido de Dona Benta:

— Estou quase acreditando, vovó, que tudo quanto aconteceu não passa d'alguma reinação da Emília. O Visconde sabe, mas não pode dizer. Desta vez distraiu-se e ia contando; súbito, "Ai!" deu um gritinho e nem rematou a frase. Por quê? Porque Emília, lá de dentro da cartola, pregou-lhe um puxão na barba. Emília é o que há de esperta, vovó. Inventou a tal "campainha" justamente para isso: para brecar o Visconde sempre que ele for se tornando indiscreto.

— Tudo é possível neste mundo de maravilhas — suspirou Dona Benta — mas temos de ficar muito caladinhas, porque hoje quem realmente manda é a Emília, já que mora na cabeça do mais poderoso gigante do mundo. Estamos nas mãos dos dois — nós e toda a humanidade.-A perda do tamanho nos tornou tão fracos e inúteis como pulgões de broto de roseira.

— Pois eu continuarei atenta — disse Narizinho — e hei de pescar toda a verdade.

O Visconde perguntou ao pessoal da cômoda se não desejavam alguma coisa. Juquinha pediu besouros e Pedrinho quis um livro. Andava interessado em saber se ainda era possível a leitura de livros.

O Visconde tomou um ao acaso, ali da sua escadaria de livros, e largou-o sobre a cômoda. Pedrinho trepou na página aberta a fim de experimentar a leitura. Difícil, sim. Tinha de ir andando, como caranguejo, por baixo de cada linha, lendo as letras uma por uma. Leu assim duas ou três frases e cansou-se. Depois quis voltar a página. Viu que exigia o esforço de duas pessoas, uma para levantar a folha do livro a pulso, como o carpinteiro que levanta uma tábua; e outra que a empurrasse para cima por meio duma comprida vara. A folha do livro ficava assim em vertical. Para fazê-la deitar-se do outro lado, era preciso mais uma série de manobras.

Dona Benta, que estava assistindo àquela brincadeira, disse filosoficamente:

— Estou vendo que toda a cultura humana, guardada nas bibliotecas, está perdida. Tirar os livros das estantes já vai ser quase impossível. Abri-los é um trabalho e lê-los, letra por letra, caminhando de pé por baixo das linhas, é esforço lento e fatigante. Será uma verdadeira façanha de Hércules ler um livro todo.

Enquanto isso o Visconde e Emília cochichavam em voz baixa a pouca distância dali. O superpó já estava pronto. Podiam correr mundo. O melhor era irem duma vez à Casa das Chaves, levantarem a Chave do Tamanho e pronto. Tudo ficaria como dantes. Emília, porém, estava indecisa. Queria e não queria, e mais não queria do que queria. Por fim veio com a ideia do plebiscito.
— Acho, Visconde, que não podemos decidir por nós mesmos num ponto de tanta importância. Não somos ditadores dos tais do quero, posso e mando. Temos de consultar a opinião das gentes e só fazer o

que a maioria quiser. Temos de dar uma volta pelo mundo, ver pelo menos a Europa e os Estados Unidos. Como decidirmos qualquer coisa sem conhecermos o estado real da humanidade?

Assentado aquele ponto, o Visconde foi avisar o Conselheiro.

— Nós vamos partir novamente — disse ele — e o senhor fica de sentinela. Não deixe entrar na casa ave nenhuma, nem o Rabicó. Ele prometeu comportar-se, mas duvido que veja um inseto descascado e resista a tentação de comê-lo.

O burro prometeu cumprir fielmente as instruções.

CAPÍTULO 17: **O FILÓSOFO CHINÊS**

Lá na cômoda Dona Benta e os meninos estudavam a situação.

— Para mim, vovó, tudo não passa de arte da Emília — dizia a menina. — Cada vez me convenço mais. Lembre-se que na manhã do dia do desastre ela desapareceu daqui, e logo em seguida o Visconde veio dizer que lhe haviam roubado a caixinha de superpó. Juro que foi ela! Tomou uma pitada e afundou pelos infinitos, e lá mexeu em alguma coisa. Estou certíssima disso. Não vê como ela está segura de si e emproada, cheia de "vous" e "faços?" Todos no mundo estão assim como nós, tontos, sem saber nem o que pensar — menos Emília. Garanto que tudo é uma arte dela.

— Pois se é arte dela, minha filha, só ela poderá consertar o torto.

Esperemos. Não é a primeira vez que nos encontramos em situação esquisitíssima. Quanta coisa se tem passado nesta casa! Até pelo céu vocês já andaram, brincando de escorregar nos anéis de Saturno. E eu já estive sentada no dedo do Pássaro Roca, pensando que era uma raiz de árvore. Mas no fim tudo acabou bem.

— Agora é diferente, vovó. Naquelas aventuras as coisas aconteciam só para nós; o que agora aconteceu alcançou a humanidade inteira. Qual é sua ideia, tia Nastácia?

A boa negra, entretida em emendar fibras de algodão, respondeu como se já não fosse uma criatura desse mundo.

— Ah, eu penso que o mundo acabou — o mundo antigo. Nós morremos todos, sem saber, e estamos no céu. Somos almas do outro mundo e o outro mundo é este — esta cômoda, o Coronel, tão pequenino, ali de tanga de flor, Emília lá na cartola do Visconde. Ou então é sonho. Se é sonho, quando acordarmos tudo se acaba e a vida de dantes começa outra vez. E se é morte, é morte e pronto. Pois então vou acreditar que estou virada em içá de tanga? Não sou boba. Ou já morri e estou num céu, ou tudo isto é sonho.

Narizinho ficou impressionada com a ideia da negra.

— Será assim, vovó?

— Como posso saber, menina? Nosso modo de vida nesta casa sempre me deixou tonta e incerta sobre a realidade das coisas. Até me faz lembrar aquele caso do filósofo chinês.

— Qual deles?

— Aquele filósofo ou poeta chinês, já não me lembro, que passou a noite sonhando que era borboleta, e durante todo o sonho viveu a vida das borboletas, com ideiazinhas de borboleta, comidinhas de borboleta, tudo de borboleta, com a maior clareza e perfeição. Quando acordou e se viu outra vez homem, caiu na dúvida. "Serei uma borboleta que está sonhando que é homem ou sou um homem que sonhou que era borboleta?" E por mais que pensasse nisso, nunca pôde saber com certeza se era realmente uma borboleta que sonhava ser homem ou um homem que havia sonhado ser borboleta.

— Que graça! exclamou a menina.

— Pois estou que nem esse poeta chinês — concluiu Dona Benta. — Não sei se sou gente grande que está sonhando que é gentinha, ou se sempre fui gentinha que por muito tempo sonhou que era gente grande.

— E qual a sua opinião, Coronel? — perguntou o menino.

O Coronel Teodorico estava com o cérebro mais oco do que um porungo. Não tinha ânimo de pensar e até chegava a ter medo das ideias que lhe acudiam. Pedrinho teve de insistir muito para que ele dissesse:

— Eu estou com tia Nastácia. Isto é pesadelo. Não pode ser verdade. Pois onde se viu um homem que nunca teve medo de nada, e vivia na fartura, acabar escondido numa fresta de rodapé, perto duma barata enorme, tremendo de medo dos seus próprios leitões soltos pela sala? Pois então isso é coisa possível? O que me parece é que estou louco — ou que todos estão loucos. Já li a história dum louco que ficava parado num canto, com uma caneca na cabeça — e assim levou anos, sabem por quê?

— Por quê?

— Porque estava convencido de que era um pote d'água. Não falava, porque os potes não falam. Não tirava a caneca da cabeça porque os potes não tiram a caneca da tampa. Por mais que os médicos do hospício lhe explicassem que ele não era pote e sim um homem como os outros, o coitado não acreditava. Convencera-se de que era pote e acabou-se. Quem sabe se nós enlouquecemos e estamos tal qual o homem do pote? Quem sabe se não há nada disto, e tudo é ilusão nossa?

Nesse momento o Visconde apareceu, com a Emília debruçada na janelinha. Contou que o novo superpó estava pronto e eles iam correr mundo para verificar a situação real da humanidade.

Dona Benta arrenegou — mas que remédio? Se Emília queria a tal viagem à Europa, estava querido. A dona do mundo era ela. Pois que fossem, Em seguida pôs o Visconde a par da discussão ali na cômoda.

— O Coronel acha que o que estamos é loucos — e repetiu a história do pote.

— Isso não! — gritou Emília da janela. — Esse louco do pote era um só, e neste nosso caso de agora todos se sentem pequenininhos. Uma loucura assim de toda gente não pode ser loucura — loucura é coisa só de uns.

— E tia Nastácia acha que é sonho — continuou Dona Benta.

— Sonho o nariz dela! — berrou Emília. — Parece incrível que não percebam o que houve. O mundo é uma máquina de mil peças. Com certeza alguma peça saiu do lugar — é isso.

Narizinho, sempre atenta às palavras de Emília, aproximou-se.

— Peça que saiu do lugar? — repetiu. — Se alguma peça saiu do lugar, não saiu sozinha — alguém deve ter bulido nela.

— Isso não! — protestou Emília vivamente. — Por que é que o automóvel do José Batata parou, naquela vez em que fomos à cidade? Porque o arame do acelerador se partiu — e quem estava mexendo lá dentro para que o arame se partisse? Partiu-se por si mesmo. São coisas que acontecem.

Mas o calor com que negou a ideia de haver alguém mexido na peça ainda mais aumentou as desconfianças da menina, a qual disse ao ouvido de Dona Benta:

— Juro, vovó, que quem mexeu na peça foi ela!

— Emilinha, você ainda não nos contou o que foi fazer naquela manhã, depois de furtar o superpó do Visconde.

— O que fui fazer? Ora esta. Fui dar um passeio pelas estrelas — para verificar se o pó era mesmo o que o Visconde dizia.

— E andou pulando de estrela em estrela, não é?

O modo irônico de Narizinho falar fez que Emília se abrisse. Já andava amolada com aquele segredo.

— E se fosse eu? Se mexi na Chave do Tamanho, não o fiz por querer. Não havendo intenção, não há culpa, como disse Dona Benta outro dia. E por isso estou de cabeça levantada, pronta para aparecer diante de todos os tribunais do mundo. Quero vez quem me condena.— E se começam a me amolar, sabem o que faço? *Não faço nada!* Largo mão de tudo e a humanidade que se fomente. Pipocas!

— Cama, calma, Emília! — disse Dona Benta. — Não é caso para se queimar. Ninguém aqui imagina que você queira destruir a humanidade, e se por acaso fez algum mal, foi sem querer — e vai consertar a malfeitoria e deixar tudo como dantes.

— Isto também não! — protestou Emília. — Quer então a senhora que eu deixe o mundo como estava, dividido em duas partes, uma matando a outra, bombardeando as cidades, escangalhando tudo? Ah, isso é que não. Ou acabo com a guerra e, com esses ódios que estragam a vida, ou acabo com a espécie humana. Comigo é ali na batata!

A arrogância daquelas palavras era uma coisa incrível. Dona Benta tremeu pelos destinos do mundo e fez sinal a Narizinho para que ficasse quieta. Era preciso não irritar a pequena criaturinha da qual a sorte da Espécie Humana dependia.

CAPÍTULO 19: **VIAGEM PELO MUNDO**

Tudo estava pronto para a viagem. No último momento o Visconde achou melhor desistirem do plebiscito e, em vez do passeio pelo mundo, tocarem diretamente para a Casa das Chaves. Alegou que cada minuto de demora eram mais milhões de seres humanos que pereciam em todos os continentes.

— E não se perde grande coisa — respondeu Emília. — O infinito é um colosso, Visconde. Há lá pelos céus milhões e milhões de astros muitíssimas vezes maiores que esta pulguinha da Terra. E nesta pulguinha da Terra a humanidade é uma poeirinha malvada. Para o Universo tanto faz que essa poeirinha exista como não exista.

Aquele pouco caso da Emília pela humanidade não impressionou o Visconde. Ele viu que no fundo não era *pouco caso*, e sim *muito caso*. Emília revoltava-se com as guerras e as outras formas de crueldade dos seres humanos. O apequena-mento causado pela sua reinação evidentemente não fora de propósito. Quando Emília virou a chave, sua intenção não fora fazer mal a ninguém, e sim bem: acabar com as guerras. Havia de haver uma chave da guerra, e o seu pensamento foi ir experimentando todas as chaves até acertar. Mas assim que virou a primeira, aconteceu o tal apequenamento, e ela nem sequer pôde suspender outra vez a chave, quanto mais experimentar as outras. "Emília é filósofa", pensou o Visconde, "e quando se põe a filosofar parece que tem coração duro mas não tem. Emília é filosoficamente boa."

Depois de tudo bem combinado, e de tomadas lá na cômoda todas as providências, partiram. O *fiun* foi formidável, porque quanto mais novo é o superpó, mais forte. Emília, coitadinha, perdeu completamente os sentidos, e o Visconde ficou mais tonto que das outras vezes.

Por fim chegaram. O Visconde levou minutos sentado, de pernas estiradas, olhando sem ver, ouvindo sem ouvir. Quando se pôs de pé, quase caiu, de tão tonto.

— Emília! — chamou ele, e repetiu três vezes o chamado.

Como não obtivesse resposta, tirou a cartola e espiou pela janela. A coitadinha estava desacordada. O Visconde despejou-a na palma da mão, cuidadosamente, e soprou-a de leve. Nada. Soprou mais forte. Nada.

— Parece incrível — murmurou ele — que essa grande coisa chamada humanidade dependa desta formiguinha sem sentidos que eu tenho na palma da mão! Se Emília voltar a si, tudo poderá ser salvo; mas se morrer, é bem provável que estes insetos descascados também morram todos, e só fiquemos no mundo eu, o Conselheiro e o Quindim — os únicos seres falantes e escreventes — e que adiantará a "História do Grande Desastre" que eu possa escrever em minhas memórias? Não existirá ninguém para lê-la. E o curioso é que o mundo continuará a rodar como se não tivesse havido nada. O burro, Quindim e todos os mais rinocerontes e hipopótamos e leões e tigres e a bicharada inteira desde os pintos suras até os micróbios, continuarão a existir como até hoje — e até ficarão muito contentes com o sumiço do *Momo sapiens*. Porque o *Homo sapiens* era o que mais atrapalhava a vida natural dos bichos. Até Rabicó, aquele patife, continuará a fossar os brejos em busca de minhocas — e já sem medo nenhum do bodoque de Pedrinho ou das ameaças da Emília.

Estava nesse ponto da conversa consigo mesmo, quando a "formiguinha desmaiada" fez um leve movimento e logo em seguida outro. O Visconde respirou aliviado.

— Ora graças que está acordando. Emília despertou e sentou-se. Passou a mão pelos olhos ainda turvos.

— Onde estou?
— Aqui comigo, na palma da minha mão, em qualquer parte da Europa — disse o Visconde.

Emília sorriu e pôs-se de pé, ainda tontinha; firmou-se logo, porém, e pediu a cartola.

— Erga-me para a cartola, Visconde. Sua mão está muito quente e suada.

Assim foi feito.

— Onde será que estamos? — perguntou, logo que reapareceu em sua janelinha. — Isto aqui parece um campo de trigo sem trigo, mas de que país?

Os campos de trigo sem trigo são todos semelhantes, de modo que por meio deles ninguém consegue identificar um país. Para isso, só as cidades.

— Vamos tomar por aquele caminho, Visconde — disse ela referindo-se à estrada que se via dali. — Todo caminho dá em cidade.

O Visconde dirigiu-se para a estrada e pôs-se a caminhar. Uma larga estrada deserta, com sinais de tráfego nas curvas e pontos perigosos. Esses sinais também não permitiram a identificação do país, porque são os mesmos em toda parte. Só quando chegaram a um cruzamento puderam ler a tabuleta indicadora da direção. Havia de cada lado uma flecha com um nome embaixo. O Visconde viu imediatamente que o superpó os havia largado na Alemanha.

— Muito bem. Este nome de Furstenwalde mostra que estamos perto de Berlim. O melhor é irmos diretamente para lá.

— Ótimo — concordou Emília. — Com a cheirada de alguns grãos de superpó, estaremos em Berlim em meio segundo.

— Mas não vá perder os sentidos outra vez — disse o Visconde, dando-lhe apenas meio grãozinho de superpó e aspirando um inteiro.

O passeio do Visconde e da Emília pela cidade de Berlim dava assunto para todo um livro. Quanta coisa observaram! A capital da Alemanha pareceu-lhes perfeitamente morta. A enorme quantidade de montinhos de roupa em toda as ruas revelava a sua grande população. Na maioria eram montinhos de farda, com um capacete ou quepe em cima. Inúmeros automóveis despedaçados, quase todos militares. O apequenamento havia acontecido às 4 horas, que é a hora de Berlim correspondente às 10 da manhã lá no sítio. A população estava em plena atividade nas ruas, quando subitamente desapareceu. O que de fato havia acontecido à humanidade inteira fora isso — um desaparecimento. No mesmo instante, em todos os continentes, em todas as cidades, em todas as casas e ruas, em todos os navios e trens, os seres humanos derreteram-se como sorvete, dentro das roupas, mas de modo instantâneo, e as roupas ficaram no lugar, em "montinhos largados", quase sempre com um chapéu em cima. E em substituição de cada criatura apareceu dentro de cada montinho de roupa um inseto bípede de várias cores — uns cor-de-rosa, outros amarelos, outros cor de cobre, outros pretos como carvão.

Foi isso o que se deu: completa extinção da Humanidade, porque os insetos de dois pés que a substituíram já não eram propriamente a Humanidade — eram a Bichidade, como Emília os classificou. E, portanto, ela, a Emília, a Emilinha do sítio de Dona Benta, havia realizado um prodígio sem nome: suprimido a Humanidade! O que os gelos dos períodos glaciais não conseguiram e o que não conseguiram as erupções vulcânicas, e os terremotos, e as inundações, e as pestes, e as grandes guerras, a marquesinha de Rabicó havia conseguido da maneira mais simples — com uma virada de chave! Aquilo era positivamente o Himalaia dos assombros.

Todas as casas de Berlim estavam abertas e desertas. Ninguém, de ninguém, de ninguém. Só cachorros e gatos. Esses novos antropófagos andavam livremente por toda parte; os cães tinham aprendido a revolver os montinhos de roupa e os gatos pescavam

com a mão os insetos mal escondidos nas frestas. Muitos passarinhos dos campos também vieram caçar em Berlim. Emília recordou o tempo da saída de içás lá no sítio em outubro, coisa que tanto assanhava os passarinhos e as aves domésticas.

— Veja! — exclamou o Visconde filosoficamente. — Esta gente, que era a mais terrível e belicosa do mundo e estava empenhada numa guerra para a conquista do planeta, ainda é mentalmente a mesma — quero dizer, ainda sente e pensa da mesma maneira. E ainda sabe tudo quanto aprendeu. Os químicos sabem fazer prodígios com a combinação dos átomos. Os físicos e mecânicos sabem todos os segredos da matéria. Os militares sabem todos os segredos da arte de matar. Mas como perderam o tamanho, já não podem coisa nenhuma. Sabem, mas não podem. Que coisa terrível para eles!

— Estou vendo que a grande força dos homens estava no tamanho — disse Emília. — O tamanho era como o cabelo de Sansão. Quando Dalila cortou o cabelo de Sansão, o coitado perdeu toda a força.

— Exatamente — concordou o Visconde. — O tamanho era tudo, isto é, todo o aparelhamento mecânico da humanidade fora feito para os homens daquele tamanho. Assim que aquele tamanho mudou, adeus viola! Tudo ficou absolutamente inútil. Até as invenções dependem do tamanho. Agora compreendo por que as formigas não inventam nada. Não podem, por falta de tamanho. Que coisa tremenda o tamanho! Está aí uma ideia que nunca me passou pela cabeça.

E realmente era assim. Aquela grande cidade, com todas as suas máquinas e veículos e organizações, valia menos, para os novos insetos louros, do que um buraquinho na terra (dos sem dono dentro) ou uma fresta de rodapé.

O Visconde parou diante do palácio do governo e ficou a balançar a cabeça filosoficamente.

— Aqui morava o ditador que levou o mundo inteiro à maior das guerras, e destruía cidades e mais cidades com os seus aviões, e

afundava os navios com os seus submarinos, e matava milhares e milhares de homens com os seus canhões e as suas metralhadoras — o homem mais poderoso que jamais existiu. Tudo isso por quê? Porque tinha oito palmos e meio de altura. Assim que foi reduzido a quatro centímetros, todo o seu poder evaporou-se. Ele, se é que ainda não foi para o papo de algum pinto sura, permanece o mesmo, com a mesma energia mental, a mesma disposição destruidora e a mesma vontade de aço — mas não pode mais nada.

— Ah, se conseguíssemos encontrá-lo! — suspirou Emília.

— Quem sabe? É possível que ainda esteja dentro deste palácio.

O Visconde subiu as escadarias e entrou. Enormes salões desertos, com o chão coalhado de montinhos de farda. Aqui e ali, um gato ou cachorro vagabundo. O silêncio era impressionante. O Visconde lembrou-se de sacudir um dos montinhos de farda e viu cair pela manga um inseto louro, nu, mortíssimo. O pano amontoara-se de mau jeito em cima dele; o inseto, que não pudera sair, morrera abafado. Examinando os bolsos da blusa, o Visconde encontrou a carteira de identificação do falecido. Era um grande general, famoso pelas destruições feitas na Polônia. Emília ficou a olhar para aquela tripinha que o Visconde erguia no ar por um pé.

— Extraordinário! — disse ela. — Esta simples tripinha foi um dos terrores do mundo, só porque era dotado de tamanho. Estou vendo, Visconde, que o tamanho dos homens era realmente a pior coisa que havia — e fiz muito bem de acabar com ele. O melhor será irmos à Casa das Chaves e também suprimirmos o tamanho de todos os outros animais. Para que tamanho? Um micróbio vive perfeitamente — e é pequenininho a ponto de ser invisível.

Outros montes de farda foram sacudidos sem que nada caísse de dentro.

— Os insetos destas roupas puderam safar-se, disse Emília — mas onde andam?

Não tardaram a descobri-los. Embaixo dos móveis, nos cantinhos mais escuros, nas frestas, por toda parte onde houvesse minúsculos abrigos naturais, o Visconde descobriu medrosos ajuntamentos de insetos louros. Inúmeros já estavam no papo da gataria invasora e dos cães. Cão não come inseto, mas inseto feito de carne humana é petisco diferente e raro. Além disso, os gatos e cães da Alemanha andavam com rações muito curtas de modo que se aproveitavam daquela imprevista oportunidade.

O Visconde foi andando de sala em sala. Uma delas parecia a do Grande Ditador.

Era aqui — disse Emília — que ELE mandava e desmandava. Agora, com certeza, anda escondido nalgum buraquinho.

— Mas como poderemos reconhecê-lo?

— Pelo bigode. Nada mais fácil.

Com um pauzinho o Visconde começou a tirar os arianos escondidos nas frestas ou debaixo dos móveis.

De sob a secretária do Grande Ditador saíram vários, evidentemente generais e homens de governo. Um deles tinha bigodinho. A entrevista de Emília com o Grande Ditador dava um livro de mil páginas, mas temos de resumir. A pedido dela o Visconde ergueu-o até a altura da janelinha para que pudesse ouvir o seu discurso.

— Meu senhor — disse ela — tenho a honra de apresentar a Vossa Excelência o Visconde de Sabugosa, o milho falante lá do sítio de Dona Benta. E também me apresento a mim mesma — *frau* Emília, Marquesa *von* Rabicó. Viemos dar uma vista d'olhos pelas Europas e o acaso nos largou nesta Alemanha de Vossa Excelência. Mas estou admirada do que vejo. Esperei encontrar o grande arsenal das ditaduras dando tiros de canhão e espirrando fogo, e o que no próprio palácio do Grande Ditador eu vejo são montinhos de farda

vazia e arianos insetiformes, tímidos, nus, escondidos pelos cantos e vãos e frestas. Que foi que aconteceu, Excelência?

Para uma criaturinha de quatro centímetros, um "milho" como o Visconde, de dois palmos de altura, equivalia a um formidável gigante. Nada mais natural, pois, que o Grande Ditador se encolhesse todo, sem ânimo de soltar uma só palavra. Mas Emília o sossegou.

— Não se assuste, Excelência. O Visconde é o maior gigante do mundo, mas também é milho — um vegetal extremamente pacato. Além disso é um grande sábio — hoje o *maior* sábio do mundo. E não é judeu, não, Excelência. Não tenha medo. O Visconde é arianíssimo.

Quando esteve no milharal que foi o seu berço, o vento dava na sua linda cabeleira louro-platina. Hoje está velho e careca e anda sempre com o meu sítio na cabeça. Não entende? Meu sítio é esta cartola. Pois bem, Excelência. Cheguei até cá para dizer uma coisa só — que o Tamanho morreu. E quem acabou com o Tamanho eu sei quem foi, e sei também que essa pessoa é a única que pode novamente restituir aos homens o antigo e querido tamanho — aquele tamanho malvado, porque se não fosse ele os homens não teriam sido maus como foram, fazedores de guerras, incendiadores de cidades, afundadores de navios, judiadores de judeus. Mas esse misterioso alguém só restaurará o tamanho perdido se tiver a certeza de que Vossa Excelência vai fazer a paz, e botar fora todas as horrendas armas que andou amontoando, e desse momento em diante viverá na mesma paz e harmonia com o mundo em que vivem as formigas e abelhas. Se o Tamanho voltar e tudo ficar como estava, quero vida nova, sem guerras, sem ódios, sem matanças, sem armas, está entendendo? E se por acaso algum dos futuros poderosos romper o trato, o castigo será terrível. Sabe qual será o castigo? O tal "alguém" desce a chave duma vez, e o Tamanho fica reduzido a zero. Em vez de 4 centímetros, como Vossa Excelência tem hoje, passara a ter 4 milímetros, ou menos, e será devorado até pelas moscas e pulgas. Está entendendo?

Claro que ele estava entendendo. Quem não entenderia uma linguagem tão pão pão queijo queijo como aquela?

O Grande Ditador animou-se e quis falar. Emília o deteve com um gesto.

— Não diga nada, meu senhor. Já houve falação demais. Quem fala agora sou eu. Quero todos muito direitinhos e humildes. Esta semana de "redução" não passa duma advertência que o tal "alguém" faz ao mundo. Compreende?

Assim terminou Emília o seu sermão ao chefe do Eixo. Depois ordenou ao Visconde:

— Enfie-o no buraquinho onde estava e vamos ver o outro.

O Visconde enfiou o Grande Ditador na fresta do rodapé, de onde o seu Estado-Maior espiava com os olhos arregalados.

Um dos mais interessantes aspectos do mundo novo era o da enorme quantidade de aviões despedaçados. Todos os aparelhos que haviam erguido voo no dia do apequenamento ficaram sem governo e foram caindo aqui e ali. O mesmo sucedeu aos trens e navios. Os trens em movimento descarrilaram todos, depois que seus maquinistas viraram insetos. O mesmo desastre nos oceanos. Os navios transformaram-se em "navios fantasmas", isto é, que andam soltos pelo mar ao sabor dos ventos sem tripulação que os dirija. A cada passinho as ondas arremessavam um deles à praia.

Foi o que o Visconde observou em sua viagem à Alemanha — e na Alemanha tomou nova pitada de pó e foi parar no Japão.

O aspecto das cidades japonesas era o mesmo das europeias. Montinhos de roupa por toda parte, fardas, e também quimonos. Automóveis escangalhados, trens arrebentados, aviões despedaçados.

Foi fácil em Tóquio darem com o palácio do Imperador, e por mero acaso descobriram o soberano amarelo. O Visconde vira numa das salas um gato brincando de dar tapinhas numa tampa de caneta-tinteiro caída no chão. Era o Gato Imperial — o gato de estimação de Sua Majestade. Evidentemente havia dentro da tampa qualquer coisa que o interessava. Não conseguindo fazer que essa qualquer coisa saísse lá de dentro, o gato ficou de banda, imóvel, como fazem os gatos do mundo inteiro quando encontram um buraquinho de camundongo.

O Visconde espantou o Gato Imperial e tomando a tampa de caneta virou-a de boca para baixo, sacudindo-a. Caiu de dentro uma tripinha cor de cuia. Era o Imperador do Japão, o Filho do Sol...

A viagem à Rússia foi a mais trágica de todas. O Visconde parou na zona da guerra e assombrou-se. O frio era horrível, muitos graus abaixo de zero, e aqueles milhões de homens que os Ditadores tinham remetido para os gelos estavam todos mortos. Ao lado dos tanques e canhões viam-se montinhos de fardas em quantidade incrível, em muitos pontos já totalmente recobertos pela neve. Nenhum inseto beligerante pôde salvar-se depois do apequenamento. Nem procuraram sair de dentro das roupas desabadas, porque então morreriam ainda mais depressa no entanguimento do frio exterior. Ficaram dentro das roupas e capotes, aproveitando o último calorzinho. Em minutos, porém, os exércitos alemães e soviéticos viraram picolés.

Parece incrível, mas não se salvou ninguém, nem mesmo os que estavam dentro das casas ainda de pé, porque logo que os fogos acesos se apagaram o congelamento foi geral.

O palácio do governo era o célebre Kremlin, onde haviam residido tantos czares da Rússia antiga.

O número de insetos existentes naquele ponto devia ser grande, não só por causa da imensidão do palácio como pelos bons abrigos que os inúmeros montes de peles proporcionavam aos insetos russos. Os

russos sempre se defenderam do frio por meio de roupas e capotes de peles — e dos pelos que deixavam crescer na cara — as formidáveis barbas e os bigodes.

Cada monte de pele em que o Visconde mexia, levantando uma aba ou manga de capote, punha à mostra vários insetos apavorados, que corriam a esconder-se.
Emília lembrou-se dos "tatuzinhos" ou bichos-de-conta que vivem debaixo dos vãos de pedra ou tijolo: assim que a gente ergue o tijolo, eles correm a esconder-se no escurinho mais próximo.

O que Emília viu na Rússia não deixou de assustá-la. Percebeu que o apequenamento havia causado ali mais mortes que em qualquer outro país, em virtude da intensidade do frio daquele inverno. E como começasse a ficar entanguida, deu ordem ao Visconde de ir para um bom clima, dos quentinhos.

— África? — perguntou o milho.

— Não. Califórnia — respondeu Emília com o pensamento em Hollywood.

O Visconde tomou o canudinho de pirlimpimpim, calculou cuidadosamente a pitada e levou-a ao nariz — *fiunn!...*

CAPÍTULO 20: **A CIDADE DO BALDE**

Acordaram num jardim. O Visconde correu os olhos em torno. Jardim velho e maltratado, com matinhos crescendo nas ruas e grama tal qual cabelo de homem da roça quando passa três meses sem ir ao barbeiro.

— Estou vendo um enorme balde de cabeça para baixo — disse Emília já na sua janelinha.

Sim, era um balde velho na beira da calçada. Percebendo em redor dele agitação de insetos humanos, o Visconde aproximou-se pé ante pé. Ficou espiando de trás duma moita de esporinhas.

Que espetáculo maravilhoso! Um verdadeiro núcleo de civilização nova que se ia formando — um começo de tribo. Aqueles insetos acomodaram-se debaixo do balde e estavam construindo coisas.

Na asa do balde, caída sobre o cimento da calçada, viram um varal com umas tripinhas penduradas. Roupas? Não. Minhocas secando ao sol.

— Será possível que comam minhocas? — exclamou Emília.

— E por que não? — disse o Visconde.

— É uma carne como outra qualquer, e fácil de obter, porque a abundância das minhocas no seio da terra é uma coisa incrível. Para a carne, antigamente, os homens tinham de promover a criação de bois, carneiros, porcos e aves, indústria que exigia grandes pastagens, além da plantação de muitas roças de milho, aveia, mandioca, alfafa etc. E havia a trabalheira de prender aqueles animais, engordá-los, levá-los aos matadouros, matá-los, tirar-lhes o couro, esquartejá-los, salgar a carne, cozê-la, enlatá-la — mil coisas. Agora não. A carne já sai por si mesma do seio da terra, sem couro e sem osso e na maior abundância. Como há minhocas no mundo! Lá no sítio, quando íamos pescar, cada enxadada de Pedrinho punha à mostra meia dúzia. E são ótimas para charque. Num instante o sol seca uma minhoca.

— Mas é porcaria comer minhoca! — disse Emília com carinha de nojo.

— Por quê? Se a carne é sadia, não vejo nenhuma objeção razoável. Rigorosamente falando, porcaria era comer porco —e você mesma vivia elogiando o lombo de porco de tia Nastácia, com farofa e rodelas de limão.

— E era mesmo um suco.

— Logo, tudo é questão de hábito. Os chineses sempre comeram coisas que os ocidentais consideravam porcarias — e não me consta que essas comidas tenham prejudicado a China.

O movimento em redor do balde era grande. Uns entravam, outros saíam, carregando coisas. Passou um homenzinho com uma casca de caramujo vazia às costas — ia levando-a para dentro do balde, com certeza para quebrá-la e fazer pratinhos. Logo em seguida apareceram mais dois, com uma vara ao ombro e pendurada nela vinha uma minhoca se mexendo. Subiram por um talude e se foram na direção dos varais da charqueada. O talude era um belo trabalho de engenharia. Eles foram acumulando terra junto ao fio da calçada e assim construíram um plano inclinado que ia se alargando à medida que descia. Em cima da calçada havia uma escadinha, dando para um pequeno rombo do velho balde. Era a porta de entrada.

— Olhe, Visconde! — gritou Emília apontando. — Eles tiveram a mesma ideia que eu.

O Visconde olhou e viu dois homenzinhos tocando um besouro — um puxava-o pelo cabresto, outro empurrava-o.

— Aquilo talvez seja o primeiro passo para a domesticação dos insetos — observou o Visconde. — Eles vão fazer a experiência com um coleóptero. O sistema das asas dobráveis e guardáveis dentro dos élitros já lhes atraiu a atenção. Acho naturalíssimo que comecem pelos besouros.

À beira da calçada um homenzinho de tanga, com ar de chefe, dirigia os serviços. Seu guarda-sol era uma folhinha de trevo.

— Lá no sítio Dona Benta vivia arrenegando esse trevo de jardim que nós chamamos "azedinhas". Dizia que era uma praga. Hoje são

preciosos pés de guarda-sóis. Vamos conversar com aquele homem. Está me dando ideia de Robinson em sua ilha.

O Visconde saiu de trás da moita e aproximou-se do balde. Foi um pânico. Todos largaram do serviço e correram a esconder-se. O besouro no cabresto abriu as asas e fugiu. A minhoca, livre do varal, lá se foi pelo chão, muito depressa, que nem uma cobrinha. O chefe jogou fora o guarda-sol e também correu.

O Visconde agarrou-o antes que chegasse ao talude e botou-o na aba da cartola, diante da janelinha da Emília.

— Não tenha medo, disse esta. — Somos de paz.

O apavorado Robinson ficou algum tempo sem fala, tamanho havia sido o seu susto. As palavras de Emília, porém, o foram sossegando, e ele por fim perguntou a meia voz quem era aquele gigante.

Emília riu-se e respondeu:

— A melhor e maior criatura do mundo, meu caro senhor inseto. Dele não vem mal a ninguém. É milho. E eu? Ah, ah, ah! Eu sou a "mãe da criança".

O homenzinho ficou na mesma. Emília queria dizer que era ela a autora da prodigiosa transformação da humanidade.

Depois de alguma prosa, Emília pediu ao Visconde que depusesse a cartola na calçada, pois queria conhecer de perto a vidinha dos habitantes do balde.

O Visconde assim fez. Depôs a cartola na calçada. Emília saiu pela porta e, dando a mão ao chefe, encaminhou-se para o talude.

— E o senhor quem é? — perguntou pelo caminho.

— Eu era o Doutor Barnes, professor de antropologia na Universidade de Princeton; hoje sou o dirigente deste grupo humano.

Elegeram-me chefe, porque acham que tenho muito boa cabeça.

— E tem?

O Doutor Barnes riu-se.

— Sei que tenho minha cabeça no lugar, e vou conduzindo como posso este curioso trabalho de adaptação dum grupo de pessoas altamente civilizadas. Perdemos o tamanho e...

— *Perderam o tamanho?* Ótimo! — exclamou Emília com entusiasmo.

— Estou encantada de ouvir um sábio como o senhor falar assim, porque os ignorantes pensam de modo contrário. Acham que se conservam tamanhudos como sempre e que as coisas em redor é que aumentaram.

— Absurdo! — exclamou o sábio de Princeton, depois de rir-se do "tamanhudo". — Um aumento de todas as coisas é uma ideia que a ciência não pode aceitar, mas a ciência pode perfeitamente aceitar a ideia da redução do tamanho *duma espécie* de animais.

— Eu sei que é assim — declarou Emília — mas quando quis provar isso àquela tia Febrônia do Major Apolinário, confesso que engasguei.

— É que você não é bem científica, minha menina. Qualquer sábio sabe que as espécies animais têm variado de tamanho no curso da evolução. Os cavalos já foram do tamanho de cães e cresceram. Os tatus já foram enormes e hoje estão pequenininhos.

— Eu vi no museu uma casca de tatu fóssil dentro da qual todos lá do sítio podíamos nos esconder da chuva.

— Perfeitamente. Ora, isso quer dizer que a redução do tamanho duma espécie não é fenômeno desconhecido — é até bem vulgar. A novidade, porém, é que, nos casos de redução de tamanho que a ciência verificou, o fenômeno foi acontecendo aos poucos, no decorrer de milhares de anos; e neste caso da humanidade o fenômeno ocorreu de um momento para outro. Todas as teorias da evolução que eu conheço não previram esta hipótese da redução instantânea.

— Nem eu, quanto mais as teorias! Quando abaixei a chave, pensei em tudo, menos nisso.

O Doutor não entendeu aquela história de chave.

Chegados ao rombo do balde, entraram.

Tudo muito bem arranjadinho lá dentro. O Doutor Barnes era de fato um chefe digno do cargo. Tinha dirigido a construção do talude e também dirigira a obra do calafetamento da fresta entre a beirada do balde e a calçada. Emília observou o trabalho.

— Que massa é esta?

— Massa de papel — respondeu o Doutor Barnes. — Encontramos no jardim um jornal velho. É um dos melhores materiais de construção de que dispomos. Note que tudo aqui é de papel ou massa de papel.

Emília viu quê o cimento do chão estava atapetado de papel de jornal, e que havia bancos feitos de quadradinhos de papel superpostos e colados. A grande mesa de centro era feita do mesmo modo, e também as camas e muitas coisas mais.

— E como junta as folhas de papel?

— Nada mais simples. Depois de cortadas do mesmo tamanho (cortamo-las com um caquinho de vidro), pomos umas em cima das outras coladas com o nosso cola-tudo, que é a resina de uma árvore aí do jardim.

— E a massa com que calafetou as fendas?

— Massa de papel. Deixamos pedaços de papel dentro d'água até que fiquem quase desfeitos. Depois amassamos aquilo com a resina, como se amassa o trigo para o pão. Obtemos uma substância ótima para mil coisas — uma excelente matéria plástica. É mais ou menos o que usam as vespas na construção de seus ninhos.

A luz descia por um rombo do balde.

— Aquilo ali — disse o Doutor Barnes apontando — está sendo uma das minhas maiores preocupações. Foi excelente que houvesse tal rombo, pois do contrário não teríamos luz aqui dentro. Mas quando chover?

— Ainda não choveu por aqui desde o dia do apequenamento? Lá na estrada do sítio já houve um dilúvio.

— Ainda não — mas dum momento para outro chove e como vamos nos arranjar? Se pudéssemos colocar naquele rombo um vidro, seria a maravilha das maravilhas. Vidro, vidro! Quem somos nós hoje para lidar com vidros?

— Além de que há a altura — lembrou Emília.

— A altura não é o pior. Não viu do lado de fora uma comprida escada de pau? Mandei fazê-la justamente para que eu em pessoa pudesse examinar a situação do rombo.

Emília teve uma ideia.

— Plante uma orelha-de-pau em cima do rombo, como fiz sobre minha janela na cartola do Visconde.

O Doutor Barnes riu-se.

— Impossível, menininha. O balde é de metal. Os cogumelos não nascem nos metais.

— Não precisa que nasçam. Basta que pregue um com o seu cola-tudo. Vou mandar o Visconde resolver esse problema. Sossegue.

O Doutor Barnes apresentou Emília aos habitantes de Pail City, ou a Cidade do Balde. Havia lá umas vinte pessoas, entre homens, mulheres e crianças, todos de tanguinhas — umas de papel, outras de musgo.

— Estou fazendo uma série de experiências para verificar a melhor substância para tangas — disse o Doutor. — Todas as que estão em uso são provisórias e experimentais. Um dos meus companheiros, que é químico, anda pensando numa tanga sintética.

— Isso é bobagem — disse Emília. — O algodão resolveu tudo — e contou as suas aventuras no tempo do chumaço. E ainda conservo as botinhas de algodão endurecido com clara de ovo de beija-flor, concluiu espichando um pé.

O Doutor Barnes abaixou-se para ver e chamou o químico.

— Excelente! — disse este. — Mas a maçada é que não temos por aqui clara de ovo de beija-flor, nem algodão.

— Eu tenho — berrou Emília. — No meu quarto de badulaques na cartola do Visconde tenho algodão e um ovo pelo meio. Como só faço caso da gema, o senhor pode ir lá e retirar toda a clara — mas só metade do algodão.

O químico foi — e Pail City enriqueceu-se de mais dois materiais de grande número de empregos.

— E a alimentação? — perguntou Emília.

— É o que menos me preocupa — respondeu o Doutor Barnes. — No começo pensei no mel das flores; depois desisti da ideia. Há a dificuldade de chegar até às flores, sempre tão altas, e o perigo de nos expormos ao ataque das aves e vespas. E há ainda as estações sem flores. Depois de muito refletir, fixei-me nas minhocas como o alimento básico da humanidade reduzida. A caça é fácil, porque em certas épocas as minhocas saem espontaneamente da terra; e como secam muito bem ao sol, já organizei um serviço de caça e charqueamento de minhocas, para uso nos tempos de escassez. Tenho ali — e apontou para um depósito — uma reserva de vinte minhocas charqueadas, o suficiente para nossa alimentação durante um mês. Mesmo assim não paramos de caçá-las. Ainda hoje apanhamos uma, que fugiu.

— Eu vi. Mas que gosto tem carne-seca de minhoca?

— Isso de gosto é questão de hábito. No começo houve por aqui muito focinho torcido. Agora já comemos minhoca seca sem a menor repugnância — e eu até acho uma delícia. Tem um gostinho muito especial.

— De quê?

— De minhoca. Quimicamente é uma carne como outra qualquer. E como as minhocas possuem dez corações e cem rins, também organizei um serviço de tirada de corações e rins de minhoca. Já é um alimento mais especializado, bom sobretudo para as crianças.
— E comem-nas cruas?

— Sim. Felizmente estamos livres daquela peste chamada fogo, que foi a verdadeira perdição da humanidade.

— Por que, Doutor?

Nesse momento foram interrompidos por um mensageiro.

— Dona Emília, o Visconde está chamando a senhora — disse ele.

CAPÍTULO 21: **A ORDEM NOVA**

Saíram do balde. O Visconde queria conversar com o Doutor sobre certos pontos que o preocupavam. Para isso deitou-se na calçada, com o rosto na mão e o cotovelo no cimento.

— Estou gostando da sua "atividade adaptativa", Doutor. Fazer tanta coisa em tão pouco tempo até me parece milagre. Acha que o homem pode subsistir, assim reduzido de tamanho?

— Perfeitamente. Não só subsistir, como até criar uma nova civilização muito mais agradável que a velha — sem os horrores da desigualdade social da fome, das *blitzkriegs* e das inúteis complicações criadas pelos inventos mecânicos.

— É como eu penso — berrou Emília.

— As minhas conclusões — continuou o sábio — resumo-as em poucas palavras. Aquele tipo de civilização que havíamos realizado era uma simples consequência do fogo. Enquanto o homem não descobriu o fogo, viveu muito bem dentro da lei biológica, a civilizar-se lentamente. Veio o fogo e tudo mudou — começou o galope sem fim. Que eram aqueles monstruosos arranha-céus deste país, que era a blitzkrieg dos alemães, que era a nossa pressa de transporte e comunicação por meio de trens, aviões, navios, telégrafos, telefone e rádio, senão uma consequência do fogo? Apague-se o fogo e tudo desaparece.

— Isso não — protestou Emília. — O rádio não dependia do fogo.

— Erro seu, minha filha. O rádio dependia da eletricidade, e para produzir eletricidade tínhamos de usar turbinas e dínamos, coisas feitas de ferro — e quem é o pai do ferro? O fogo.

Emília embatucou.

— Tudo naquela civilização era um produto do ferro, continuou o sábio, e o ferro era filho do fogo. Felizmente estamos livres do fogo, como eu ia dizendo quando o mensageiro nos interrompeu. Estamos livres do fogo e do seu filho o ferro e das mil reinações que os dois faziam no mundo, como as grandes guerras em que tudo era ferro e fogo. Estamos livres até da tremenda multiplicação dos homens sobre o planeta.

— Como?

— Foi o fogo que permitiu aos homens viverem em todos os climas e não apenas nos que lhes convinham naturalmente. Sem o fogo o homem só viveria nas zonas temperadas, as boas, e nunca nas zonas frias. E portanto haveria menos gente na terra — outra enorme vantagem tanto para o próprio homem como para os animais. E há ainda outro aspecto muito importante do fogo: os seus efeitos na alimentação humana. Graças ao fogo o homem pôde tornar comestíveis muitas coisas que não eram, e isso ainda aumentou a população humana no planeta, porque aumentou enormemente as possibilidades de alimentação. De modo que do fogo veio o calamitoso aumento da população humana, não só permitindo a invasão das regiões frias, como também transformando em comestíveis coisas que não eram naturalmente comestíveis. Quanto mais espaço vital e mais comida, mais gente. E veio o tal ferro que ia levando a humanidade ao mais desastroso fim. Que foi a última guerra senão o desabamento em cima do homem de toda a civilização baseada no ferro, sob forma de tanques, canhões, fuzis, metralhadoras, bombas aéreas etc.? Sempre o ferro e o seu maldito pai fogo!

Ora um, ora outro, quase sempre os dois juntos, não faziam outra coisa senão torturar os homens. Numa bomba aérea que os aviões derrubavam sobre Londres, o fogo vinha dormindo dentro do ferro. Quando o ferro da bomba chegava ao chão, o pai dele lá dentro acordava e, Bum! explodia e arrebentava tudo — e eram mortes e mais mortes, criancinhas despedaçadas, um horror! Nos incêndios o fogo trabalhava sozinho, dançava a sua horrível dança de chamas sobre casas e mais casas, sobre ruas inteiras, às vezes sobre cidades inteiras.

— E nas baionetas, espadas, punhais, facas, chuços, lanças, esporas, espetos, era o ferro sozinho que judiava dos homens, dos cavalos e dos frangos, acrescentou Emília.

— Pois é — continuou o sábio. — Estou convenciono de que a desgraça da velha civilização veio das consequências sociais do fogo. Sempre pensei assim, porque sempre vivi na terra mais atormentada pelas reinações do fogo e do ferro: essa infinidade de máquinas que aqui na América nos fazia tropicar num galope sem fim — para que, meu Deus, para chegar ao quê? Imaginem, pois, o meu gosto quando sobreveio este súbito fenômeno da redução do tamanho — o maravilhoso-remédio para o caminho errado em que o *Homo sapiens* se havia metido desde a descoberta do fogo.

Emília rebolou-se de contentamento, radiante de ter sido ela a descobridora do "maravilhoso remédio".

— Sim — concordou o Visconde. — Todas as outras espécies animais vivem muito bem neste mundo sem recorrer ao fogo. O *Homo sapiens* foi o único a entrar por esse caminho.

— Um caminho errado — insistiu o Doutor. Livres do fogo, nós vamos agora construir uma civilização muito mais natural e vantajosa para nós mesmos — sem guerras, sem máquinas, sem aquele desvario das invenções que nos iam levando para o beleléu.

— Iam levando não senhor — disse Emília. — Que levou! Aquela civilização está por aí em cacos — cacos de automóveis, cacos de aviões, cacos de trens, cacos de navio e cacos de ideias — como a velha ideia de leão ou a ideia de pinto. E as máquinas de todas as fábricas logo estarão enferrujadas. E as cidades virarão ruínas cobertas de mato. Mas nós poderemos continuar a viver perfeitamente, comendo minhocas em vez de bois, mel de flores em vez de cocadas, e a voar a cavalo em besouros em vez de correr em automóveis.

— Isso mesmo — concordou o Doutor. — Será regressarmos ao período da evolução humana anterior à descoberta do fogo, mas com toda a nossa bela ciência na cabeça — e podemos ser muito mais felizes que os nossos avós daquele tempo. Olhe, disse ele apontando para os homenzinhos que construíam um cercado para besouro rente à calçada. Um segura o espinho-moirão, outro bate com um malho. Que é aquele malho? Um velho instrumento do homem do período da pedra lascada — um pedregulho aqui do jardim que eles amarraram num cabo.

— Mas a ciência vai levar a breca, porque a ciência está nos livros e os livros já não podem ser usados — observou Emília. — Pedrinho fez a experiência lá na cômoda. Leu dois ou três períodos dum livro e cansou.

— Para tudo haverá jeitos. Antes de existirem os livros já existia cultura. Temos as nossas cabeças, e dentro delas a memória. Iremos transmitindo a ciência de uma cabeça para outra. E muita coisa poderemos escrever em palhinhas ou pétalas secas.

— Papirinhos!

— Sim — e mandou buscar lá dentro o seu livro de notas. — Aqui tem, disse ele mostrando um caderno de dez folhas de pétalas de rosa. Cortei as pétalas em retângulos e deixei-as ao sol prensadas entre dois pedacinhos de vidro aí do chão. Secaram sem enrugar.

— E para escrever?

— Usei um finíssimo espinho de figo da Berbéria. A tinta foi o caldo duma frutinha preta muito abundante por aqui.

Emília admirou aquele livro de pétalas de rosa, que talvez fosse o livro número um da nova humanidade.

— E que acha da domesticação dos besouros? — quis saber.

— Acho uma ideia excelente e já mandei apanhar um para começo de estudo. A variedade de insetos é enorme. Estou convencido de que encontraremos inúmeros aproveitáveis e preciosíssimos, não só para o voo, como para o transporte de cargas.

— Para o transporte de cargas nem há necessidade de estudo — disse Emília. — As formigas nasceram carregadoras. E que força elas têm! Lá no sítio vi saúvas carregando grãos de milho inteiros, uma coisa muito mais pesada que elas. E Pedrinho atrelava besouros em caixas de fósforos com muita coisa dentro — e eles puxavam. A força dos besouros é incrível. E para as grandes velocidades teremos as libelinhas.

— Não vamos ter precisão de velocidade nem de pressa — volveu o Doutor Barnes. — Graças a Deus já estamos livres desses dois horrores. Para que pressa? Para que velocidade? Toda aquela imensa velocidade alcançada pelos homens tamanhudos, como você diz, só serviu para precipitá-los no abismo da matança em massa. As nossas possibilidades de domesticação dos insetos parecem-me infinitas.

Emília desembestou:

— Isso mesmo! Domesticaremos os serra-paus, para serrar paus. E as brocas das laranjeiras para servirem de verrumas. E os mede-palmos para as medições. E os pernilongos para a a música do *fiun*. E os gafanhotos para substituírem as pontes — pularemos riozinhos montados neles! E os caranguejos para abrirem túneis. E as taturanas

para tecerem fios de casulo. E as mamangavas para buldogues das nossas casinhas. Com uma boa mamangava amarrada no quintal, quero ver quem entra! E os pulgões para termos leite de vaca.

— Sim — concordou o sábio. — As formigas estão nos indicando esse caminho. Elas tratam os pulgões exatamente como os homens tratavam as vacas. Os pulgões chupam a seiva adocicada de certas plantas e parece que se enchem demais. Ficam estufadinhos — e até gostam quando uma formiga chega e lhes tira aquele mel, como os leiteiros tiravam o leite de vacas. No inverno elas recolhem os pulgões aos formigueiros, como os homens recolhiam as vacas aos estábulos. Lá ficam eles bem defendidos do frio. Se faz um belo dia de sol, as formigas os levam para fora, para junto das tais plantinhas de seiva doce — e eles se enchem daquele leite com que as formigas se regalam.

— Podemos utilizar esses pulgões como mamadeiras para as nossas crianças — lembrou Emília.

O Doutor Barnes concordou. Aquele sábio era uma verdadeira Emília masculina. Sua imaginação também disparava de freio nos dentes. Depois se referiu aos cupins.

— Com as térmites, que são as formigas brancas — disse ele — temos muita coisa a aprender. Esses insetos constroem maravilhosas cidades de barro — os cupins — onde vivem aos milheiros. Amassam o barro dum tal modo que essas cidades resistem a todas as chuvas durante anos e anos. Dentro constroem galerias com uma substância preta, que é a celulose das plantas mascada e misturada com qualquer líquido colante que não sei. O que sei é que aquilo equivale a um maravilhoso material de construção, resistente, elástico, mau condutor do calor, higiênico. Também revelam uma alta ciência na construção das galerias e ninhos e salas e tudo mais. O asseio e a higiene dos cupins era uma das maravilhas que mais assombravam os entomologistas.

— Eu sei o que é entomologista! — berrou Emília. — É o sábio que estuda inseto.

O Doutor Barnes riu-se.

— E também podemos cultivar aqueles fungos de que as formigas se alimentam. Meu Deus! Que é que não poderemos fazer com a nossa inteligência, mergulhados na infinita abundância de materiais que daqui por diante vamos ter à nossa disposição?

— Isso mesmo — concluiu o Visconde. — O Tamanho era o mal. Produzia escassez. É no destamanho que está a abundância.

Aquela história de andar com a Emília em cima da cabeça estava "emiliando" o Visconde. — *Destamanho!* É boa.

CAPÍTULO 22: **NA CASA BRANCA**

A vida em Pail City era um encanto. Ninguém tinha pressa de nada. Iam construindo coisas por prazer e não por necessidade, como no tempo tamanhudo, em que os homens que não morriam no trabalho morriam de fome e miséria. Aquele jardim imenso dava-lhes de graça tudo quanto era necessário à vida — ar, água, alimento e materiais de construção.

Além do cercado para os besouros haviam construído um parque de recreio onde gozavam a vida nas horas de temperatura agradável. Emília encantou-se com o parque de Pail City, um verdadeiro mimo de plantinhas graciosas. Havia vários cogumelos com assentos embaixo, nos quais as damas de tanga foram sentar-se para emendar e torcer as fibras de algodão que ela lhes dera. Entre um chapéu-de-sapo e outro, Emília viu uma rede com uma estrela de cinema dentro, a balançar-se com uma estrelinha ao colo. Pail City ficava perto de Los Angeles.

Junto ao jardim havia um pomar de laranjeiras. Eles tinham conseguido rolar para ali uma laranja encontrada no chão. Abriram-na. Desfizeram um gomo e levaram para o bar do parque as "garrafinhas" de caldo. Lá estavam elas sobre um balcão de pedregulho. Quem tinha sede, tomava um daqueles pequenos odres transparentes, cortava o bico e bebia à moda dos espanhóis, despejando-o na garganta.

Emília levou várias garrafinhas de laranja para o seu quarto de badulaques na cartola do Visconde.

O Doutor. Barnes aproveitou o bom gigante para várias coisas da maior emergência, como a colocação do vidro no rombo do balde. Houve embaraço na escolha da cola. Com que cola colar o vidro?

Quem resolveu o problema foi a Emília.

— Dê um passeio pelas ruas da cidade e procure "mascadinhos" de chiclete debaixo dos montes de roupa. Juro que encontrará muitos. Melhor cola não há.

O Visconde assim fez. Saiu do jardim e percorreu a rua próxima, levantando os montes de roupa sem gente dentro — e voltou com um punhado de "mascadinhos" de chiclete.

Os habitantes de Pail City juntaram-se na calçada para assistir ao glorioso acontecimento da colocação do vidro pelo providencial gigante — e o Doutor Barnes inscreveu em seu caderno de pétalas o nome do Visconde de Sabugosa como o grande benfeitor da cidade.

Nada mais tendo a fazer ali, despediram-se. O Doutor Barnes declarou que aquela visita iria permanecer gravada em tados os corações. Emília sentiu um nó na garganta. Por sua vontade ficaria morando ali para sempre. Uma das consequências do conhecimento de Pail City foi a resolução que ela tomou de "sabotar o Tamanho" no dia do plebiscito, porque entre outras desgraças o Tamanho viria estragar aquele lindo começo de cidade.

Por fim, depois de muitos abraços e beijos, e troca de presentinhos, o Visconde cheirou um grão de superpó e — *fiunnn!...* Washington.

Foram parar exatamente na rua do palácio onde sempre residiram os presidentes americanos. Tudo deserto, como em toda parte. Montinhos e mais montinhos de roupas, com chapéus em cima, guarda-chuvas, óculos e dentaduras.

Ao entrar no jardim da Casa Branca, o Visconde lembrou-se do Presidente Lincoln, do qual ele havia herdado a cartola. Dona Benta era a maior admiradora desse homem. Dizia sempre: "Depois de Jesus Cristo, o ente que eu mais venero é Abraão Lincoln."

Com os olhos nas janelas do palácio o Visconde murmurou, como que falando para si mesmo;

— Ali estiveram assentados os dois enormes pés do velho Abe...

— Que história é essa? — gritou Emília da janelinha.

— É um caso histórico que vem nos livros. Um sacerdote tinha vindo em procura do Presidente. Ao entrar neste jardim, viu numa dessas janelas dois pares de pés com as solas para fora. "Que é aquilo?" perguntou ao jardineiro que podava as plantas. "É uma reunião do Ministério", respondeu o homem. "Os dois pés grandes são os do velho Abe." Abe era o apelido popular do nome Abraão.

Emília comoveu-se com a história.

Entraram. Todas as portas abertas. Aqui e ali, os eternos montes de roupas que eles estavam cansados de ver por toda parte. Foram andando pelos corredores e salas. Numa, que devia ser a das reuniões do governo, o Visconde parou e espiou, escondido atrás do reposteiro. Sobre o tapete, por entre as roupas em monte, um pequeno grupo de insetos descascados discutia a situação. Era o governo americano. Um dos ministros tinha a palavra.

— O governo já não existe — dizia ele — pela simples razão de que já não existe o que governar. O extraordinário fenômeno que destruiu o tamanho dos homens desta grande nação veio alterar completamente as antigas condições de vida — e impossibilitar a existência do governo. O governo americano, que era o mais poderoso do mundo, está hoje nu, com frio, sem sequer uma tanga para os rins, sem sombra de povo, sem força, sem a menor ideia na cabeça. Quais são hoje os problemas do governo americano? pergunto eu, e olhou para o Presidente.

— Ele é bom orador, cochichou Emília. Aquilo é discurso.

— Sim — continuou o ministro. — Eu pergunto ao Senhor Presidente quais são os problemas do governo americano? Qual é o problema número um, que devemos abordar antes de todos os outros?

O Presidente respondeu que já haviam decidido aquele ponto. O problema número um do governo americano, o problema que tinha vindo substituir o da luta contra o Japão e a Alemanha, era fechar a janela da sala e manter o fogo da lareira.

— Por enquanto o palácio ainda está aquecido — disse ele — mas logo que as fornalhas do aquecimento lá nos porões se apagarem e as brasas da lareira se extinguirem, estaremos inexoravelmente condenados ao congelamento. Os problemas são esses. Outro ministro pediu a palavra.

— Meus senhores, acho que não podemos prever coisa nenhuma. A situação é das mais absurdas e ilógicas. Sinto-me completamente incapaz de raciocínio. As observações do Senhor Presidente sobre as brasas, entretanto, parecem-me das mais sensatas. Estamos no inverno. Se as brasas da lareira se apagarem, o governo americano estará perdido. Há também o caso da janela. Como poderemos resistir ao frio, se as brasas se extinguirem e a maldita janela continuar escancarada?

Foi neste momento que o Visconde saiu detrás do reposteiro e adiantou-se para o tapete.

A inesperada aparição daquele formidável gigante deixou os ministros sem fala. Todos os olhos se arregalaram e todas as bocas se abriram.

Emília pediu ao Visconde que a arriasse. O Visconde depôs a cartola-sítio no tapete, perto do governo americano. Emília saiu pela portinha, adiantou-se, apertou a mão do Presidente e disse:

— Não se assuste, pois somos de paz e velhos conhecidos. Tanto eu como Senhor Visconde de Sabugosa já estivemos aqui neste palácio há uns cinco anos, em companhia de Dona Benta e seus netos.

Não se recorda, Senhor Presidente [3]. O Presidente franziu a testa. Começou a lembrar-se.

— Sim, lembro-me da visita de Dona Benta e seus netos. Veio também uma bonequinha falante e um milho de cartola. Mas aquele Visconde era um sabugo de pernas e não esse tremendo gigante que agora surge diante de nós.

— Pois fique sabendo que é o mesmo. O Visconde que é um vegetal, não diminuiu como nós, que somos gente — e por isso parece agora um verdadeiro gigante. E eu sou a "evolução genial" daquela bonequinha pernóstica.

— Como?

— Artes do mistério. Fui virando gentinha e gente sou; belisco-me e sinto a dor da carne. E também como. Já o Visconde permaneceu milho. Fala, pensa, raciocina muito bem, sabe todas as coisas, mas não come nem sente dor de beliscão.

CAPÍTULO 23: **AINDA LÁ**

O governo americano não voltava a si do assombro. Aquilo era um milagre ainda maior que o súbito apequena-mento. Emília contou o que tinha visto na Europa e na Ásia, o seu encontro com o Grande Ditador e com o Filho do Sol na tampa de caneta; falou da destruição pelo frio dos exércitos em luta na Rússia e depois desfiou toda a história do Doutor Barnes, fundador de Pail City.

O próprio ministro dos correios ignorava o nome daquela cidade.

Emília explicou.

— Ah, é uma galanteza de cidade nova que está se formando em volta dum balde velho — sem pressa, sem galopes, sem ferro, sem fogo. Como as cidades imensas da civilização tamanhuda estão condenadas a desaparecer, invadidas pelo mato, a civilização nova já começou a criar cidades dum tipo novo — e entre as muitas que já devem estar em formação duvido que haja uma melhor que Pail City. Até árvores de guarda-sóis vi lá. Quem precisa de um, não vai a nenhuma loja comprá-lo. Chega à árvore, escolhe um do tamanho desejado e colhe-o.

Os ministros entreolharam-se. Se a cidade de Washington estava destinada a desaparecer invadida pelo mato, nada mais razoável do que irem admitindo a hipótese da mudança do governo para Pail City, o maravilhoso centro em formação onde até havia pés de guarda-sóis.

O ministro das Obras Públicas teve uma ideia.

— Senhor Presidente! A inesperada visita deste formidável e pacífico gigante vem permitir a solução dos dois grandes problemas do governo americano, por que não tenho dúvidas de que ele poderá fechar a janela e também obter lenha para a lareira. Tomo a liberdade de sugerir ao Senhor Presidente uma consulta ao nobre visitante sobre esses dois pontos.

— Nada mais simples — respondeu Emília. — X) Visconde vai fechar a janela e trazer lenha para a lareira — e ainda fará muitíssimas outras coisas preciosas para o governo americano. Duma loja da esquina poderá trazer uma infinidade de materiais utilíssimos, como, por exemplo, algodão para tangas. Acho da mais alta inconveniência que o governo americano ainda não tenha nem tanga — coisa que já está em moda em Pail City e lá na cômoda de Dona Benta. Além de servir para tanga, o algodão, sob forma de chumaço, constitui uma excelente defesa contra o frio — e contou as suas aventuras no tempo do chumaço. E para a alimentação o governo poderá organizar um serviço de minhocas secas.

— Minhocas? — exclamou o Presidente, refranzindo a testa.

Emília repetiu as palavras do Doutor Barnes sobre o valor das minhocas como substituto dos velhos bois produtores de carne de vaca.

— Mas isso é para mais tarde — explicou ela — para quando se acabarem os alimentos comuns ainda existentes nos empórios das esquinas — açúcar, queijo, pão etc. Esses alimentos ainda durarão alguns dias; depois que desaparecerem, estragados pelo bolor ou devorados pela cachorrada e a gataria solta, os senhores poderão pensar nas minhocas. O Doutor Barnes demonstra que vai ser esse o alimento básico da humanidade reduzida.

A conferência de Emília com o governo americano prolongou-se por uma hora. O ar de desespero dos ministros foi mudando. Mostraram-se mais contentes e felizes. As possibilidades da civilização nova eram realmente encantadoras.

Enquanto ela falava, o Visconde saiu para buscar o algodão e mais coisas. Apareceu minutos depois com uma cesta de preciosidades — alfinetes, botões, grampos, um carretel de linha, uma lâmina Gillette, uma, lanterninha elétrica, carrinhos e outros brinquedos miúdos, um rolo de esparadrapo etc. etc. E dum empório de comestíveis trouxe

um pacotinho de açúcar, uma fatia de queijo, um pedacinho de pão e uma garrafa de Coca-Cola.

Aquele formidável abastecimento deixou o governo americano em situação de aguentar um mês sem recorrer às minhocas. Em seguida elam mandou o Visconde buscar algumas cestas de povo.

— Sim, porque não posso compreender um governo do povo, pelo povo e para povo, sem povo nenhum — disse ela. — Vou dar povo ao governo americano.

O Visconde saiu e com um pauzinho andou catando gente de todas as frestas e buracos que encontrou. Conseguiu assim dotar o governo americano com um lote de povo de 120 cabeças — 60 homens e 60 mulheres.

Emília aproveitou a ocasião para revelar os seus conhecimentos da história americana.

— O navio *Mayflower* — disse ela — despejou neste país um carregamento de 120 peregrinos ingleses, dos quais saiu esta grande república. O *Mayflower* de agora é a cesta do Visconde. Faço votos para que o governo americano consiga realizar com os 120 peregrinos do Visconde os mesmos milagres realizados com os peregrinos do *Mayflower*.

Os ministros estavam encantados com as geniais soluções da Emília e do gigante. Cochicharam entre si; um adiantou-se e disse:

— Estou autorizado pelo Presidente a propor ao Senhor Visconde de Sabugosa um grande negócio: ficar aqui a serviço do governo americano. Não discutimos preço. O Senhor Sabugosa ganhará quantos dólares quiser.

Esse ministro ainda não se acostumara com a Ordem Nova. Ainda estava com as ideias velhas na cabeça. Dólares! Tinha graça.

Emília riu-se.

— De que valem dólares, senhor ministro? Tudo está mudado. Aquele ouro que antigamente era de tanto valor, vale agora menos que um chumacinho de algodão. O Visconde ficaria aqui com o maior prazer, se não fosse tão necessário na cômoda de Dona Benta. Mas podemos fazer um arranjo. Todas as semanas ele virá, por uma hora ou duas fazer os serviços do governo americano. E se houver trabalhos que exijam grande força física poderei mandar também o Conselheiro e o Quindim.

Ninguém sabia que personagens eram aqueles. Emília explicou.

— O Conselheiro é o nosso burro falante, criatura excelente, o mais discreto pensador que temos daquelas bandas. E Quindim é um verdadeiro tanque de carne.

— Tanque de carne? — repetiu o Presidente.

— Sim. Trata-se dum rinoceronte mansíssimo e fortíssimo, que mora no Picapau Amarelo. Para fazer força bruta, não há segundo.

Com uma chifrada arromba até a porta do Tesouro.

Aquela história do Quindim e do burro falante atrapalhou o governo.

— Sim — continuou Emília — lendo na cara de todos a atrapalhação. Quindim é um assombro no transporte. Poderá sem o menor esforço conduzir no lombo vinte mil insetos descascados. Se o governo americano pilhar esse veículo, estará servido pelo resto da vida. Quem não obedecerá a um governo dotado de um rinoceronte?

A hipótese entusiasmou o ministro da Guerra. Um tanque de carne! Que maravilha!

— Bom — disse Emília por fim. — Tenho de voltar para a cômoda a

fim de realizar o plebiscito. Agradeço ao governo americano a boa acolhida com que nos recebeu. Tomo a liberdade de oferecer ao Senhor Presidente uma pitadinha de superpó. Quando quiser repousar das canseiras do governo, aspire três grãos e apareça no Picapau Amarelo.

— É então como o tapete mágico das "Mil e Uma Noites"? — perguntou o Presidente.

— Ah, muito melhor! Aquele tapete é um carro de boi perto disto. Agora, por exemplo, para voltarmos ao Picapau, bastam-nos três grãos apenas. Para irmos à Casa das Chaves são precisos seis grãos — mas também aquilo lá deve ser o fim do mundo.

— Que história de Casa das Chaves é essa? Emília suspirou.

— Um segredo que não posso revelar, Senhor Presidente.

— Por quê?

— Porque eu correria o risco de ser linchada.

No momento das despedidas o governo americano até perdeu a fala de tanta emoção. De que modo agradecer os serviços que Emília e o Visconde haviam prestado?

— Não fale, Senhor Presidente! — disse Emília entrando na cartola e plantando-se na janelinha. — As grandes gratidões são mudas. Seja feliz e goze do apequenamento, porque se o plebiscito decidir que dê o Elefante, eu sentirei muito, mas farei que saia o Elefante.

A cara de todos era um verdadeiro ponto de interrogação. Aqueles homens de Estado cada vez entendiam menos.
— Dar o Elefante, Senhor Presidente, quer dizer dar o Tamanho. Mas quem vai decidir esse ponto é lá o Plebiscito em cima da cômoda. Sou democrática. Não resolvo nada sem a contagem dos narizes. *Good bye! Good bye!*

Todos ficaram na mesma. O Visconde tirou do bolso a caixinha do superpó, deu meio grão a Emília e reservou três para si. Ambos aspiraram o pó ao mesmo tempo, enquanto diziam mentalmente: "Sítio."

CAPÍTULO 24: **O PLEBISCITO**

Fiunnn... n... n... n... n... Plaft! O Visconde caiu sentado na varanda do Pica-pau Amarelo. O Conselheiro rinchou de alegria e veio num trote muito delicado.

— Não houve nada de mais por aqui? — perguntou Emília pela boca do seu alto-falante.

— O pinto sura andou querendo entrar, mas toquei-o — respondeu o burro.

— E Rabicó?

— Esse não apareceu.

O Visconde encaminhou-se para o quarto da cômoda. Ao verem-no surgir, soou lá em cima o *|Ale guá* da criançada de tanga. Todos correram a rodear a cartola que o Visconde depôs sobre a cômoda. Emília apareceu na portinha, de mãos à cintura. Cada qual tinha uma coisa a dizer. Juquinha veio com a história da mosca que ele e Pedrinho *quase* agarraram pelas pernas. "Era das rajadas."

Emília dirigiu-se para a caixa de fósforos de Dona Benta, seguida dos meninos. Estava ansiosa por contar as façanhas da viagem pelo mundo.

— Ah, eu queria que a senhora visse a cara do Presidente quando o

Visconde saiu de trás do reposteiro e entrou! Não havia meio de crer que o viscondão de agora era o mesmo viscondinho de antigamente.

A história de Pail City encantou Pedrinho, o qual insistiu em descer da cômoda para imediatamente fundar no jardim uma cidade como aquela — a Cidade do Regador. Tia Nastácia indignou-se com a carne seca de minhoca.

— Credo! Viver tantos anos para acabar assim, comendo minhoca seca e ainda mais sem sal!

— E o Coronel? — perguntou Emília.

— Está escondido por aí, vestindo a tanga de algodão que eu fiz — respondeu a negra. — Aquela roupa de angélica tinha um cheiro tão forte que até dava dor de cabeça no coitado.

O Coronel apareceu lá de trás da cestinha de costura, ainda amarrando a sua tanga nova. Foi recebido com as palmas da criançada.

— E quando vai ser o plebiscito, Emília? — perguntou Narizinho.

— Agora. Apressei minha" viagem de regresso justamente por causa do plebiscito. Sou democrática. Quero que as coisas sejam feitas segundo a vontade da maioria. Se a maioria quiser a volta do Tamanho, eu sentirei muito, mas farei voltar o Tamanho. Levo o Visconde à Casa das Chaves e ele põe a Chave do Tamanho na posição em que estava.

— Pois então comece.

Emília fez o Visconde colocá-la no alto da cartola e de lá, debaixo do chapéu-de-sapo, gritou:

— Plebiscito! Plebiscito! Aproximem-se todos para votar. Todos rodearam a cartola.

— Quem quiser a volta do Tamanho, levante a mão.

— Os adultos ali presentes levantaram a mão. Eram conservadores, com ideias emperradas na cabeça e preferiam que tudo voltasse a ser como antigamente. Emília contou os votos. Dona Benta, tia Nastácia, o Coronel. Três votos tamanhudos.

— E agora — continuou Emília — quem não quiser o Tamanho, levante o pé!

A criançada inteira levantou o pé. Eram radicais. Não tinham ideias emperradas na cabeça. Gostavam de mudanças. Emília contou os votos. Narizinho, Pedrinho e Juquinha. Três votos destamanhudos.

— Empatou! Empatou! Viva! Viva!...

— Falta o voto da Candoca — disse Narizinho; mas Emília, que tinha medo do voto da Candoca, porque as saudades da mamãe podiam fazê-la votar a favor do Tamanho, declarou logo:

— A Candoca ainda não tem idade para votar. Empatou! E agora, com os "meus" votos, o Tamanho perde.

Os "meus" eram o dela e do Visconde. Mas Dona Benta reclamou:

— Falta a votação do terreiro.

Era verdade. Faltavam os votos do Burro Falante, do Quindim, da Mocha e do Rabicó. Emília mandou que o Visconde pusesse a cartola e lá foi para o terreiro. Depois de contar a história do plebiscito ao Burro Falante, pediu-lhe o voto.
— Eu voto pelo Tamanho — respondeu com firmeza o burro, sem piscar as orelhas.

Emília danou.

— Por quê?

O Conselheiro explicou que não podia conformar-se com a ideia duma senhora tão distinta como Dona Benta ficar toda a vida naquela situaçãozinha de inseto descascado. A gratidão mandava-o votar pela volta do Tamanho.

— Bom. Se é por gratidão, passa. Vamos agora ver aquele dorminhoco do Quindim.

O rinoceronte, lá embaixo da figueira, votou em branco e não deu satisfações. Quindim andava muito antipático e neurastênico.

A vaca Mocha também votou pelo Tamanho, o que era natural, pois sem uma tia Nastácia grande ela não teria mais as suas rações de espigas de milho do costume.

— E Rabicó? — perguntou Emília.

— Está ausente — respondeu o burro.

— Não faz mal. Conheço Rabicó, sei que ele é contra o Tamanho — e Emília apossou-se do voto de Rabicó. Mesmo assim o Tamanho estava ganhando. Havia 5 votos a favor do Tamanho e só 4 contra. Mas com os dois votos finais, o dela e o do Visconde, o Tamanho seria derrotado por um.

Emília voltou para a cômoda muito contente. Em seu rostinho brilhava o sorriso da vitória.

— Os votos do terreiro — disse ela — aumentaram a contagem a favor do Tamanho, mas há ainda os nossos, o meu voto e o do Visconde, e nós votamos contra o Tamanho. Temos assim 6 votos contra e 5 a favor. O Tamanho perdeu. Viva, viva a criançada!

Dona Benta interveio.

— Como o Visconde se acha presente — disse ela — não vejo razão para que outra pessoa vote por ele. Qual é o seu voto, Visconde?

Emília estava mais que certa de que o voto do Visconde iria ser igual ao seu, não só porque o Visconde era uma propriedade sua, um verdadeiro escravo, como porque, depois do apequenamento, ele se tornara um gigante gigantesco e, pois, muito mais importante que o pobre sabugo de pernas que sempre fora. Mas enganou-se. O Visconde andava com medo das suas tremendas responsabilidades novas, e cansado de ser dirigido daqui para ali pela Emília, e sujeito até a ser emprestado a governos como se fosse um guarda-chuva. Ah, muito melhor a sua pacata vida de antigamente, em que era pequeno entre os grandes. Muito melhor a vida calma de modesto sabugo de perninhas do que a vida agitada de maior gigante dó mundo. Além disso, aquela "fazenda" em sua cartola já lhe andava dando dores de cabeça. Começara uma simples janelinha na cartola. Depois vieram a porta, as sacadas, a plantação de musgos e chapéus-de-sapo, e os órfãos, e os besouros do Juquinha, e aquilo fora virando quarto de badulaques e museu. Emília levava para lá quanta coisa curiosa descobria pelo caminho — moscas secas, caquinhos de louça, ovos de borboletas e até corações e rins secos de minhocas, lá da charqueada de Pail City. Era demais. E o Visconde não tinha dúvida nenhuma quanto aos "melhoramentos" que ela acabaria introduzindo em sua cartola — até uma lareira como aquela da Casa Branca, com grande perigo de incêndio em sua cabeça. O melhor era dar um golpe de morte na Nova Ordem. E foi assim que, quando Dona Benta lhe perguntou qual era o seu voto, o Visconde respondeu intrepidamente:

— Voto pelo Tamanho!

— Miserável! — berrou Emília, e em seu desespero caiu do alto da cartola, machucando o nariz. A criançada também protestou:

— O voto dele não vale! Ele é milho! Milho não vota!

Dona Benta, porém, manteve o voto decisivo do Visconde.

Vendo que não havia remédio senão conformar-se com a opinião do maior número, Emília fungou, fungou e, com a mais nobre humildade — grande exemplo para todos os ditadores do mundo — disse para o Visconde:

— Pois vamos para a Casa das Chaves, macaco!

CAPÍTULO 25: **A VOLTA DO TAMANHO**

Foram. Lá na Casa das Chaves o Visconde com facilidade colocou a Chave do Tamanho na posição antiga, e o fenômeno que sé operou foi o reverso do apequenamento — foi um instantâneo engrandecimento. Todos os minúsculos insetos descascados, em todos os países, subitamente voltaram ao velho tamanho anterior — e o que aconteceu daria assunto para um livro ainda maior que este.

Os insetos que estavam em buraquinhos ou frestas sofreram horrores, porque o "entalamento" não os deixava sair. Supõe-se que milhares de criaturas morreram assim. Aos que foram restituídos ao tamanho anterior a primeira coisa que lhes doeu foi a vergonha. Vexadíssimos de se verem nus, lançaram-se aos montinhos de roupas mais próximos e foram se vestindo precipitadamente. Ficou uma humanidade o que havia de cômica, dada a inevitável troca de roupas — homens vestidos de mulher, mulheres vestidas de homem, este com calças muito curtas e aquele com mangas sobrando — um verdadeiro carnaval. A fúria com que a vergonha havia voltado deu razão a Emília — vergonha é uma simples questão de tamanho.

Lá na cômoda houve um grande tombo. Aquele imenso retângulo de madeira envernizada onde caberiam folgadas centenas de criaturinhas reduzidas não comportou o volume das sete pessoas subitamente agrandadas — e caiu gente de todos os lados. E como as tanguinhas e mais vestuários de algodão em rama arrebentassem, todos se sentiram terrivelmente nus — e veio o mesmo corre-corre

para as roupas. Tia Nastácia nem se lembrou de xingar o Coronel Teodorico, de tão atrapalhada em enfiar suas saias lá na saleta. Em segundos estavam todos vestidos como sempre — exceto o Juquinha, a Candoca e o Coronel, cujas roupas haviam ficado em suas respectivas residências. Pedrinho levou o novo amigo para o seu quarto, onde lhe deu um terno velho; Narizinho cuidou de Candoca. Mas quem iria cuidar do Coronel?

Quando Emília e o Visconde reapareceram, de volta da Casa das Chaves, já igualados em tamanho, porque os dois mediam 40 centímetros, a situação era aquela: todos restaurados no tamanho natural, todos vestidos e todos presentes, menos um — o Coronel.

— Que é do Coronel?

— Ninguém sabia.

Procura que procura, foram encontrá-lo escondido no guarda-roupa de Dona Benta.

— Estou descomposto — disse ele lá de dentro. — Mandem buscar minhas roupas lá em casa.

— Credo! — exclamou tia Nastácia, persignando-se. Imaginem em que estado vai ficar a roupa de Sinhá com esse cavalão em pelo pisando em tudo lá dentro...

Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com